

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL**

MATHEUS VILAS BOAS DE SANT'ANA

entre fuga e sonho: mundos bastardos e paisagens pequenas

GOIÂNIA
JULHO DE 2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

MATHEUS VILAS BOAS DE SANT'ANA,

3. Título do trabalho

Entre fuga e sonho: mundos bastardos e paisagens pequenas.

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(a) autor(a) e ao(a) orientador(a);

b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



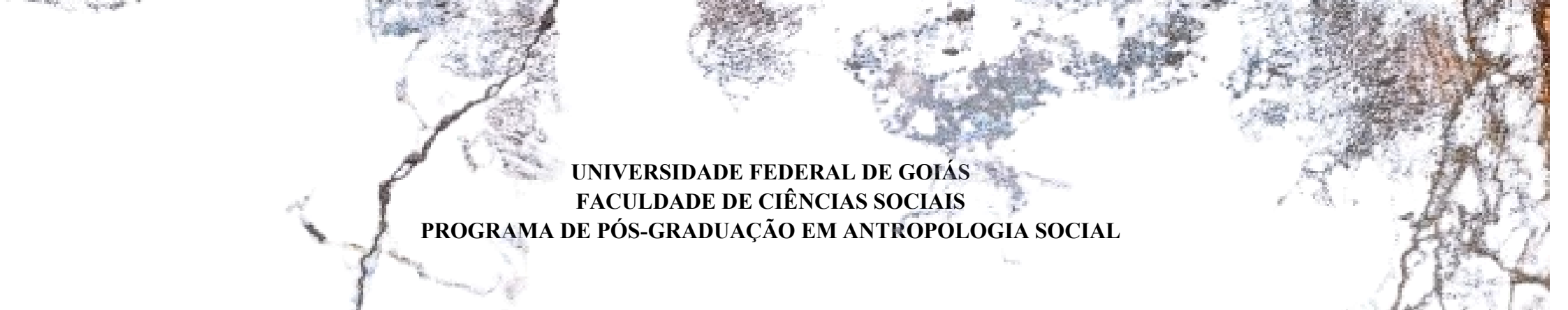
Documento assinado eletronicamente por **Matheus Vilas Boas De Sant'Ana, Discente**, em 10/12/2025, às 10:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ema Cláudia Ribeiro Pires, Usuário Externo**, em 10/12/2025, às 11:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5849329** e o código CRC **CB247CC4**.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL**

MATHEUS VILAS BOAS DE SANT'ANA

entre fuga e sonho: mundos bastardos e paisagens pequenas

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, da Faculdade de Ciências Sociais, da Universidade Federal de Goiás (UFG), como requisito para obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Área de concentração: Antropologia Social.

Linha de pesquisa: Etnografia dos conhecimentos e experimentações etnográficas.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Ema Cláudia Ribeiro Pires

GOIÂNIA
JULHO DE 2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

de Sant'Ana, Matheus Vilas Boas
entre fuga e sonho: mundos bastardos e paisagens pequenas
[manuscrito] / Matheus Vilas Boas de Sant'Ana. - 2025.
170 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Ema Cláudia Ribeiro Pires.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de Ciências Sociais (FCS), Programa de Pós-Graduação em
Antropologia Social, Goiânia, 2025.

Bibliografia.

Inclui fotografias, lista de figuras.

1. antropologia. 2. audiovisual. 3. cartografia afetiva. 4. cerrado. 5.
paisagem. I. Pires, Ema Cláudia Ribeiro, orient. II. Título.

CDU 572



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº 008/25-D da sessão de Defesa de Dissertação de Mestrado de MATHEUS VILAS BOAS DE SANT'ANA, estudante do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social.

Aos quatro dias do mês de julho de 2025, às 9:00 horas, na Sala de Defesas 1 da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás (FCS/UFG) e na sala virtual acessível por meio do link <https://meet.google.com>, realizou-se a sessão pública de Defesa da Dissertação de Mestrado de MATHEUS VILAS BOAS DE SANT'ANA, intitulada *entre fuga e sonho: mundos bastardos e paisagens pequenas*. Os trabalhos foram abertos pela presidente da Banca Examinadora, Profa. Ema Cláudia Ribeiro Pires (PPGAS/UFG – orientadora), com a participação dos/as demais membros/as: Profa. Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues (FAV/UFG – membro titular externo ao Programa) e Profa. Camila Azevedo de Moraes Wichers (USP e PPGAS/UFG – membro titular interno ao Programa). Também compôs a banca, como suplente interno, o Prof. Glauco Batista Ferreira (PPGAS/UFG) e, como suplente externa, a Doutora Ralyanara Freire (Ciranda de Arte, SeducGO). O/a candidato/a apresentou seu trabalho, foi arguido/a pela Banca e respondeu às arguições. Após a exposição e as discussões, a Banca Examinadora reuniu-se em sessão reservada, pela qual foi atribuído ao/à mestrando/a o seguinte resultado: aprovado/a por seus/suas examinadores/as. Reabertos os trabalhos, a presidente proclamou o resultado e declarou encerrada a sessão pública, da qual foi lavrada a presente ata, que vai assinada por ela e pelos/as demais integrantes da Banca Examinadora.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Ema Claudia Ribeiro Pires, Professora do Magistério Superior**, em 23/07/2025, às 13:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Camila Azevedo de Moraes Wichers, Usuário Externo**, em 23/07/2025, às 23:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Manoela Dos Anjos Afonso Rodrigues, Professor do Magistério Superior**, em 30/07/2025, às 08:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5443043** e o código CRC **4E554BF2**.

Todo tempo até aqui não é suficiente,

À meus pais, pela centelha de vida que me deram, obrigado Solange e David, vocês são os seres mais incríveis que já conheci.
Foi meu irmão Jonathas que me deu coragem pras transgressões que precisei assumir, você provoca minha inspiração.
Bruno, com você as paisagens da minha vida ganham mais cor a cada estação, sou mais feliz por habitar o mundo com você.
Amo vocês.

Querida Eliane, nossa amizade é dos presentes mais precisos.
Laura, você é um ser incrível, obrigado pelas fofocas e conselhos.
Amanda, desde o primeiro dia que te vi aprendo com a profundidade de sua existência peculiar.
Laércio obrigado pelo acolhimento e amizade.
Amo vocês.

Dani, seu carisma e sinceridade me ensinaram muitas coisas especiais
Thays, sua mente perspicaz é um tesouro, obrigado pelas pérolas.
Silmara, o seu sorriso espontâneo é realmente único.
Nathali, amiga, obrigado por me incentivar na arte.
Zenilda, sua resiliência é exemplo!
Amo vocês.

Aos professores da banca, gratidão por toparem pensar sobre o Cerrado.
Ema, sua confiança e apoio nesta jornada fizeram total diferença, te desejo bons encontros com o inesperado.
Ao PPGAS/UFG, obrigado por acolherem a semente desta pesquisa.
À FAPEG, agradeço pelo apoio financeiro que deu me deu o suporte material necessário para continuar estudando

A todos outros vocês que não mencionei o nome e que me ajudam nessa vida, muito obrigado. Esse texto logo passará, mas nós, passarinhos.
Desejo a vocês as mais lindas flores e os mais belos amores. Sejam felizes o quanto quiserem ser.

ÍNDICE DE IMAGENS

IMAGEM 1	16	IMAGEM 30	72
IMAGEM 2	18	IMAGEM 31	74
IMAGEM 3	21	IMAGEM 32	74
IMAGEM 4	23	IMAGEM 33	78
IMAGEM 5	24	IMAGEM 34	79
IMAGEM 6	27	IMAGEM 35	80
IMAGEM 7	29	IMAGEM 36	83
IMAGEM 8	29	IMAGEM 37	92
IMAGEM 9	31	IMAGEM 38	93
IMAGEM 10	34	IMAGEM 39	95
IMAGEM 11	35	IMAGEM 40	103
IMAGEM 12	36	IMAGEM 41	105
IMAGEM 13	41	IMAGEM 42	108
IMAGEM 14	43	IMAGEM 43	112
IMAGEM 15	45	IMAGEM 44	114
IMAGEM 16	46	IMAGEM 45	115
IMAGEM 17	48	IMAGEM 46	127
IMAGEM 18	49	IMAGEM 47	128
IMAGEM 19	50	IMAGEM 48	128
IMAGEM 20	51	IMAGEM 49	129
IMAGEM 21	52	IMAGEM 50	130
IMAGEM 22	52	IMAGEM 51	132
IMAGEM 23	53	IMAGEM 52	140
IMAGEM 24	55	IMAGEM 53	141
IMAGEM 25	57	IMAGEM 54	142
IMAGEM 26	59	IMAGEM 55	143
IMAGEM 27	62	IMAGEM 56	150
IMAGEM 28	69	IMAGEM 57	155
IMAGEM 29	70		



ruptura

pequeno início das coisas

Esta dissertação propõe uma investigação antropológica experimental ancorada na experiência sensível de habitar o Cerrado em tempos de crise. Por meio da noção de “mundos bastardos” como contravisualidades do sertão, exploro caminhos para uma antropologia insurgente que emerge da percepção afetiva, de um corpo-território que habita o sertão e das memórias de futuros imaginados.

Trata-se de um trabalho que transita entre arte e antropologia, entre o vivido e o sonhado, onde o Cerrado aparece em paisagens de (re)encantamento. Ao narrar o percurso de um artista-antropólogo, me inscrevo nas fronteiras entre conhecimento acadêmico e poética da existência, convocando outras formas de ver, sentir e habitar o mundo.

Longe de ser um trabalho acabado, preciso dizer: esta é uma versão pós-defesa.

RESUMO

Mundos bastardos são contravisualidades no sertão. Esta é uma pesquisa antropológica experimental. Habitar o mundo-Cerrado em tempos de crise provoca fissuras em um território em disputa, e cria novas possibilidades temáticas para uma antropologia insurgente. Eu sou um corpo-território em busca das origens e do meu lugar no mundo. Artista, viajante, bagunçante, mergulho na cartografia afetiva para investigar paisagens pequenas do Cerrado. No meio de alteridades afetadas, ao explorar memórias de um futuro imaginado, reflito sobre a percepção da vida nos confins desses mundos bastardos. Nascer e crescer no Cerrado é resistir — é se arriscar em horizontes fronteiriços. Enquanto artista-antropólogo, o Cerrado surge e ressurge como (re)encantamento com a vida. Encantar-se é um certo jeito de fugir. Reencantar-se, uma tentativa de sonhar com outros mundos impossíveis.

Palavras Chave: antropologia; audiovisual; cartografia afetiva; cerrado; paisagem.

ABSTRACT

Bastard worlds are counter-visualities in the sertão. This is an experimental anthropological inquiry. To inhabit the Cerrado-world in times of crisis is to endure the fissures of a territory in dispute and to give rise to new thematic possibilities for an insurgent anthropology. I am a body-territory searching for origins and for my place in the world. As an artist, a traveler, a disturber of order, I plunge into an affective cartography to investigate the small landscapes of the Cerrado. Amid affected alterities, in exploring memories of an imagined future, I reflect on the perception of life in the confines of these bastard worlds. To be born and raised in the Cerrado is to resist—an act of risking oneself across borderland horizons. As an artist-anthropologist, the Cerrado emerges and re-emerges as a (re)enchantment with life. To be enchanted is a certain way of fleeing. To re-enchant oneself is an attempt to dream of other impossible worlds.

Keywords: anthropology; audiovisual; affective cartography; Cerrado biome; landscape.



Sumário

ruptura

11

Parte I - as paisagens (re)conhecidas

17

as metáforas de fuga e sonho

16

as paisagens (re)conhecidas

22

antes de tudo

35

pequenas flores e onde habitam (MEMORIAL)

44

quintal é onde meus pés pisam

57

Parte II - mundo

64

mundos imaginados, realidades (re)montadas

65

autobiogeografia.....71

modos de vida71

cartografia afetiva.....72

— mundos bastardos, infelicidades ingênuas 75

origens 86

muita vontade de viver 89

habitar 111

Jardim das delicias 133

bagunçar as coisas 141

quando eu conheci o mar 146

trecos e coisas 157

REFERÊNCIAS: 161



Esta pesquisa foi financiada pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de Goiás - FAPEG Edital 001/2023





**Parte I - as paisagens
(re)conhecidas**

no começo tudo tendia pro fim

as metáforas de fuga e sonho

Desejos por lugares inéditos me fizeram fugitivo.

Curiosidades por mundos bastardos me fizeram sonhador.

Eu sou um viajante e foi assim que eu vim parar neste lugar, lugar que se faz para dentro de mim e para dentro de outros, pois “é o sentir que vence a distância espacial que nos separa dos outros e nos põe em contato com eles” (Montagu, 1998, p. 298).

Toda viagem é fuga.

Toda fuga exige certa coragem em sonhar.

É em fugas e sonhos que crio *mundos bastardos*. Ao me aproximar e ao me afastar da origem, ao caminhar pelo destino, quando revisito passados, torno o estranho familiar e estranho o familiar (DaMatta, 1974).



IMAGEM 1

Habito o mundo e me questiono se sou um artista ou um antropólogo. *Toque*, Divinópolis de Goiás, 2017. Acervo pessoal.

Como se tivesse que escolher um e refutar o outro, por enquanto, não vou assumir nem uma coisa nem outra, mas que, bem, sou um meio inteiro artista-antropólogo em busca de perspectivas prismáticas (Coessens, 2014).

Sou experimentação, movimentos em fuga, perseguição de sonhos.

Se ainda não sou nem artista nem antropólogo, sou aprendiz de tudo um pouco e em viagens verticais, para dentro e para cima, como diz DaMatta (1974), vou descobrindo que posso ter um pouco de profeta, santo e louco.

Penso, dentro da minha cabeça, que fuga e sonho são inventivos aspectos da cultura. Se a suposição de Wagner (2012), de que a cultura é uma invenção, fizer um mínimo de sentido a inventividade me permite confabular e trazer coisas pra fora da minha cabeça, pros outros. Os outros são esses sujeitos do cotidiano, da vida comum e, enquanto alguém disposto a situar domínios diferentes em um universo de significação próprio (DaMatta, 1974), tento colocar em perspectiva a prática etnográfica, para experimentar.

As metáforas de fuga e sonho são abstrações encarnadas. São existências autênticas. Fuga e Sonho não estão isolados da realidade factível, como a experimentamos, no mundo acordado. Sobrepostas à elementos tradicionais da cultura, no mundo dos sentidos, ganham manifestações sensíveis no corpo que persegue origens, bagunça destinos e viaja por paisagens afetivas:

1. **Fuga** “é fazer vazar o real e operar as variações sem fim para frear toda captura” (Bona, 2017, p. 04).
2. **Sonho** “é uma coisa que acontece exatamente num outro lugar, que não cabe nessa configuração de espaço-tempo que lidamos no cotidiano” (Krenak, 2022, p.18).

Fuga e sonho fazem vazar o real, como elementos culturais que testam limites teóricos. Como padrões de cultura (Benedict, 2000), sem equilíbrio ou ritmo certos, não cabem na configuração de nossos dias normais, são misteriosos fantasmas da realidade.



Agora que começo a trazer essas coisas pra fora da minha cabeça, acho importante descosturar e refazer outros encontros: fuga e sonho são linhas que costuram o tecido social (Freire, 2021) dos mundos bastardos - **fuga como criatividade:** “A fuga é fuga criativa” (Bona, 2017, p. 04); **sonho como imaginação:** “se a gente estende o conceito de sonho para qualquer tipo de imaginação, mesmo desperto você vai sonhar” (Ribeiro, 2022, p. 36).

Cerzindo um diálogo com Gombrich (1995, p. 11) fuga e sonho trazem de volta, com foco na experimentação, o “status das percepções sensoriais como fonte de conhecimento”, pois dão conta de dimensões impalpáveis, incorpóreas, intangíveis. Dimensões costuradas no corpo sensível que retoma a plena capacidade de cruzar pontes de significação. Pontes que são também antropológicas quando privilegiam a multiplicidade de perspectivas sensoriais, admitindo “*to focus on the lived body moving-in-the-world, considering it as a source of perception*” (De Aantoni; Dumouchel, 2020, p. 2). Um corpo capaz de fugir e de sonhar.

Como uma existência humana na Terra, tenho um corpo e me movo no mundo. Aqui restrinjo a imensidão do que significa o mundo a alguns espaços do bioma Cerrado. Esse mover acontece pelos espaços do urbano, do rural e da natureza (IBGE, 2023). A este conjunto de espaços chamarei daqui pra frente de *Mundo-Cerrado*. Aos deslocamentos por entre os espaços deste mundo, dou nome de *travessias*. Meu corpo experimenta e produz memórias em travessias no *Mundo-Cerrado*, travessias que encontram ressonância em Carlos Alberto Brandão (2023) e suas andanças por este mesmo mundo:

IMAGEM 2

Passeio sensorial, Monte Alegre de Goiás, 2015. Acervo pessoal.

um corpo sensível aos tons e sons do cerrado haverá se saber sentir a variação dos tempos e ares do clima ao longo de um mesmo dia. E saberá esperar a magia de quando sobre a terra seca e os sares quentes, desabam vindas de um céu que se acinzentava em minutos, as longas e generosas chuvas que tudo reverdecem e revivificam. E que quando passam e clareiam os ares, devolvem ao cerrado momentos de um raro céu cristalino, com amanheceres e crepúsculos que deram fama aos horizontes de leste e de oeste no Planalto Central (Brandão, 2023, p. 07)

Como um artista-antropólogo que tenta se relacionar com o mundo-Cerrado, o objeto de investigação desta pesquisa mobiliza memórias - palavras, sons e imagens - reunidas a partir de um acervo audiovisual do Cerrado Goiano. As travessias desta pesquisa devaneiam pelo simbólico e imaginário. A intenção é acionar cosmopercepções de “diversos sentidos que não estejam fixados apenas na visualidade, mas extrapolando suas significações e interpretações” (Gomes, 2023, p. 47).

Na jornada pelo *Mundo-Cerrado*, fuga e sonho são preciosas estratégias para superar tragédias.

Em tempos onde a resiliência da vida, não só humana, tem sido testada em diversas frentes, climáticas, econômicas, sanitárias, sociais, afetivas e emocionais, o universo das percepções se abre de maneira muito especial a mundos de significação e de ressignificação próprios. Em tempos difíceis, *mundos bastardos* são universos onde acontecem insurgências: “partimos do propósito de escrevermos a partir daquilo que afirmamos sobre nós e sobre os outros, entrelaçamentos das percepções de mundos” (Silva, 2019, p 15).

No entanto, mais do que sentidos pessoais, a aventura antropológica pelos *mundos bastardos* é um contributo importante para a continuidade de uma antropologia insurgente no sertão. Para cartografar *mundos bastardos*, busco inspirações em Selma Custódia Sena (1987; 2005; 2010; 2011) e Nei Clara de Lima (2005; 2020), mas também em novas gerações que atualizam como fazer as coisas como Marta Quintiliano (2019; 2025), Iêda Figueiró (2021), Ana Clara Damásio (2020). A antropologia desde o sertão, feita aqui, por um corpo que habita as paisagens do lugar é resistência ao desaparecimento.

Antes, nas ideias iniciais, quando escolhi como objeto desta pesquisa meu acervo audiovisual sobre o Cerrado, não tinha em mente um tema específico além do grande quadro do Cerrado e como um aprendiz de antropólogo, pouca noção da dimensão dos rumos e proporções que



Mais sobre a
paisagem pequena
aqui

a pesquisa tomaria. Em julho de 2024, quando entreguei parte do texto que vocês estão lendo agora para a banca de qualificação, as pessoas da banca – uma antropóloga, uma socióloga e uma artista visual - me chamaram a atenção para como mundos bastardos poderia ser “uma expressão articuladora de reflexão nesta dissertação”¹. Desde então tenho tentado desenvolver um fio de argumento antropológico que enuncie sobre o que é esta pesquisa.

No entanto quanto mais eu visitava o arquivo da pesquisa, fui me sentindo atraído pelas imagens em transe, mas também por sons ruidosos que me “comunicam silenciosamente o modo de ser de pessoas que vivem nesses tempos-espacos” (Magalhães, 2004, p. 213). Em simultâneo, em tempos de crise, “refletir sobre o futuro da humanidade é encarar a travessia de um portal do tempo. É avistar, em desfoque, uma paisagem nebulosa e incerta (Gheirart, 2015, p. 46). Como vidas abissais, as paisagens dos mundos bastardos não se manifestam totalmente. É por isso que meu fascínio se mantém, um bom mistério pede uma boa investigação.

Desde o início, mesmo antes de ingressar na pós graduação ou pelo menos desde a primeira graduação, eu sempre explorarei potenciais formas de reflexão sobre sons e imagens. Digo que até mesmo antes de meu encontro com as ciências sociais. Eu já era um aprendiz de antropólogo, já existia ali uma intuição, ou melhor dizendo, uma atração pela insurgência, primeiro da fotografia, como fonte principal de produção de um arquivo sobre o Cerrado, e depois sobre outros suportes de acumulação de memórias como sons, vídeos e poemas que reuni por mais de uma década até aqui.

Como se todo tempo até aqui não fosse suficiente, *entre fuga e sonho: mundos bastardos e paisagens pequenas* - “bastardos” quebra expectativas: são mundos sem legitimidade oficial, marginais, desviantes — como o imaginário dos sonhadores, dos viajantes, dos artistas. Ao

¹ Vale mencionar que este termo articulador foi particularmente ressaltado pela professora Manoela Afonso Rodrigues do PPGACV/FAV-UFG.

me fazer viajar (Gonçalves, N., 2007) através de paisagens (re)conhecidas esta pesquisa se faz e refaz ao reunir memórias da voz, de risadas, de imagens, em palavras e histórias de vida, sobre dores e contradições.

Começo a refletir memórias que despertam em mim todo esse tempo até aqui como uma reminiscência irrecusável, afinal “a memória coletiva é justamente isto: a capacidade que o indivíduo tem de se reconhecer em imagens construídas de forma coletiva, através dos anos. O bastardo, ao ser incluído, ajudará a compreender tais imagens” (Hauaji, 2012, p. 184). Ao me encontrar com a antropologia e com a arte, forjo uma identidade bastarda entre fuga, sonho e viagem, que une o ato de viver com o de se narrar.

Eu sou um viajante, um bagunçante, um artista aprendiz de antropólogo e acredito em tudo um pouco, mas mais que muita coisa, acredito que nascer, crescer e habitar o Cerrado é se juntar ao processo imaginativo de formação da vida neste bioma tão rico em biodiversidade e igualmente ameaçado e é por isso mesmo que, como instiga Krenak (2022), não se pode deixar de sonhar. **Essa pesquisa é sonho.**

Eu sou também fugitivo, investigador, não quero que se confundam, a fuga aqui não é só covardia, mas impulso — desejo que transborda no desconhecido. Eu sou um artífice e aventuro-me na criação de sentidos ao habitar o *Mundo-Cerrado*. Essa viagem cheia de riscos e perigos se inicia com a antropologia em travessias, em mundos bastardos. Mundos de mim mesmo e dos outros. **Essa pesquisa é fuga.**

IMAGEM 3

Portal, Riacho dos Cavalos-GO, 2012. Acervo pessoal.



as paisagens (re)conhecidas

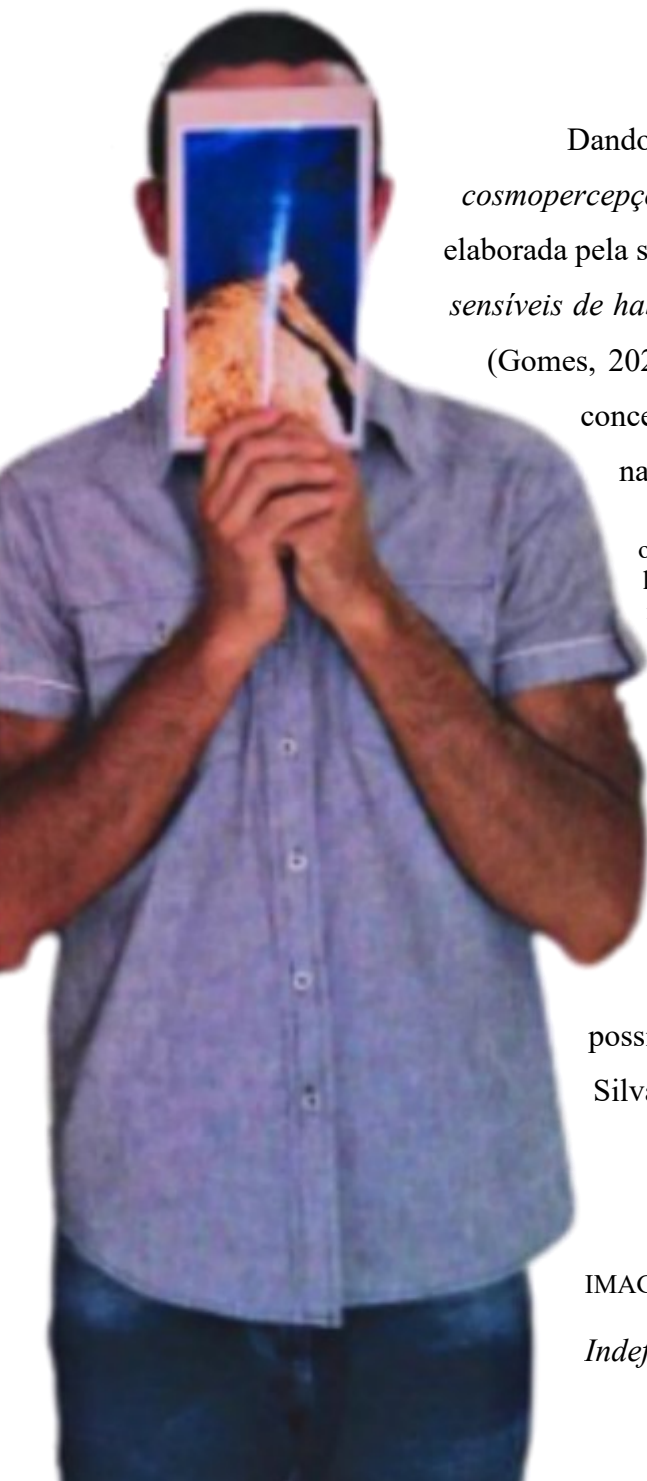
Usando por analogia a ideia de *portal do tempo* de Gheirart (2015), o *Mundo-Cerrado* poderia mesmo ser considerado como um portal para memórias: as travessias pelo mundo-Cerrado reúnem muitos tempos dentro de outros tempos. Essa compreensão não está longe da forma filosófica de composição de paisagens proposta por Georg Simmel (2009). Para ele, a demarcação da paisagem é um ato espiritual de reunião de fragmentos momentâneos de uma certa unidade de natureza em um fenômeno ótico ou estéticos onde são “*activados* e dissolvidos os limites auto delineados da paisagem” (Simmel, 2009, p. 06).

Se a paisagem pode ser um fenômeno fragmentado da natureza, imagine que você pode tocar a membrana que separa o mundo normal dos mundos bastardos, seus dedos seriam capazes de sentir a superfície rugosa, e irregular, as ondulações, as cicatrizes como a textura de uma casca² de uma árvore que já passou por inúmeras intempéries, sobreviveu a secas e resistiu a inundações, ali, entre as camadas, capture o cheiro da casca fresca, escute o som do toque dos seus dedos sobre as partes mais brutas e nas nuances macias, as camadas do tempo acumuladas, uma sobre a outra, olhe pelas fissuras, veja a profundidade de cada reminiscência irrecusável, se instigue em cosmopercepções, “tanto através de sentidos físicos, quanto pela capacidade de percepção que informa o corpo e o pensamento” (Gomes, 2023, p. 105).

Figueira Infinita ensina sobre “uma existência não fragmentada, ou sobre sonhos, ou sobre outras fontes e agentes e seres de inspiração” (Figueiró, 2021, p. 33), onde “a perspectiva da enchente” força travessias, deslocamentos pela instabilidade. Ao mobilizar tempos da instabilidade, *mundos bastardos*, são universos do incomensurável. Para mim, no *Mundo-Cerrado*, a enchente é fuga, é sonho.

² Mais sobre a paisagem pequena aqui





Dando vazão à enchente, *mundos bastardos* seriam criados a partir de peculiares manifestações de *cosmopercepções* (OYEWUMI, 2004). À noção original de cosmopercepção - também traduzida como cosmosensação - elaborada pela socióloga Oyèrónkéé Oyěwùmí, agrego, para este trabalho, o sentido de que cosmopercepções são *maneiras sensíveis de habitar o mundo*. O conceito de cosmopercepção é articulado pela Doutora em Comunicação Zanza Gomes (Gomes, 2023, p. 20,195), onde ela nos provoca quando movimenta essa noção, que na lógica africana é mais que conceitos e na prática “amplia a nossa perspectiva sensitiva” ao mobilizar “outros sentidos que não estão fixados na visualidade” ou ainda “em contraponto à visualidade”:

o conceito de Cosmosensação foi mobilizado ao longo da tese e também orientou a apresentação das imagens, que extrapolam os limites da margem. Ao sangrar pelas bordas, as imagens expõem o limiar entre o registro escrito e a vivência, em diversos momentos o exercício de explicar através da linguagem escrita deforma o significado obtido tanto no momento dos registros, quanto no que se refere aos sentimentos mobilizados no ato de registrar, analisar e interpretar as imagens. O ato de tentar traduzir as imagens em palavras provoca perda de sentidos (Gomes 2024, p. 46)

Cosmopercepção é uma noção importante neste trabalho para expor fissuras multissensoriais do que significa habitar o *Mundo-Cerrado*. Se puder traçar um ponto de costura com o que articula Zanza Gomes, a cosmopercepção nesta pesquisa “busca abranger a complexidade do corpo, pois compreende que, através da experiência dos sentidos estamos integradas à natureza e ao cosmo” (Gomes, 2023, p.47).

Ao explorar estilos de criatividade antropológica, no decorrer da pesquisa fui descobrindo que tais possibilidades não teriam surgido senão através do “envolvimento perceptivo com o espaço percorrido” (Da Silva, 2022, p. 1212).

IMAGEM 4

Indefinido, Arraias-TO, 2015. Acervo pessoal.

Nascer, crescer e habitar o Cerrado é se juntar ao Território, ao mundo-Cerrado, ao chão, ao ar, à água, ao fogo, ao verde e à seca, aos ciclos de renovação do bioma, à sua socio-biodiversidade, é ser um corpo-território em travessias pelo *Mundo-Cerrado*, é envolver-se perceptivamente com o espaço.

Ao discutir sobre corpo-território, Torres e De Oliveira Dias (2022) dizem que “podemos entender território como um espaço delimitado onde se configura a vida, sendo que o próprio corpo se torna um território habitado que nos permite configurar a vida social. Corpo e território comunicam-se, dessa forma, em toda sua dimensão” (Torres; De Oliveira dias, 2022, p. 28). O corpo território é capaz de criar *mundos bastardos* entre os espaços tradicionais de configuração da vida cotidiana.

Mundos bastardos são micro paisagens dentro das macropaisagens ou, dizendo de outra forma, são paisagens pequenas, dentro das grandes paisagens. De algum modo essas paisagens pequenas guardam em si abundantes pequenos fragmentos de distorções, efemeridades, irregularidades, irreverências, preciosidades, coisas comuns, simples, esquecidas.

Como água para abelhas, como poeira para o vento, como som para os ouvidos dos morcegos, como restos de florestas mortas para pequenos seres decompositores, como as raízes que esgueiram caminhos nas frestas de rochas e como todas as

IMAGEM 5

Fissural, Goiânia, 2024. Acervo Pessoal



existências criativas que surgem nos lugares mais rudes, assim são as *paisagens pequenas*. As *paisagens* pequenas, as *minúcias*³, é que forçam trânsitos por entre as fissuras do *Mundo-Cerrado*, valorizam o que se pode experienciar com os movimentos de deslocamento.

Para traduzir o que estou pensando como fissura, recorro ao dicionário *Oxford Languages*: de origem no latim, *fissūra,ae*, 'fenda, rachadura' prov. pelo francês *fissure* 'pequena fenda'. Ainda para reforçar esta definição específica, o dicionário online infopédia define Fissura como:

nome feminino

1. *fenda; greta*
2. *BIOLOGIA* *incisão profunda nas conchas*
3. *MEDICINA* *fenda ou fratura óssea*
4. *MEDICINA* *greta ou fenda nas mucosas ou na pele, geralmente em orifícios do corpo ou em zonas de articulações*

5. *ANATOMIA* *fenda natural na superfície de um osso, onde circulam vasos sanguíneos ou nervos*
6. *ANATOMIA* *sulco existente entre diferentes órgãos*
7. *Brasil popular* *ânsia, desejo imoderado*

Um dilema e, um pequeno-grande desejo, se revelam nas *paisagens pequenas*. Como não se manifestam explicitamente em ordens grandes, a essas (des)ordens alternativas, às paisagens pequenas que habitam as grandes paisagens, chamarei neste trabalho de *mundos bastardos*. Estes mundos, são bastardos porque (re)elaboram (re)existências em travessias pelo mundo-Cerrado, por entre as fissuras de um Sertão imaginado (Sena, 2011), nas assimetrias a que quase todo ser humano é submetido na vida (Ribeiro, 2022).

³ Esta contribuição é da Artista Visual e Antropóloga Ralyanara Moreira Freire que foi examinadora suplente da banca de avaliação da defesa desta dissertação. Após a defesa, Ralyanara me enviou algumas considerações e entre elas está a analogia das paisagens pequenas como “minúcias”.

Entre “abjeção e desejo” entre desejos e repulsa produz-se a “geografia do imaginário através da ficção. Retiram-se pedaços do sertão e através de operações de condensamento, de deslocamento e remontagem e de modo análogo aos mapas mentais, que nascem da memória afetiva, de lembranças encobridoras, de pedaços de sonhos e fantasias, medos e desejos” (Sena, 2011, p. 3).

Reformulando: as *paisagens pequenas* guardam em si fascinações peculiares.

O grande mistério dos *mundos bastardos*, e seu próprio valor, é, o de passarem despercebidos dos sentidos da maioria dos observadores.

Já que falei sobre desejo, a ideia de bastardia carrega em si mesma um significado de exterioridade indesejável ou um reentrante des-pertencimento: “o sentimento de mal-estar gerado pelo herdeiro ou pelo deserddado é uma figura comum” (Hauaji, 2012, p. 151). Longe do direito de ser legítimo, é alheio à uma linhagem nobre, é algo ou alguém produzido fora do aceitável, resultado de adultérios e por isso mesmo “o termo “bastardo” tem sido usado ao longo do tempo quase que exclusivamente de forma pejorativa e difamatória” (Sampaio, 2017, p. 20, grifo do autor).

De acordo com o Dicionário Oxford Languages, bastardo é:

adjetivo

1. 1.
gerado fora do matrimônio; adulterino.
2. 2.
que se degenerou; que não é puro (em relação à espécie a que pertence).

Semelhantes

adulterino
espúrio
ilegítimo

Opostas

legítimo
natural

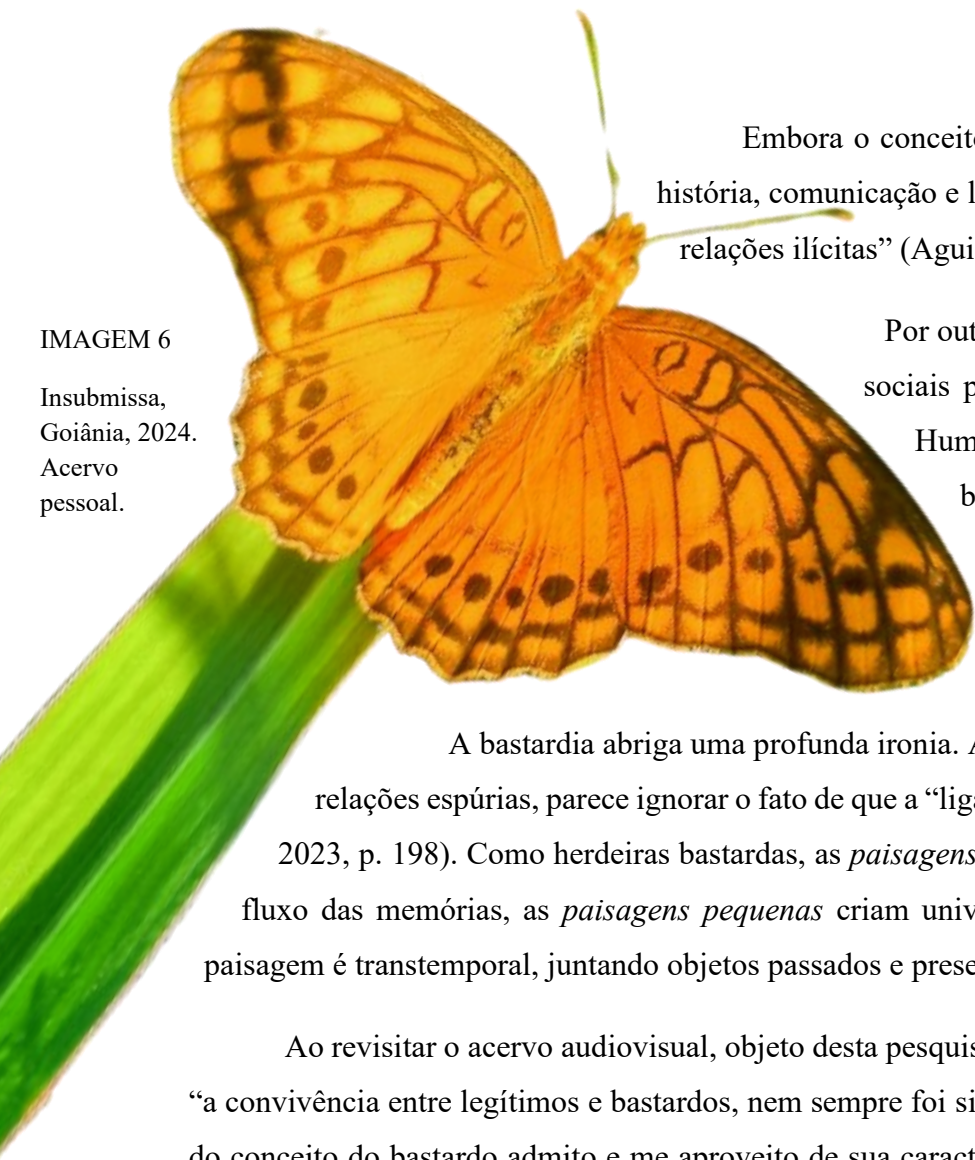


IMAGEM 6

Insubmissa,
Goiânia, 2024.
Acervo
pessoal.

Embora o conceito de bastardo seja discutido na maior parte das vezes em estudos sobre família, história, comunicação e literatura, um ponto comum entre eles parece ser a o da “bastardia, como efeito de relações ilícitas” (Aguiar, 2023, p. 208).

Por outro lado, a noção, que parte deste contexto geral, é também articulada nas ciências sociais por pensadores como o colombiano Omár Rincon (2016), Doutor em Ciências Humanas e Sociais. Ao propor um pensamento latino-americano sobre culturas bastardas, ele tenta dar reverberar a rebeldia de uma vida popular cotidiana como sendo “muitas coisas de uma só vez”, ou seja, o popular, o comum, o habitual é “mais do que só uma maneira pura e higienizada de existir, ele é uma experiência bastarda” (Rincon, 2016, p. 31).

A bastardia abriga uma profunda ironia. Ao tempo que simboliza a experiência da rejeição do legítimo para com o fruto de relações espúrias, parece ignorar o fato de que a “ligação de sangue deixaria sempre uma porta aberta para o herdeiro bastardo (Aguiar, 2023, p. 198). Como herdeiras bastardas, as *paisagens pequenas* abrem portais através do tempo (Gheirart, 2015, p. 46). Ao viajar pelo fluxo das memórias, as *paisagens pequenas* criam universos alternativos de significação. É como diz Milton Santos (2006, p. 67) “a paisagem é transtemporal, juntando objetos passados e presentes, uma construção transversal”.

Ao revisitar o acervo audiovisual, objeto desta pesquisa, encontro sentidos do antropológico. É possível que neste encontro perceba que “a convivência entre legítimos e bastardos, nem sempre foi sinônimo de relações harmônicas ou amistosas” (Aguiar, 2023, p. 209). Ao utilizar do conceito do bastardo admito e me aproveito de sua característica intersticial e até mesmo controversa, de habitar um terceiro espaço. Se a

bastardia acontece em um entre-lugar, o ser bastardo adquire a capacidade de produzir novas maneiras de olhar e organizar sentidos, significados, interpretações ou mesmo acolhimentos (Hauaji, 2012).

Na literatura, a condição do ser bastardo está “passando da condição de criatura à de criador, quer reinventar o mundo” (Vianna, 2019, p. 132), assim em aproximação poderia dizer que as *paisagens pequenas*, estão mesmo reinventando o mundo pois habitam o entre-lugar, os hibridismos, o terceiro lugar, o não lugar ou ainda se manifestam na transtemporalidade. À essas ideias puxo ainda uma aliança com a noção de “contextos espaço-temporais flexíveis” articulada pelo antropólogo Antônio Arantes (1994):

em sua ambivalência, eles são basicamente inter-estruturais: não se classificam inteiramente em nenhuma das posições atribuídas escalonadas pelo direito, pelo costume e pelas convenções; e assim sendo, tornam-se culturalmente ambíguos, simbolicamente invisíveis e poluidores (Arantes, 1994, p. 191)

Ao estudar a obra de Rejean Ducharme (um poeta, artista e dramaturgo canadense a quem se conferiu o estatuto identitário do bastardo), (Viana, 2019, p. 130 -132) diz que ao bastardo se autorizam a devoração e o plágio e entre outros rompimentos com a norma, como por exemplo a bricolagem e a reciclagem, o bastardo está “na busca pela reinvenção de identidades”. Assim, por analogia, o caminho para tornar visível a figuração dos mundos bastardos cria tensões entre referências culturais “sobre as quais se tenta legitimar valores e códigos sociais”.

Essas abordagens não poderiam ser mais bem vindas.

Se há alguma tensão na existência dos *mundos bastardos*, há aqui uma brecha também para uma “crise da paisagem” como aponta Domingues (2001, p. 59). No meio da crise, em tempos difíceis, o estudo das *paisagens pequenas* e a investigação dos *mundos bastardos* - que devoram a linha entre o imaginado e o real - a enunciação de paisagens que plagiam pertencimento e que reinventam identidades, precisa estar atravessada pela compreensão dos modos de habitar o *Mundo-Cerrado*. Então, não é preciso resistir às transformações, nem tampouco à crise já que

Mais sobre a paisagem
pequena aqui



a metamorfose é o bastardo e também o caminho encontrado por ele para, misturando partes, construir histórias híbridas que ratifiquem sua marca de pluralidade. É pela metamorfose que ele, o bastardo, que já traz a insígnia da miscelânea, se transforma e consegue causar transformação (Hauaji, 2012, p. 179).

Para que fique bem dito a quem me lê: não pretendo dar forma específica, esgotar o tema das paisagens ou do bastardo, nem articular um estado da arte dos assuntos, mas experimentar a reunião de ideias que me ajudem a investigar os mundos bastardos, sem pretensões conclusivas. Acredito que essa via de exploração se abre aqui e ultrapassa o que esse trabalho pode conseguir dar conta. O que significa que os mundos bastardos podem mesmo abrir portais no tempo.

Na amplitude do que abrigam os temas “paisagem” e “bastardo”, os mundos assim criados não buscam “um lugar ao sol”; contrariamente, como explica a Doutora em Literatura comparada Telma Borges da Silva (2017), “o conceito de bastardia não pretende suplantando aqueles que o precederam, mas funcionar como suplemento de uma história e de uma ficção” (Da Silva, 2017, p. 20).

Se o bastardo é um campo de debates, é interessante dar atenção à existência de “tensão e indefinição” também no que pode significar paisagem. A não pacificação do termo apresenta a “diversificação da polissemia do conceito e sua múltipla apropriação” (Domingues, 2001, p. 58). A paisagem é então pluralidade: paisagens.



IMAGEM 8

Corpo-Cerrado, Monte Alegre de Goiás-GO, 2015.
Experimento em autorretrato (fotografia de Jonathas Sant’Ana).

Não estou interessado em buscar uma complicada e específica definição que dê conta de tudo que esse termo, noção ou conceito é capaz de mobilizar, até porque as paisagens pequenas são elas mesmas plurais e diversas orbitam em outras lógicas de percepção, é como diz Gérard Lenclud (1995, online) *“le paysage, en tant qu’objet de connaissance, présente bien des voies d’accès”*. No entanto, investigar mundos bastardos revela a noção de paisagens como *“un support pour la perception”*, o que contribui para o campo antropológico ao revelar *“sa face matérielle ou sensible: dans tout paysage, il y a un site ou un pays, des « éléments constitutifs » dont on peut faire l’analyse”*.

Se em “em cada paisagem há um país”, podemos mesmo viajar por entre as superfícies das frágeis pétalas de uma pequena flor, ou navegar nas marcas de transformações de um velho tronco de uma árvore retorcida. Assim, como no contato com uma natureza provocadora de sentidos, nos reconectamos a algo, “no caso das transformações antropológicas, os movimentos sempre conduzem a um encontro” (DaMatta, 1974, p. 05). Como um suporte à percepção, as paisagens pequenas incitam cosmopercepções, num encontro que “busca abranger a complexidade do corpo, pois compreende que, através da experiência dos sentidos estamos integradas à natureza e ao cosmo” (Gomes, 2023, p. 47).

Explore a paisagem
pequena aqui



Explorar o potencial etnográfico das *paisagens pequenas* é inaugurar vias de acesso a um conhecimento sobre um Cerrado bastardo, é submergir na “paisagem afetiva e cenário do mito” (Sena, 2011, p. 01), é se lambuzar na fartura do sertão (Clara de Lima, 2020, p. 01). Habitar o *Mundo-Cerrado* é estar intimamente ligado a manifestações de uma bastardia em movimento que

IMAGEM 9

Metamorfose, Cavalcante-GO, 2017. Acervo pessoal.



ao irromper do céu ou ao mergulhar do alto de um rochedo, sua incumbência é fazer nascer a novidade. É possível responder à questão: o nascimento se faz queda, as migrações são quedas e a queda é expulsão e também cosmogonia. Para não trair sua própria natureza, a presença do bastardo significará reinvenção. A laboração de narrativas e o improvisado permitirão a construção de novas identidades (Hauaji, 2012, p. 203).

As *paisagens pequenas* são reflexos das metamorfoses do *Mundo-Cerrado*. Os *mundos bastardos* forjados a partir de imaginários, moldados por componentes assimétricos de marginalidades (DaMatta, 1974), vazam pelas fissuras do normal, em bastardias. Nestes universos de significação onde a paisagem está em foco, “são particularmente indescartáveis todos os contextos em que se actualiza o fenómeno da representação que oferece a imagem. Esse é o espaço da experiência” (Pires; Esperança, 2016, p. 125).

Ainda assim, para o sociólogo e filósofo alemão Georg Simmel (2009, p. 05), “raramente nos damos conta de que ainda não há paisagem quando muitas e diversas coisas se encontram lado a lado numa parcela de solo e são directamente contempladas”. O fenómeno da representação é organizado pela ação humana que compartimentaliza a natureza, “para ser a individualidade respectiva que apelidamos de "paisagem" (Simmel, 2009, p. 07).

Se é a ação humana que produz a paisagem, alguns elementos antropológicos trazidos por Ruth Benedict (2000), me ajudam a explicar melhor como elementos bastardos produzem as *paisagens pequenas*⁴, lembrando da proposição que trago neste trabalho. Então, se eu puder dobrar essa barra teórica, sonho e fuga seriam elementos da cultura que

não subordinam as suas atividades a uma motivação reguladora. Dispersam-se. Se em certas ocasiões, parecem orientar-se para certos fins, noutras tomam bruscamente uma direção tangencial aparentemente inconsistente com tudo o que se aprendeu, que não deixa prever o que se seguirá (Benedict, 2000, p. 248)

Se pensarmos que os aspectos da Cultura são elaborações do inconsciente e essas elaborações, como sugere Lévi-Strauss (1991), surgem de uma estrutura referenciada, ou seja, sempre a um grupo social, é interessante pensar que aqueles elementos (fuga e sonho) estão eles mesmos

⁴ Questão de pesquisa?

imbricados em estruturas simbólicas combinadas e que se diversificam e transitam em “uma ponte de entre dois universos (ou sub-universos) de significação” (DaMatta, 1974, p. 03).

Gomes (2023), me ajuda a pensar como alargar esse panorama, já que

na Cosmosensação africana, o corpo deixa de ser visto como objeto concreto, fragmentado e reduzido a sua condição biológica, e passa a ser interpretado de forma ampla e subjetiva. A ideia que se tem do corpo é enquanto uma experiência vivida, que engloba a relação entre a vida e o cosmo; e assim de forma integrada, corpo, mente e espírito coexistem (Gomes, 2023. P. 65)

Então, nascer, crescer e habitar o mundo-Cerrado é de fato se juntar ao Território, ao chão, ao ar, à água, ao fogo, ao verde, enfim ao Sertão, novamente, retomando Da Silva (2022), é envolver-se perceptivamente com o espaço. PORÉM, QUEM PODE FAZER ISSO? (TODOS?)⁵

Produzidas por um corpo artista no Cerrado, as paisagens (re)conhecidas são paisagens pequenas em travessias: palavras, memórias, sons, imagens. As paisagens (re)conhecidas são paisagens pequenas cruzando fronteiras de um “mosaico de paisagens e culturas que aglutina as diversidades humanas e não-humanas” (DIAS; FREIRE, 2020, p. 02).

O acervo audiovisual dessa pesquisa reúne registros do Cerrado brasileiro, especialmente, memórias da antiga região nordeste do estado de Goiás¹, nos municípios de Monte Alegre de Goiás, Cavalcante, Teresina de Goiás, São João da Aliança, Alto Paraíso, Divinópolis, Campos Belos. Partes do acervo mesclam fronteiras geográficas Goiás-Tocantins-Bahia como por exemplo, registros em Combinado, Arraias, Lavandeiras, Novo Alegre, Dianópolis e Rio da Conceição, região do sudeste tocantinense, e sudeste baiano como São Desidério e Roda Velha.

⁵ A CAIXA ALTA, é para enfatizar talvez o meu maior incômodo sobre a questão da habitabilidade no Cerrado. QUEM PODE e COMO FAZER se tornam pulgas na minha orelha.

IMAGEM 10

Travessias, Brasília-DF, 1994.
Montagem. Acervo pessoal.



Ao me inspirar no mundo-Cerrado, minha hipótese provisória é que habitar este mundo em travessias permite a criação de mundos bastardos. Ao me debruçar sobre o banco de dados principal da minha pesquisa, as paisagens pequenas do Cerrado, meu desafio é “mediar imaginações fantásticas, bem como apresentar interpretação antropológica” (Oliveira, 2024, p. 03).

É possível que, enquanto aprendiz de antropólogo, bagunçante que sou, eu corra o risco de cair “no rigor das disciplinas sociais”, no entanto, quero “assumir o lado humano e fenomenológico da disciplina” (DaMatta, 1974, P. 03), afinal eu sou também um corpo artista que faz antropologia.

Enquanto um artista antropólogo, o Cerrado surge e ressurge como (re)encantamento com a vida. Encantar-se é um certo jeito de fugir da cidade grande. Re-encantar-se é uma tentativa de sonhar com mundos impossíveis.

É como minha mãe sempre diz, “o não você já tem”.

É no risco que o novo sempre vem.

Em tempos de crises emergentes, como os mundos bastardos surgem no mundo-Cerrado?

Quais contribuições uma pesquisa em *paisagens pequenas* pode oferecer diante da aniquilação do bioma Cerrado?⁶

Quais cosmopercepções os mundos bastardos podem provocar?

⁶ Essa é uma pergunta que se estende a você que lê e me acompanha nesta investigação.

antes de tudo

Ouvi uma vez que nenhum homem é uma ilha⁷. A antropologia também não é. Então, nessa pesquisa eu tento lidar com vários desafios teóricos e práticos. Um dois mais básicos é tentar dar alguma vazão a alternativas dentro e fora da disciplina antropologia, dentro e fora da academia, dentro e fora da minha cabeça. Acho que essas muitas e várias disciplinas são, especificamente uma forma de construir o meu trabalho.

Talvez essa dissertação pudesse ser uma espécie de guia, primeiro pra mim, mas também para todos os outros aprendizes de antropologia. Ou seja, “a grande busca nesta escrita é pensar todas essas perspectivas



IMAGEM 11

Ilha, Monte Alegre de Goiás, 2016. Acervo pessoal.

⁷ Tradução livre do trecho original da Meditation XVII de John Donne “*No man is an island, entire of itself; every man is a piece of the continent, a part of the main*”. Disponível em: online-literature.com/donne/409/

interligadas, compondo um universo complexo e referenciado a partir da pluralidade e da interdisciplinaridade” (Dias; Freire, 2020, p. 02). Aqui é pertinente pensar se é possível produzir *uma escrita pode ser bastarda desde a academia (?)* – falo mais sobre o assunto em “quando eu conheci o mar” subcapítulo da PARTE II – MUNDO. Um corpo preenchido de *paisagens pequenas é o que?*

Tudo é tentativa. Às vezes, a gente fica com medo demais de errar e de dizer coisas e trechos por medo da opinião dos outros ou, nas palavras de Gabriel Peters (2018, p. 07 -parênteses do autor), “(p.ex., “esse texto tá uma bosta!”), do nosso sistema de alarme a embarço social (p.ex., “todo mundo vai descobrir que sou uma fraude”.

O que mais enche minha cabeça, agora que estou na fase final da dissertação é: medo de ninguém entender o que eu estou tentando dizer, ansiedade em prever o que a banca quer ler e ficar preso num torturante esforço de escrever pros outros.

Antes de tudo, antes das paisagens (re)conhecidas, antes das metáforas de fuga e sonho, havia uma caixa.

Dentro da caixa havia coisas e trechos.

A caixa aguardou e guardou muitos tempos em si mesma.

Sem destino, quase esquecida do destino, que era: eu.

Por fora, apenas uma caixa. Comum.

As coisas que a gente vive nessa vida. Comuns.



IMAGEM 12

A caixa, Goiânia, 2023. Acervo Pessoal.

Dessas coisas, nada em especial, ela ficou pra trás.

Depois da andança, a caixa guardava segredos.

Meus pais se mudaram do interior de Goiás para a região metropolitana de Manaus, Amazonas. Aqui e acolá minha mãe puxava assunto comigo e insistia para que eu desse um jeito de pegar a tal caixa.

Seria uma espécie de herança? Toda herança revela segredos.

Gostar de mistérios não é o mesmo que querer heranças.

Como quem ignora uma tarefa importante, adiei a materialização das coisas comuns.

A caixa aguardou e guardou mais muitos outros tempos em si mesma.

Um dia, já em dezembro do ano passado, fui avisado por uma amiga via uma mensagem no Whatsapp que a caixa estava em Goiânia. Do nada, para minha surpresa e insatisfação, tudo tinha sido organizado secreta e meticulosamente pela minha mãe, e ela teve ajuda. Aos 17 dias de dezembro de 2023 “a caixa” finalmente se materializou, corpulenta e pesada, em minhas mãos.

Quantos pesos carrega uma memória?

Dessas coisas comuns, nada especial.

Quantas coisas e trechos cabem num pedaço de papelão?

A caixa revelou vários segredos.

Escute a paisagem sonora:



*Áudio da minha mãe,
Manacapuru, 2023.
Acervo pessoal.*

Predestinada, cumpriu seu propósito em ser lembrada.

Agora reconhecida, não era só uma caixa.

Tudo de especial, depois da espera e da andança.

Por fora era apenas uma caixa, por dentro cheia de heranças.

Pra quem não queria receber nada, encontrou um baú de tesouros, cheios de pequenas preciosidades.

Dizem que falar é mais fácil do que fazer, ou como diria Selma Sena (1987, n.p.) “falar é fácil, fazer é que são elas”. Então, falando fácil: “Ah estar aberto a mudanças”, “ai porque as metamorfoses”, “hmmm sentir a natureza e se conectar”, isso tá num nível de fluidez das coisas, que olha, pra não ser só mais uma falácia, eu teria que ser como a água no leito de um rio, mas acho que sou mais como um tronco desgarrado, batendo e se despedaçando nas pedras.

Anteriormente eu tinha dito e já tinha colocado o conteúdo da caixa na mesa de trabalho desta dissertação. O meu campo de pesquisa trabalharia com “experiências de deslocamento” ou travessias entre cidades do interior e Goiânia, um percurso que eu mesmo fiz e queria encontrar outras pessoas pra partilhar trajetórias. Essa ideia ficou, ficou e ficou agarrada na minha cabeça e no esboço do projeto, porém sem nenhuma fluidez. Então, a caixa me ensinou que é preciso esperar o momento certo das coisas.

Eu nunca acreditei em coincidências, pelo contrário sempre acho que tudo acontece por um motivo. E nem sempre os motivos são bons, mas eles acontecem. Nem sempre entendo os motivos, mas eles acontecem e tem certos acontecimentos dos quais não podemos fugir. Por exemplo, ninguém quer, de propósito, durante a tarefa de escrever qualquer tipo de texto, cair no meio de uma página em branco e não conseguir nadar pra fora dela. Olhar pra tela do computador e não ter nada sobre nada pra dizer. Às vezes o nada é o tudo que temos, e tá tudo bem.

Lembrando das “fábulas sobre a objetividade” (Haraway, 1995, p 09), é preciso dizer que grande parte dos medos e das inseguranças não vem de dentro, digo, eles podem estar lá, inclusive há muito tempo, mas eles vêm de fora, dessa pressão maluca por produzir na sociedade do cansaço⁸.

Na escrita de uma dissertação, o pânico de não conseguir produzir um texto, pode ser desesperador, uma apavoração de tirar o sono ou provocar loucuras. Como um tronco desgarrado de uma árvore na corredeira furiosa não é difícil perder pedaços de si. Esse lugar aqui é também um espaço seguro (?) pra compartilhar sobre os processos, afinal estamos todos aprendendo e partilhar as vulnerabilidades pode ser um caminho muito promissor para uma escrita situada de saberes localizados (Haraway, 1995).

Escute a paisagem sonora:



Ônibus, Goiânia, de
25/03/2025 às 16h29.
Acervo pessoal

Gosto muito de três antropólogas trabalhos que me inspiram, em especial, e que passaram aqui pelo PPGAS-UFG, acho que nós que estamos nessa jornada do aprendiz temos muito o que aprender com elas: Ana Clara Damásio (Damásio, 2020) com a dissertação “FAZER-FAMÍLIA e FAZER-ANTROPOLOGIA: Uma etnografia sobre cair pra idade, tomar de conta e posicionalidades em Canto do Buriti-PI”; Iêda Figueiró (Figueiró, 2021) com a dissertação “Do íntimo ao coletivo: Figueira Infinita em busca da plenitude ontológica” e Marta Quintiliano em sua dissertação “Rede Afro-Indigenoafetivas: Uma Auto Etnografia Sobre Trajetórias, Relações e Tensões Entre Cotista da Pós- Graduação *Scripto Sensu* e Políticas de Ações Afirmativas na Universidade Federal de Goiás” (Quintiliano, 2019) e sua tese de doutorado “As Redes de Afroafeto e Estratégias Políticas de Permanência no Ensino Superior na UFG” (Quintiliano, 2025). Todas elas *não são antropólogas de gabinete*, se envolvem perceptivamente com o território. Ler outros que são gente como a gente, que pesquisam temas próximos, que provocam inquietações, inclusive dentro do mesmo programa, ajuda muito na compreensão dos processos e

⁸ HAN, Byung-Chul. Sociedade do cansaço. Editora Vozes Limitada, 2015

como as dores, alegrias e desafios atravessam a escrita e o resultado final de uma dissertação. A gente se sente encorajado por quem já sentou nas mesmas cadeiras que a gente.

Uma ilusão de todo aprendiz de antropologia é acreditar que sempre haverá um momento reservado e especial pra escrever e pensar sobre a pesquisa, quando na verdade todo lugar é lugar, todo suporte de registro se torna seu caderno de campo. Então, pensando na aplicabilidade da fuga e do sonho neste trabalho, todo lugar é lugar de criar e imaginar.

Não precisa ser nada tão espetacular, o simples funciona. Seria até pretensioso demais achar que uma ideia é original, fora da curva ou inovadora. Por isso que acredito numa verdade bem básica, a escrita não é e “não precisa ser brilhante...nem mesmo bom...nem mesmo decente...nem mesmo humanamente aceitável; apenas o necessário para que sua mente pegue embalo.” (PETERS, 2017).

Então, o que é necessário pra que sua mente pegue embalo?

Escute a paisagem sonora:



Áudio da minha mãe 3,
Manacapuru, de 2023.
Acervo pessoal

⁹ Imagem 12, página 36.

Escute a paisagem sonora:



Áudio da minha mãe 2,
Manacapuru, de 2023.
Acervo pessoal

Ela não queria, mas por mim jogaria tudo fora, afinal eu estava em fuga. Por isso eu nem tentei articular o resgate da caixa. Quem foge não consegue carregar tudo, tem que deixar coisas pra trás.

Quando a caixa chegou, imbuído de um tipo de vingança, eu a deixei alguns momentos na sala de casa, em cima do tapete, descontente de todo o “rolê” que ela deu só pra me encontrar, no mínimo foram uns 600 quilômetros e realmente não estava interessado no seu conteúdo, não compreendia o porquê de ele ser tão importante para minha mãe. Acho que as heranças faziam mais sentido pra quem as deixa.

Depois que a caixa chegou, cheia de memórias, me propus tentar a fotobiografia (Bruno, 2014). A caixa era uma caixa velha, dentro havia uma bolsa vinho, com um zíper na parte de cima. Junto com a caixa vieram outras coisas, como minha mãe disse no áudio. Parte dessas coisas foi embora e outra parte ficou aqui comigo: as fotografias e o meu cartão de vacina.



A fotobiografia (Bruno, 2014)

alinhado a narrativas humanas, e que por sua vez, movimenta-se para além da utilização unicamente descritiva ou ilustrativa da imagem fotográfica, nos convidando a pensar na existência de histórias visuais, que têm como origem camadas de significações, quer seja de memórias, de imaginação, quer sejam de descobertas imagéticas. Uma espécie de arqueologia visual de histórias de vida (Bruno, 2014, p. 10)

Mesclado a essas ferramentas e métodos, busco referências em Marta Quintiliano (2019) quando

me utilizo da Etnografia, e mais especificamente, da Autoetnografia para a construção de uma narrativa que atenda aos meus anseios enquanto pesquisadora, fazer pesquisa nesses moldes implica assumir um posicionamento parcial em relação aos sujeitos com os quais trabalharei e comigo mesma (Quintiliano, 2019, p. 21)

Retomando a análise do conteúdo da caixa, pedi ao meu namorado que olhasse as mais de 100 fotos da bolsa vinho e que realizasse uma seleção das que mais gostasse, primeiro de 10 fotos, depois de 5, e por último de 3. Como já disse, não estou buscando nenhum tipo de neutralidade, no entanto é válido mencionar que o meu companheiro é também uma pessoa que nasceu e cresceu no Cerrado, para além desse ponto em comum, dividimos também a ideia de não morar na cidade pra sempre. Após ver as fotografias que ele escolheu, fica evidente a presença do humano e em contrapeso a interação com o ambiente, os detalhes macro das imagens dão também a dimensão de uma experiência afetiva relacional, onde o fluxo das atenções é direcionado para o minúsculo e interessantíssimo mundo dos pequenos detalhes, ou melhor dizendo, das paisagens pequenas.

IMAGEM 14

Pequeno experimento em Fotobiografia, parte II. Goiânia, 2025. Acervo pessoal.



pequenas flores e onde habitam (MEMORIAL)

Era dia 4 de maio de 2025. Falei com minha mãe sobre as casas onde já morei. Fiquei chocado ao perceber que já são 20.

Meus pais moraram por cerca de 20 anos em Monte Alegre de Goiás e, já em 2021 eles haviam começado um processo de mudança, procurando outros lugares para morar. Não tínhamos parentes na cidade e eu e meu irmão já não morávamos mais com eles. Então eles recomeçaram um movimento de deslocamento geográfico que sempre fizeram durante toda a vida, como pode ser visto no experimento no Google Earth (link abaixo), de onde extraí o print da imagem ao lado.

Então, como uma recuperação de coisas que penso há muito tempo, fiz um pequeno exercício de cartografia afetiva como metodologia para rastrear as localizações das moradias, tendo como base a metodologia proposta por De Souza Rezende, Benatti Alvim, (2019) e Silveira (2019).

Como ferramenta auxiliar, utilizei o Google Earth para criar um modelo um modelo interativo onde é possível acessar e interagir com o mapa



Figura 1

Mapa de trajetórias da minha família, 2025. Google Earth (Adaptado).



Pequena trajetória da minha vida.

Experimento em Cartografia afetiva, 2025. Google Earth.

Para acesso via navegador de Internet: bit.ly/43JEHtO



IMAGEM 15

da cartografia afetiva. O QR CODE abaixo, leva a um mapa experimental, nele destaquei as trajetórias dos meus pais (mãe em roxo, pai em azul), o encontro deles em vermelho e a minha (nascimento em verde e deslocamentos em amarelo).

Tentei identificar no experimento, a cidade natal e o ano de nascimento dos meu pais e do meu irmão, para que o mapa tivesse uma dimensão originária, ou seja, ao menos uma ideia de onde meus genitores vieram antes da minha chegada ao mundo, e depois meu irmão com quem compartilho a vida com uma diferença de 4 anos. Minha mãe, Solange, nasceu em 1966 em Paranaíba-PR, já meu pai, David, dois anos antes, nasceu em 1964 na cidade de São Paulo-SP, o membro mais recente da nossa família é meu único irmão, Jonathas que nasceu em 1994 na cidade de Posse-GO.

Abrir uma conversa sobre a pequena trajetória da minha vida com meus pais, com minha família recria memórias. Nem todas as memórias são boas, mas a maioria delas é, porém, todas são “coisas que se aplicam perfeitamente ao caótico, perverso e

mesmo assim admirável mundo atual” (Buarque, 2016, p. 166).

O exercício da cartografia afetiva permite neste ponto, uma travessia virtual que se dá no cruzamento de memórias individuais e coletivas, mas também dá conta do aspecto cartográfico, onde são fixados aspectos afetivos na representação política do espaço, é a demarcação, no território das lembranças, de afetos e recordações.

Eu nasci em Brasília no dia 29 de outubro de 1989 por volta das 10:50 da manhã e essa foi minha primeira travessia. Eu nasci e cresci no cerrado e o cerrado cresceu em mim. Parece ser mesmo verdade que “nós crescemos no mundo à medida que o mundo cresce em nós” (Ingold, 2012, p. 28). Crescer no sentido intrínseco da palavra significou pra mim, ter mato, água e terra por perto, por isso, sinto que cresço menos agora e sinto muito a perda que me faz morar em uma cidade grande. Faz falta não ter mato pra andar descalço, um pedaço de terra com árvores, frutas, um quintal com vista para as estrelas.

Então eu vim morar num dos maiores aglomerados populacionais do centro-oeste brasileiro. Aqui em Goiânia, faço parte das 1.437.366 pessoas ocupam um território de 729,296km², com uma densidade populacional de 1.970,90hab/km² (IBGE, 2022), o que significa dizer, numa comparação direta que em cerca de 3,4km² caberia toda população de Monte Alegre de Goiás, ou ainda que em 1 km² poderiam morar todas as pessoas de qualquer um dos seguintes municípios goianos: Anhanguera: 927 habitantes, Cachoeira de Goiás: 1.384 habitantes, Lagoa Santa:



1.568 habitantes, Moiporá: 1.701 habitantes, Davinópolis: 1.798 habitantes, Água Limpa: 1.853 habitantes, Aloândia: 1.891 habitantes, São João da Paraúna: 1.898 habitantes.

Antes, a vida parecia diferente, com liberdades e aprisionamentos diferentes. Aprendi muitas coisas e foi assim, ao pensar sobre o passado que comecei a elaborar memórias e ficções sobre essas travessias, sobre crescer no cerrado, sobre ter saudades, sobre habitar o mundo e sobre um futuro imaginado. Já em 2017 com o ingresso no curso de Ciências Sociais (Políticas Públicas) na Universidade Federal de Goiás, comecei minha jornada pelos caminhos da metrópole.

Uma década antes, estava muito motivado a ajudar nas coisas da roça do meu avô, que meus pais dedicadamente cuidavam depois de sair de Brasília ainda em 2001, por isso decidi cursar Tecnologia em Agropecuária na Universidade Estadual de Goiás - campus Campos Belos. Eu achava que assim poderia aprender a cuidar de plantas e animais e ser o suporte técnico pros planos da minha família, de criar bovinos e plantar milho, feijão e outras plantas.

Ainda, no fim dessa primeira graduação, realizei meu estágio obrigatório em uma propriedade rural de bovinocultura leiteira no município de Inhumas-GO onde acompanhei a rotina de produção de leite. Minha principal preocupação na pesquisa estava no papel dos seres humanos durante todas as etapas da cadeia produtiva. Hoje olho pra essa época e gosto de pensar que foi um dos meus primeiros exercícios etnográficos. Então, recuperar memórias de um pequeno rapaz *agroboy* de 2010, me ajuda a pensar as paisagens e os *mundos bastardos* em minha própria trajetória, e no meio dessas memórias também reflito sobre o que é fazer antropologia.

IMAGEM 17

Estágio no Sítio Manda Brasa, Inhumas-GO, 2010. Fotografia por Dona Divina.



As memórias são importantes para este trabalho, porque, como um guia, reconheço nas travessias, um caminho que me trouxe até o momento da escrita deste trabalho, para a realização dessa pesquisa. Essas memórias me lembram do início do meu contato com a fotografia e mais do que isso, são elas mesmo o registro mais afetivo das *paisagens pequenas* do Cerrado.

Para registrar minha ida ao campo, no meu estágio da primeira graduação, ainda em 2010, comprei uma câmera fotográfica digital Sony Cybershot modelo DSC-W320 de 14 megapixels. Os smartphones não eram tão populares e as câmeras boas só estavam em aparelhos celulares inacessíveis pra mim. Meu celular na época era um Nokia 1616 que só fazia ligações e mandava mensagens de texto. A câmera custava cerca de R\$ 700,00 e o celular uns R\$ 100,00. Comprei tudo parcelado em várias vezes.

De volta em casa após o estágio, apresentei meu trabalho final de curso intitulado “Qualidade do Leite na Fazenda”. Ao concluir essa primeira graduação em 2010, desanimado com os rumos da fazenda e com os conflitos familiares em torno da questão da terra, decidi não mexer mais com essas coisas do agro, outro fator decisivo foi que eu não queria mexer com gado de corte e na época essa era a demanda do mercado de trabalho local.

Foi então que agora com uma câmera em mãos e com certo tempo livre, comecei a explorar o quintal. Eu gostava de observar os pequenos detalhes das coisas, mas era um desafio lidar com as questões técnicas do foco, enquadramento, abertura, iluminação, estabilidade, profundidade de campo, composição etc. Por isso eu passava horas no quintal e no meio dos matos perto de casa testando o que lia e aprendia na internet (discada).



IMAGEM 18

Equipamentos. Autoria própria/google imagens.



IMAGEM 19

Dos processos, Monte Alegre de Goiás-GO, 2011. Acervo pessoal.



Era comum me ver em posições estranhas, em cima das árvores, abaixado no meio do capim, deitado no chão, sempre com a camerazinha na mão, fazendo testes, explorando cada cantinho e detalhe que, pra mim, não passava despercebido ou menosprezado, mas agora eu podia registrar as paisagens pequenas dos mundos bastardos, daí meu interesse pela fotografia MACRO, onde o tema geralmente é algo pequeno, mas que ganha protagonismo ao ser registrado.

Meus temas de fotografia sempre envolviam flores, folhas ou pequenos insetos. Como morávamos numa chácara dentro do perímetro urbano era fácil ter uma variação de

plantas “selvagens” e de uso doméstico à disposição pra um fotógrafo amador cheio de curiosidades numa área de mais ou menos 10.000 m².

Logo, logo o cartão de memória da câmera ficava cheio de fotos “boas e ruins”, sempre guardei todas porque via, mesmo nas “erradas” uma oportunidade de um segundo olhar do momento. O segundo *olhar* veio, quase 15 anos depois.

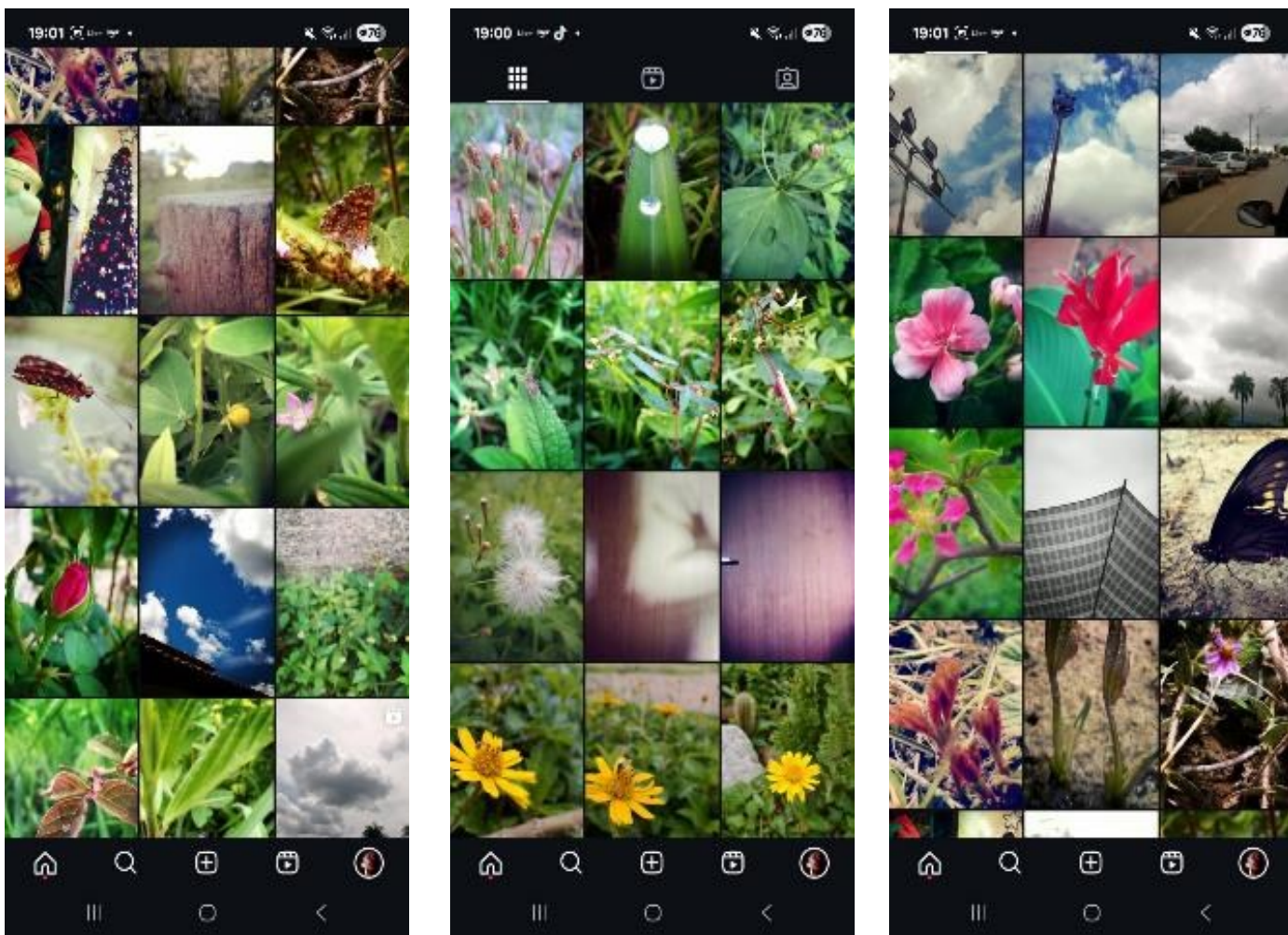


IMAGEM 20

Prints Galeria do Instagram, 2015, 2014. Acervo pessoal.

Como comentei antes, me sentia conectado à natureza e, o que quer que isso significasse, era algo especial pra mim e meu passatempo principal era dar um rolê pra tirar fotos, de vários ângulos e enquadramentos diferentes, e a sensação de ver o resultado depois era gostosa demais. A *sonyzinha* era minha companheira de toda hora, e toda hora era hora de fotografar.

Antes disso, eu registrava as coisas com meu primeiro celular pra fotos boas. Comento sobre os equipamentos, mas chamo a atenção para o fato de que a fotografia era e ainda continua sendo, a principal forma de registro das minhas experiências sensíveis com o mundo-Cerrado. O meu corpo-território é um corpo que habita, se envolve e produz *paisagens pequenas do Sertão*.

IMAGEM 22

Pequenas Flores, Monte Alegre de Goiás, 2010. Acervo pessoal.

Esses registros iam quase todos pro Instagram e Facebook, quase sempre acompanhados de um texto em forma de poema ou crônica, quase como um diário aleatório. A partir de 2012 me sentia mais seguro para produzir ensaios temáticos, comecei a reunir um acervo e a construir uma identidade visual muito marcada pelo tema “natureza”.

IMAGEM 21

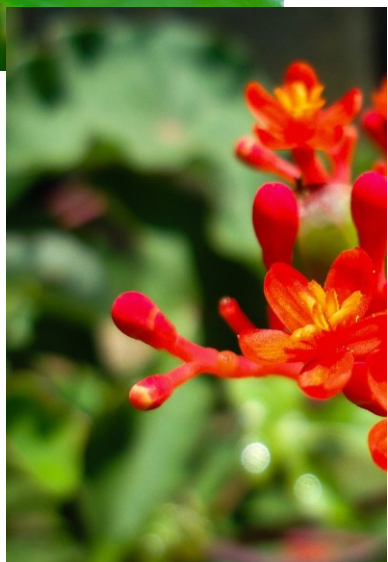
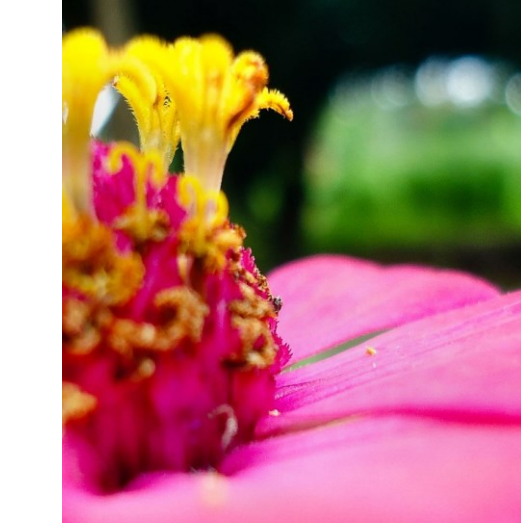
Dos sucessos: Brasília-DF (1989, 1991) Monte Alegre de Goiás, 2011. Acervo pessoal.

Sempre me interessei pelas pequenas flores e onde habitam. Deve ser porque sou meio flor. E não é só porque sou um homem gay, mas principalmente porque via nelas

inspiração pra florescer mesmo quando não eram bem vindas. A maioria das flores que já fotografei, são ervas-daninhas, elas florescem sem permissão. São existências insurgentes no sertão. Como estágio de produção das sementes e frutos, as flores surgem porque precisam,

florescem, pois, são, simplesmente o que nasceram pra ser. Então, as paisagens pequenas são pequenos reflexos de um homem meio flor, um homem que é daninha, um homem que habita mundos bastardos ao lado das pequenas flores do Cerrado. Sou um ser que habita o *Mundo-Cerrado* ao lado de pequenas flores.

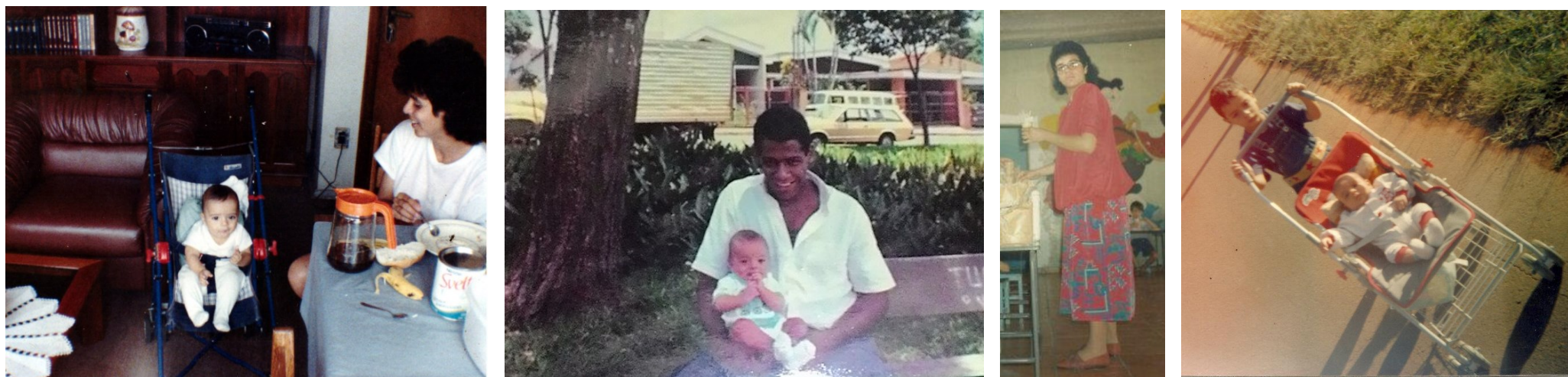
Explicando ainda mais sobre as *paisagens pequenas*, chamo a atenção para o fato de que todas elas são registros de seres que existem, mas que são considerados, praga, mato, descartáveis, nascem ondem não deviam ou insistem em brotar mesmo depois de experiências quase morte.



As pequenas flores habitam *mundos bastardos*, sempre ameaçadas por venenos, enxadas ou foices, à mercê do pisoteio, à espera de um fim antecipado. As borboletas que registrei são mariposas, as formigas, pragas, as árvores, fronteira agropecuária. É por essas e outras razões que sempre me pego com saudades. Porque sou meio flor, porque sou ameaçado neste Cerrado e ainda assim estou aqui, como as pequenas flores. O Cerrado é meu lugar de moradia ao longo dos meus 35 anos e com ele divido memórias do presente, do futuro e do passado.

IMAGEM 23

Família, Da esquerda pra direita, e eu meus pais em Ribeirão Preto-SP, 1989; Minha mãe grávida do meu irmão em Posse-GO, 1994; eu e meu irmão em Brasília, 1994. Acervo pessoal.



Entre idas e vindas, minha família - eu, meu pai, mãe e irmão - sempre voltava pra Brasília-DF e de Brasília a gente sempre teve um pé no estado de Goiás. Quando eu tinha uns 4 anos morávamos em Posse-GO e meu irmão nasceu lá em 12 de abril do ano de 1994. Dessa época eu já tenho algumas lembranças, da minha mãe grávida e do meu irmão bebê, dos lugares por onde a gente andou. Digo outra vez: este compilado

de recuperação de memórias é relevante não só pessoalmente, mas como forma de narrar experiências autobiogeográficas (RODRIGUES, 2019), como forma de produção etnográfica. É também a metodologia da cartografia afetiva em ação.

Voltando às travessias, lembro que moramos um tempo em Posse e depois voltamos para Brasília onde moramos em mais de um lugar, em casas diferentes (como é possível ver na pequena trajetória da minha vida – *mapa*) até que quando eu tinha mais ou menos uns 8 anos de idade. Nessa época, meus pais deram um passo importante para realizar um desejo deles, que era ter um pedaço de terra, onde eles pudessem ter espaço pra plantar coisas tipo, pé de laranja, acerola, limão, pitanga, pé de manga, milho, mandioca, abóbora, amora, goiaba, mamão, hortaliças. Essa mudança era importante para eles também, uma chance de construir uma casa que fosse só deles. Eles me inspiram, pois vivem uma vida de aventuras, em travessias.

Nesse tempo todo, até meus 8 anos de idade, moramos com meus avós por parte de mãe, em mais de uma casa e em mais de um lugar do DF. A não ser pelos períodos que ficamos em outras localidades como São Paulo e Goiás, a vida no DF foi sempre dividida com meus avós e meus dois tios, irmãos da minha mãe.

O loteamento de chácaras onde começamos o processo de sair da cidade ficava no município de Planaltina-GO, na GO 118 já na saída para São Gabriel. Meu pai sempre teve muita força de vontade e hoje entendo que essa determinação tinha pouco de escolha e estava mais

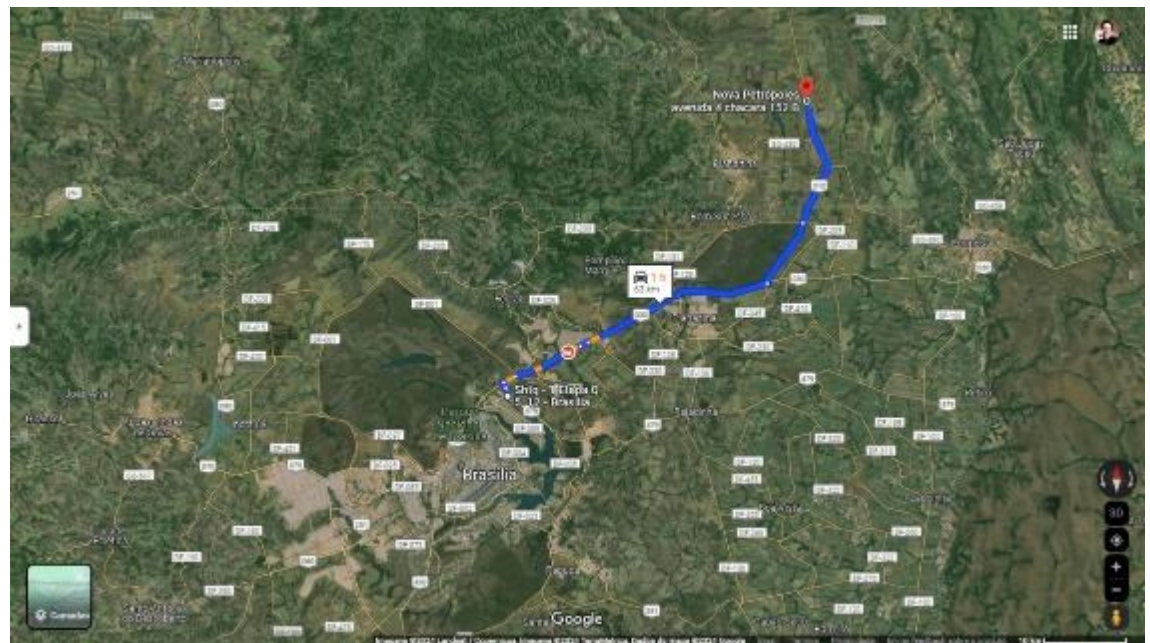


Figura 2

Deslocamento da nossa família da cidade para o Campo. GoogleMaps

relacionada a questões de classe e raça. Como pode-se ver na foto abaixo, meu pai construiu a casa em que moramos na Nova Petrópolis sempre com ajuda da minha mãe, essa não foi a primeira casa que eles construíram, mas era a primeira inteiramente deles, um lugar pra chamar de nosso.

IMAGEM 25

Nossa primeira casa fora da cidade, Nova Petrópolis, Planaltina de Goiás-GO, 1999. Acervo pessoal.



Pra finalizar essa parte, como um pequeno memorial, digo que a motivação dessa pesquisa reflete e se inspira bastante nas travessias que meus pais realizaram entre cidade e campo, movimento que continuam a fazer hoje, já com 60 anos. Acho que eles, assim como as pequenas flores, nunca se conformaram em habitar um chão de concreto, eles vazaram pelas fissuras e criaram seus próprios *mundos bastardos*. Então essa pesquisa serve também como forma de reencantamento com a vida e uma busca por um estilo de viver que respeite outras formas de felicidades mais escassas em um grande centro urbano, desejo que esboça em mim já uma nova travessia.



quinta é onde meus pés pisam

Desde que me mudei para Goiânia me sinto desconectado da natureza. Essa sensação tem aumentado com o passar dos 3013 dias, 430 semanas, 10 meses, 8 anos (*a contagem sempre se atualizará*). Depois eu vou contar para vocês sobre algumas aventuras de travessia.

Não muito distante, estão as lembranças da cidade do interior onde não nasci, mas cresci. Minha memória me atrai sempre ao passado bucólico, aos passeios pelo cerrado nativo, às águas do rio Buracão e à uma vida simples, quase romanticamente camponesa que eu considerava ser sem muitas complicações. Nas considerações de Nancy Alessio Magalhães (2004) isso tem a ver com

o seqüestro da experiência e da memória, a perda da aura, da tradição. Através do chamado do presente, o fundamental não é descrever esse passado armazenado com o seu fluxo, mas investigar, por meio das correspondências de imagens, como e onde esse passado ainda é apoderado pelo nosso presente, nas fotos e nas oralidades, na experiência aqui considerada assim, a perspectiva de um tempo aberto e pleno é que possibilita estabelecer uma relação com o passado através da rememoração (Magalhães, 2004, p. 196)

Enquanto escrevo esse trabalho, visito o acervo audiovisual que acumulei no passar dos anos, e num exercício similar ao realizado por Da Silva (2022, p. 1209), “tendo como plano de fundo a investigação antropológica da paisagem a partir das minhas experiências pessoais e subjetivas” reflito sobre minha existência, questiono minhas origens, ressignifico memórias.

IMAGEM 26

AntropoPÉS. Monte Alegre de Goiás – GO, 2016, 2017, 2018.



Percebo que me sentia conectado à natureza de uma forma muito íntima, por entender a partir das narrativas bíblicas, que fui criado como parte essencial dela. Há similaridades de um efeito rebote ao apartamento. Ao vivenciar uma nova experiência, agora com as *paisagens pequenas*, pensar a unidade “paisagem”, desde Simmel (2009), ganha um relevo especial colocando em perspectiva os *mundos bastardos* no *Mundo-Cerrado*, uma vez que para ele

a natureza não tem fracções; é a unidade de um todo, e no momento em que dela algo se aparta deixará inteiramente de ser natureza, porque ele só pode existir justamente no seio dessa unidade sem fronteiras, só pode existir como uma onda da torrente conjunta que é a "natureza" (Simmel, 2009,p. 06)

A ideia de apartamento pode significar várias coisas. Cresci em um lar cristão e ao contrário das profecias apocalípticas sobre o fim do mundo e tudo que ouvia sobre um planeta em pecado, sempre entendi que era meu dever permanecer ligado à essa natureza e protege-la. Sentia uma forte crença de que minha essência era compartilhada com a natureza: árvores, pássaros, água corrente, ar puro. Sem querer até, penso que essa falta, o sentimento de perda e desconexão, venha do sentimento de pertencer à própria paisagem do lugar.

Desde àquela época, eu queria cultivar uma vida longe dos grandes centros urbanos e novamente criando reflexões com George Simmel em sua crítica à vida nas metrópoles, buscava uma vida que “descansa mais sobre relacionamentos profundamente sentidos e emocionais” (Simmel, 1973, s.p).

Em meus quintais, (em Monte Alegre o quintal era bem grande mesmo, uns 10.000m², e na casa 13 também) com mato e terra, encarar estrelas e *pensar*, sozinho, era meu passatempo favorito, ali era o lugar do profundo e do emocional. Era uma quebra no tempo. Numa pausa do cotidiano meus pensamentos vagavam em devaneios sobre minha existência, Deus e paixões secretas.

Google Maps Monte Alegre de Goiás
Meu quintal de infância



Figura 3

Minha casa, Monte Alegre de Goiás, Google Maps, 2025.

Meus pés nus pisavam o chão fresco e cru, sem cimento, com muito, muito sentimento.

Ali era minha pele tocando a alma do mundo.

Que eu me lembre nunca tive vontade de morar em um grande centro urbano, o que era pra mim até um pavor. A ideia de viver em uma grande cidade era sempre associada com uma vida de correria e de perda com essa essência natural da qual eu fazia parte, era também um risco à minha fé. Fazer parte da natureza era um orgulho pessoal, eu, um ser da natureza, um homem feito à imagem e semelhança de Deus, sensível aos detalhes da natureza.

Uma das formas de me conectar com essa origem - dada a mim por *Deus* - era passar várias horas andando pelo quintal e pelos matos ao redor da casa dos meus pais, em Monte Alegre de Goiás, fotografando em especial pequenos detalhes de tudo aquilo que me chamava a atenção. Monte Alegre passa a ser o ponto geográfico principal para a construção do meu ser corpo-território, porque foi onde, no tempo cronológico da vida comecei a ter pequenas vontades próprias sobre os usos do mundo.

Algumas vezes meu irmão saía comigo nessas pequenas aventuras. O que eu mais queria, citando Ingold (2012, p. 28), era estar “lá fora, ao ar livre”. Nessas pequenas derivas, eu alimentava vários pensamentos e registrava tudo em vários cadernos ou em pedaços de papel aleatórios.

Começam a surgir as *paisagens pequenas*.

IMAGEM 27

Sobre voo, sobre a semente, Goiânia-GO, 2024. Acervo pessoal.



Em um certo momento, pra dar vazão ao impulso criativo, até criei um blog que se chamava “diário secreto: vestígios de um caçador de nuvens”¹⁰. Embora na época eu tivesse a consciência de uma certa prática artística, eu não tinha intenções antropológicas, porém esses registros eram mesmo meus cadernos de campo. Hoje, nesse exercício de recuperação da memória, entendo que ali já estava etnografando *paisagens pequenas*. Nessa deriva, “seguindo as trilhas na paisagem, adentrando na mata, vendo as plantas, ouvindo as pessoas e os animais, sentindo o vento e o aroma e sabores dos frutos do cerrado, pude ler a paisagem” (Da Silva, 2022, p. 1212). À semelhança do que fez Cristhyan Kaline Soares (Da Silva, 2022) ao etnografar o baixo sertão do Piauí, pensar nos quintais, aciona em mim um combo de fruições, artísticas, antropológicas, afetivas.

Nem todas as casas em que morei tinham quintal¹¹ e acho mesmo que o quintal era um desejo coletivo da família, agradeço a meus pais por me criarem numa cidade pequena, onde a vida pode ser mais livre e perto de uma *natureza real*. Recuperar memórias da minha existência compartilhada com a natureza, lembrar dos momentos em família e refletir sobre minha passagem pela igreja, produz um combo de sensações que me invadem e acho que, por hora, já chega de falar dessas coisas.

Construir ideias sobre a origem é falar em diferentes *personas*, e é também encarar diversas versões de mim mesmo. Se o meu corpo é território, (Torres e De Oliveira Dias, 2022) a origem é esse espaço carregado de *paisagens pequenas* sobre as quais construo relações com o *Mundo-Cerrado*. Como uma experiência autobiogeográfica (Rodrigues, 2019), os lugares de pertencimento, ou lugares de origem, surgem num mundo do lado de dentro dos olhos, no imaginário, mas foram, são e serão vividos em fugas ou sonhos no mundo acordado.

Digo sonho pois o sonho é bom. Digo fuga pois a fuga é necessária.

¹⁰ (você pode dar uma olhada, se quiser: [O DIÁRIO SECRETO](#)).

¹¹ É válido mencionar que esta nota foi inserida após a banca de defesa que ocorreu em 04/07/2025, e neste momento estamos em agosto de 2025. Depois de 8 anos morando em Goiânia, vou me mudar pra uma casa com quintal.



A infância, enquanto fábula de mundos imaginados, é a fantasia que me permite habitar o mundo. O lugar de origem se transforma. Isso é assustadoramente possível (?). Nos meus quintais de infância, eu era pés no mato e as janelas, ah, elas eram imensas. Os quintais me entrelaçaram com o mundo. Abriam os primeiros portais no tempo. Hoje as ligações de sangue das paisagens bastardas me permitem revisitar esses tempos anteriores. Ao produzir memórias das infâncias, me provooco em travessias, saudades, dores e inspirações vulgares: quintal é onde meus pés pisam, mundo é onde habito.




Mais sobre a paisagem
pequena aqui

IMAGEM 28

De perto parece longe, Goiânia, 2024. Acervo pessoal



#FAVELISMO



Parte II - Mundo

memórias de um futuro imaginado

2012

mundos imaginados, realidades (re)montadas

Quero que este um experimento artístico seja um aglutinador textual, visual, sonoro, *cosmosensorial*. Anuncio isso para elaborar significados, para que ganhem força, primeiro em mim, e que depois, a desconfiança por não ser inteiro se desfaça, sensível, ao corpo que escreve e ao espírito que reflete sobre o seu lugar no mundo.

Encontro no Cerrado possibilidades de (re)encantamento com a vida. Chego à uma compreensão um pouco mais madura de que tenho que escrever sobre o sobre o que me provoca e, como nada é por acaso, ao recordar memórias, quanto mais me desloco geograficamente percebo a pertinência de escrever sobre o que reconheço (Adichie, 2018).

Experimentações antropológicas em *paisagens pequenas*, inserem os *mundos bastardos* no fluxo das percepções sensíveis, e na arte, “[...] como um espaço narrativo aberto e não como um relato unívoco e uma gama de produtos acabados” (Bourriaud, 2000, p. 110). Tais investigações na esfera do afetivo, das emoções “*they call for their enactment in social scientific research based on empirical data, from an interdisciplinary perspective*” (De Antoni; Dumouchel, 2020, p. 5).

No campo da percepção humana, é possível dizer que, socio culturalmente, a visão foi privilegiada, e em detrimento de outros sentidos, considerada como superior ou a mais essencial, mais objetiva, pois confirmaria fatos observáveis, visíveis. A visão refinada ou mesmo a falta dela pode também ser um reflexo do que aponta Tim Ingold (2012)

os domínios da realidade e da imaginação não devem ser confundidos, pois a própria autoridade da ciência depende da sua promessa de revelar, por trás das ficções caseiras, que a imaginação pinta aos nossos olhos, os fatos que realmente estão no mundo (Ingold, 2012, p. 16)

No entanto, é preciso buscar alternativas capazes de superar paradigmas (?)¹² sobre o mundo-cerrado, é uma tarefa de “desvelar repertórios culturais, memórias e paisagens soterradas pela narrativa hegemônica e unívoca da nação e sondar suas possibilidades de resistência e de insurgência” (Sena, 2010, p. 38). O (re)encantamento é resistência, a tomada de consciência é insurgência.

Espaços narrativos abertos são habitados por corpos-território, corpos que produzem afetos e cosmopercepções multissensoriais. Acreditando nas possibilidades de capturar narrativas dos mundos bastardos, me motivo em fuga para investigar através das paisagens pequenas como as *paisagens pequenas* me ajudam a compreender, analogamente, no contexto dos *mundos bastardos*, “formas primordiais de transmissão do ethos comunitário, ou seja, de tradições e modos de ser” (Sodré, 2017, p. 228).

Continuando esta conversa a partir da noção produzida por Ruth Benedict (2000), sobre o arco da sustentação da vida das culturas, acredito que tal concepção possa se aplicar, de modo geral ao sentido da vida do espírito nos termos de SIMMEL(1973) que se constrói, pela plasticidade dos campos de experiência, nas possibilidades de configuração e reconfiguração e da escolha de segmentos desse arco.

Cultura é sobretudo feita na permanência dos *(re)tornos*, contornos de travessias entre origem, chegada e regresso, onde as paisagens (re)existentes adquirem pluralidade de realidades e imaginários que afrontam o paradigma da relatividade cultural. Em seu ciclo de criação e origem os mundos bastardos assumiriam então infindáveis possibilidades de configurações de significados particulares e coletivos. Assim para pensar a vida da cultura com argumentos de Ruth Benedict (2000, p. 36) “temos de imaginar um grande arco em que alinham os interesses possíveis que o ciclo da vida humana, ou ambiente ou as várias atividades do homem fornecem”.

¹² No decorrer da dissertação me utilizo desta licença (?) para introduzir o sentido de que ao mesmo tempo em que proponho uma afirmação, também me questiono se é necessário ou ainda o que significa afirmar isso ou aquilo, é uma proposta para a reflexividade.

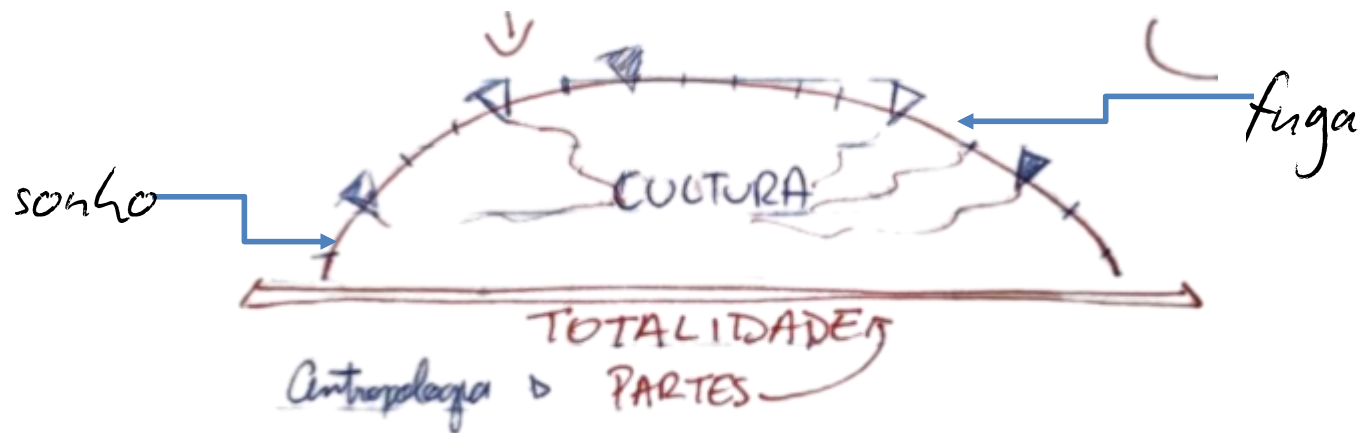


Figura 4

Arco da Cultura, desenho feito em aula no PPGAS-UFG, 2024. Acervo pessoal

A figura 4 é uma reprodução de um rascunho que fiz durante uma das aulas da disciplina Teoria Antropológica I no PPGAS/UFG, em 2023. Imaginando, a partir dele, enquanto modeladores dos mundos bastardos e capturados à margem da CULTURA, fuga e sonho, se compõem, como tantos outros campos de experiência, em “conjuntos de atos e crenças heterogêneos” (Benedict, 2000).

Ainda pensando sobre padrões de cultura, lembro do antropólogo Edmundo Leach (1996), que já no início do século XX buscava por provocações em seus estudos sobre a estrutura social, fomentando a uma ideia de que “as sociedades reais não podem jamais estar em equilíbrio”, considerando que “as sociedades reais existem no tempo e no espaço. A situação demográfica, ecológica, econômica e de política externa não

se estruturam num ambiente fixo, mas num ambiente em constante mudança. Toda sociedade real é um processo no tempo (Edmund, 1996, p. 69)

Isso ressoa de forma muito interessante nas páginas deste trabalho. Os *mundos bastardos* são configurados em ambientes de extrema variação. Ainda, se puder fazer uma ponte de significação entre os fenômenos de uma sociedade estruturada no processo do tempo e as anomalias de mundos criados entre portais no tempo, o contraponto dos mundos bastardos é ser uma criação elaborada entre o imaginado e o real. O crítico de arte Nicolas Bourriaud (2000) afirma que se costuma chamar de realidade é uma *montagem*.

A ideia de montagem dialoga com a de bricolagem (Levi-Strauss, 1989). No entanto, a montagem articula-se a partir da noção artística de usos do mundo (Bourriaud, 2000) e pode criar alianças com outras noções antropológicas, como por exemplo a de “imaginação e montagem” (Didi-Huberman, 2012, p. 211), com a de “domínios da realidade e da imaginação” (Ingold, 2012, p. 16) ou com a de “consciência imaginante” (Rocha, 1995) mas também com a de cultura como criatividade: “invenção e a projeção de uma “ordem” (Wagner, 2010, p. 243).

A realidade em que vivemos é a única possível?

A indústria cinematográfica *mainstream* explora essas realidades alternativas em obras de ficção como Black Mirror (Netflix), Periféricos (PrimeVÍdeo), ou ainda como o brasileiro Bacurau (Vitrine Filmes). Para o corpo-território, o paradigma dos mundos bastardos vem à tona desde uma presença orgânica e corpórea: os usos do mundo se situam numa demarcação temporal (síncrona e assíncrona) de produção de sentido para as existências anômalas, mundanas.

Habitar o mundo demanda atravessar fronteiras (Anzaldúa, 2005) e modificar campos de experiência (Benedict, 2000). Desafiando limites e fronteiras da vida, entre fissuras no tempo e no espaço, está a permanência dos retornos, como nos conta um dos co-autores de Luciene

Dias (2022) no livro “*Aquilombamento*”. Para ele, o sentido da vida e os usos do mundo refletem um ethos de existência compartilhada no quilombo Barra de Aroeira-TO:

quem é de fora e vê nossa vida aqui pode até achar que nós não usa a terra direito, porque nós tem que obedecer o tempo certo de colher, o tempo certo de plantar, nós tem que obedecer”, diz Francisco e acrescenta: “Do mesmo jeito que nós tem que saber onde é que tá a nossa força. É na terra... Sem ela não tem nada não (DIAS, 2022, p. 58)



IMAGEM 29

Barra-ventos, Combinado-TO 2017. Acervo pessoal.

A existência coletiva das memórias das pessoas dessa comunidade quilombola em Barra de Aroeira - TO e o pertencimento comungado com o lugar de origem, a terra e a natureza permanecem como “referências culturais”, reelaboradas para (re)existir às mudanças capitalistas (Magalhães, 2004). Justamente porque o lugar de origem não é um espaço físico, essas pessoas elaboram montagens de mundos bastardos, onde esse lugar deslegitimado na realidade sociopolítica cruel, ganha um sentido compartilhado, real e validado através das pessoas desse tempo e das que vieram antes (Dias, 2022).

Os mundos bastardos são criados onde a vida assume contextos, multivocais, cosmo sensoriais, disruptivos. Em um mundo que desmorona, outras

ontologias não hegemônicas, outros mundos bastardos, literalmente forçando a barra, ou as linhas, “poderiam sugerir, formas alternativas de leitura e escrita, que podem nos conduzir, mais uma vez a nos aconselhar com as vozes das páginas e com o mundo ao nosso redor” (Ingold, 2012, p. 29).

Embora os pertencimentos aos lugares de origem geralmente referenciem posições geográficas dos indivíduos, baseadas em respostas a perguntas como “de onde você é?”, “sua família é do interior?” ou “de onde você veio?”, é no subconsciente que as elaborações dos significados dessas respostas acontecem, “além da imagem consciente e sempre diferente que os homens formam de seu devir, um inventário de possibilidades inconscientes” (Levi-Straus, 1975, p 39).

Tendo consciência das dimensões autobiogeográficas das experiências de partida (Rodrigues, 2019), para habitar o mundo é necessário estar “*on affective entanglements with the environment*” (De Antoni; Dumouchel, 2020, p. 04), para criar *mundos bastardos* é preciso um “exercício de movimento entre as paisagens” (Da Silva, 2022, p. 1210).

Vou retomar o assunto das origens na próximas seções desta parte II. Por enquanto, me valendo das habilidades especiais de fugir para criar, me arrisco ao experimentar uma articulação entre autobiogeografia (Rodrigues, 2019), modos de vida (Gonçalves E., 2016, p. 4) e cartografias afetivas (De Souza Rezende, Benatti Alvim, 2019; Silveira et al, 2019). A experimentação é artística. A experimentação é antropológica.



autobiogeografia

Para a artista visual e professora da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues (2021), pesquisas em artes visuais que exploram dimensões autobiogeográficas

têm gerado conhecimento artístico e narrativo relevante capaz de conectar experiências individuais e coletivas de formas novas, enfatizando aspectos éticos, políticos e poéticos dos processos de criação que se dão em meio aos entrelaçamentos entre vida, mundo e pesquisa em arte (RODRIGUES, 2021, p. 97, 98).

Essa concepção não está distante das Ciências Sociais, tanto que o Sociólogo Fernando do Nascimento Gonçalves (2007), diz que

por ser um processo de produção simbólica - que articula e retrabalha os elementos da cultura - a arte pode nos ajudar a pensar nossas visões de mundo, universos de valor, modos de comunicar e de nos relacionar com o outro (Gonçalves, N., 2007, p. 62, 63).

Neste sentido, o estudo das *paisagens pequenas*, é importante para a compreensão dos aspectos sociológico e antropológico de fenômenos fragmentários (Martins, 2012) do *Mundo-Cerrado*. Voltando a dialogar com Gomes (2023, p 127), “a fotografia, portanto, não precisa estar atrelada ao princípio de uma autoridade opressora da visualidade, podendo ser orientada pela cosmopercepção”.

A autobiogeografia se insere bem nesses lugares fragmentados, nos lugares incômodos, incompletos, bastardos, multissensoriais, é “uma prática artística que busca relacionar imagem, palavra, lugar, paisagem e deriva” (RODRIGUES, 2019, p 1681). Essas práticas multimodais, que partem da fotografia e se expandem, são ainda mais mobilizadoras se pensarmos com Didi-Huberman (2012, p. 210) que “é absurdo de um ponto de vista antropológico, opor as imagens e as palavras” ou ainda que sobre o que nos diz ROCHA (1995, p. 87): “a imagem é parte integrante do texto etnográfico denunciando o que existe de inacabado e desconhecido na sua escritura”.

modos de vida

A segunda perna do nosso tripé é a chave analítica “modos de vida”. Gosto desse conceito enquanto prática desde que o conheci em 2017, na iniciação Científica durante o curso de Ciências Sociais na Universidade Federal de Goiás (UFG). O tema dos modos de vida foi

também o pano de fundo da pesquisa etnográfica realizada no âmbito do meu Trabalho Final de Curso (TFC). Nele observei que o conceito de modos de vida, enquanto prática, propõe “novos significados, avançando sobre campos ideológicos e acadêmicos” (SANT’ANA, 2020, p. 53). Avançando, o termo poderia ser definido desde a proposição da Dr^a em Ciências Sociais Eliane Gonçalves (Gonçalves, E., 2016, p. 4), modos de vida é a “capacidade de os sujeitos se constituírem em experiências distintas que operam mudanças nos modos de ver, sentir e agir no mundo”.

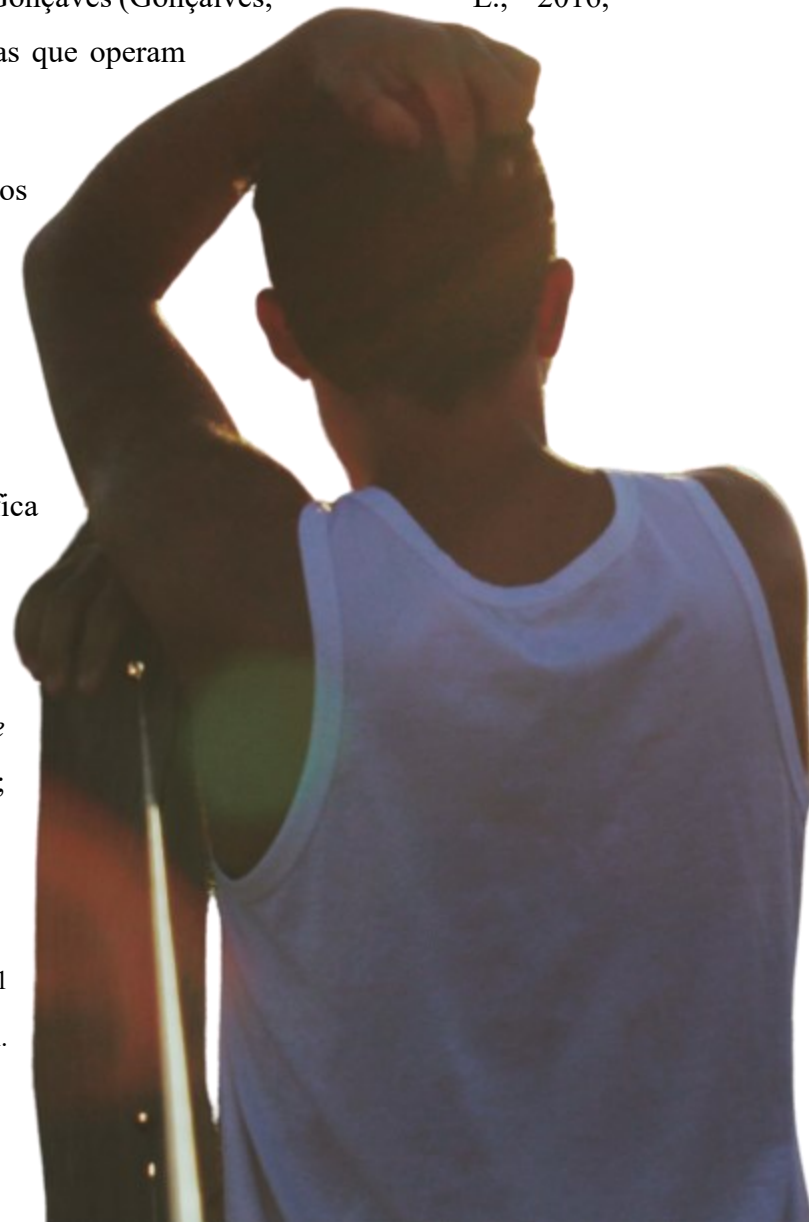
Trazendo a figura da pessoa que age “para o centro dos debates, dos afetos, que são próprios das práticas do dia a dia” (Guerra, 1993, p. 66), proponho que a noção de modos de vida seja socioantropológica. Aderir a essa perspectiva, traz camadas importantes para investigação das paisagens pequenas, e é uma oportunidade de dialogar interdisciplinarmente.

cartografia afetiva

Já a cartografia afetiva, surge como metodologia que permite mapear a área geográfica estudada e admite a importância de emoções e afetos nas travessias e derivas dos sujeitos. A ideia de espaços afetivos na antropologia estabelece uma aproximação das perspectivas da cartografia afetiva proposta por De Souza Rezende, Benatti Alvim (2019) e Silveira et al (2019) “lançando Luz sobre como lugares, objetos e a forma da história cultural moldam o afeto e como, ao contrário, afeto e emoções estão vinculados aos ambientes materiais” (De Antoni; Dumouchel, 2020, p. 3 – em tradução livre).

IMAGEM 31

Contemplação, Monte Alegre de Goiás, 2015. Acervo pessoal.



Acionando a cartografia afetiva (De Souza Rezende, Benatti Alvim, 2019; Silveira et al, 2019) como uma metodologia aliada na minha trajetória de pesquisa desde a graduação, comum no ramo da Geografia e da arquitetura, tem se expandido a ponto de Silveira e seus colaboradores (2019) a definirem como:

um olhar mais sensível para buscar entender traços subjetivos e simbólicos do meio urbano [...] busca registrar e entender outros aspectos que compõe as camadas sensoriais de um lugar. Com isso, tem-se como cartografia afetiva, a reunião de entrevistas, depoimentos, desenhos e informações cedidas por pessoas inseridas no recorte estudado, em busca de informações que podem estar inseridas profundamente no ser e que só vem à tona a partir de um contato pessoal. (Silveira et al., 2019, p. 5).

Investigar a cidade a partir desta proposta interdisciplinar deste projeto, é pensar, sociologicamente

menos em sua relação com a geografia e mais em seu vínculo com o tempo da experiência, ou seja, pela qualidade das experiências subjetivas que pode suscitar [...] A cidade não é só um lugar, é uma experiência [...] A cidade nos convida a aventuras de caráter estético e subjetivo [...] (Gonçalves, N., 2007, p. 53 e 55).

A metodologia analítica interdisciplinar (autobiogeografia/modos de vida/cartografias- afetivas) me permite experimentar. Me apoio na artista e filósofa belga Kathleen Coessens (COESSENS, 2014, p. 17) para impor uma perspectiva prismática, “não só dentro de práticas artísticas, mas também no plano interacional onde o mundo sensorial, criativo e estético do artista encontra o mundo da ciência, investigação e de comunicação explícita”.

Ao retirar as paisagens pequenas do arquivo, imagino fascinantes ilusões do futuro.

O caminho experimental desta pesquisa projeta à frente, quais sementes ela pode gerar e daí, em quais solos ela germinará. Percebo agora que os “rolês fotográficos” que dava por aí, no *Mundo-Cerrado*, eram na verdade vivências fotográficas no Cerrado que agora estão mobilizando capacidades de percepção em arte a antropologia.

Eu nasci e cresci no Cerrado e foi esse crescer que me trouxe até aqui. O aqui é um momento do agora e está cheio de memórias de um futuro imaginado. A imaginação é a semente do sonho, o potencial criativo a semente da fuga. Com pés no chão iniciei essa pesquisa. Exploro a arte como criação de mundos, o Cerrado é um sentir, o Cerrado é um florir, o Cerrado é resistir.

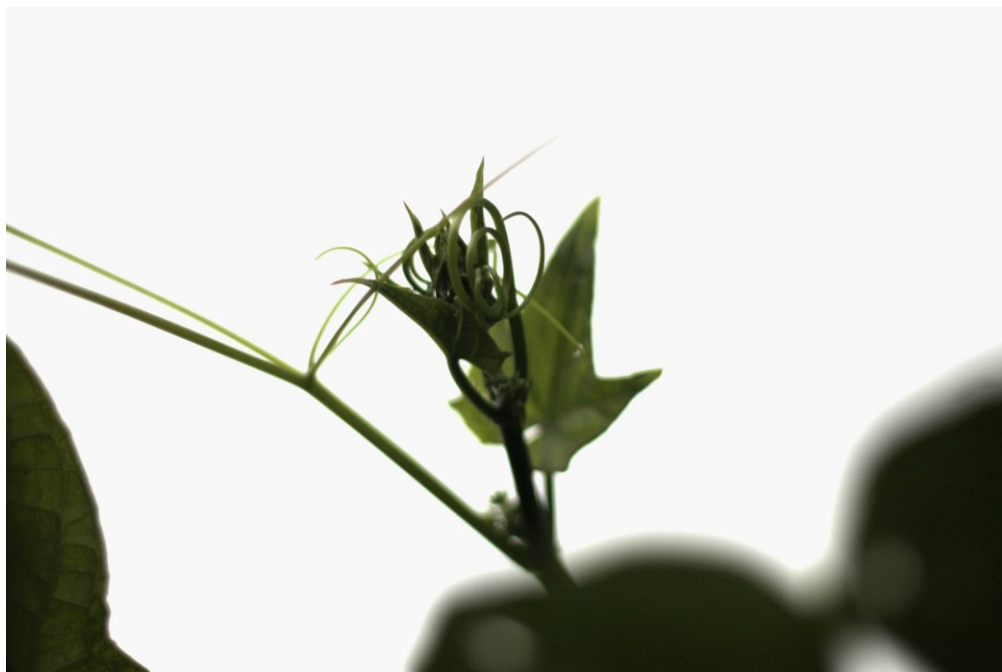


IMAGEM 32

Broto de chuchu, Cavalcante-GO, 2020. Acervo pessoal.



IMAGEM 33

Flor de Mostarda, Cavalcante-GO, 2020. Acervo pessoal.

Mais sobre a paisagem
pequena aqui



Mais sobre a paisagem
pequena aqui



mundos bastardos, infelicidades ingênuas

Amanheceu frio, era dia treze.

Era dia de tudo: aula na pós-graduação, trabalho, ônibus, casa. Não necessariamente nessa ordem.

Antes, era preciso acordar.

O despertador não dorme, o tempo não passa.

Quem passa somos nós. No espaço do tempo as coisas se movem, a vida acontece.

É nesse tempo que construo meus mundos bastardos. Bastardos sim, ilegítimos também (?). Como um *nacirema* (MINNER, 1956) me submeto ao ritual (sagrado), meio atordoado, entre bocejos. Em um misto de desejos, o principal é voltar para a cama às 06h30. Não tão religioso como antes, um pouco mais nostálgico que o habitual, já na casa dos 36 anos, estou prestes a completar quatro décadas.

Penso cada vez mais nas saudades.

Daqueles tempos bucólicos.

Da infância. Do interior. Saudades.

De quantas pequenas felicidades ingênuas poderiam existir. Em um mesmo dia cheio de plantas, mato, terra, sons e cheiros.



Um tanto de prédios e ônibus.

Já não tenho quintal.

Sem pés no chão, ainda posso tocar a alma do mundo? Tocar, ouvir, cheirar, ver, provar o gosto das coisas.

Os outros, encaixotados em tijolo ou metal. Tudo veio da terra.

A felicidade aguarda em potes de pequenas porções.

Verdes ornamentais de janelas. Janelas, janelas, jaz nelas. As grades protegem do mundo.

Janelas para outras janelas. Um horizonte montanhoso. De longe parece parte, mas de perto, é tão longe assim?

O dia 13 foi um dia com saudades da origem, dos pés no mato. O mundo da vida está demarcado nesse tempo, e nesse espaço, aqui, agora (?). Eu sou um viajante do tempo e foi assim que eu vim parar nesse lugar. Bastardos ou não, todos os mundos particulares que visitei em minhas travessias pelos portais do tempo estão cheios de memórias pulsantes entre encontros e regressos.

O que se dá no imbricamento dos tempos sincrônico e diacrônico é de ordem incerta (Edmund, 1996) e evoca trânsitos entre “o caráter social da memória e o caráter político das interpretações do passado” (Caldeira, 1988, p. 148). Dialogando com Cavalheiro; Albuquerque; Silva, (2020)

trânsito é deslocamento, movimento, andança, circulação. Circuito é distância percorrida, dar a volta em torno de algo, condução de energia. Encontro é a arte da vida, o imprevisível, é abrir-se para o Outro. No plural, trânsitos, circuitos, encontros nos remetem a mundos e situações que desafiam as palavras, os sentidos; que nos remetem a labirintos, horizontes sem fim, vida vivida (Cavalheiro; Albuquerque; Silva, 2020, p. 7)



Tempos diacrônicos, tempos sincrônicos.

Anacrônicas, origens, travessias, chegadas e regressos. Paisagens nos entre-lugares.

Pequenas pontes. Paisagens, afetos, medos, saudades. Tempos onde os fundamentos da origem inauguram passagens para outros tempos.

Me provoço em pensamentos, inspirações vulgares - nada tão rigorosamente teórico. Me esboço numa espiral de curiosidades mal controladas, circularidades ou quaisquer outras formas que a vida assuma por si mesma nas imensidões de tantos acontecimentos e fenômenos cotidianos. Extremamente comuns, as *paisagens pequenas* são não lineares, banais - e por isso mesmo revolucionárias - simples em suas rupturas e junções, complexas em negociações entre o imaginado e o real, são águas convergentes, tempos com fluentes, paisagens pequenas: mundos bastardos.

No exercício de (re)constituição das *paisagens pequenas*, ao mesmo tempo que se atualiza, me permitindo “perceber o significado dos movimentos de entrada ou de saída de si mesmo” (Guerreiro, 2011, p. 126), a noção de pessoa em Mauss (2003), põe em relevo a valorização da experiência relacional apontando para a diversidade que existe na construção do que significa ser uma pessoa. Tal noção ajuda na construção de uma alteridade afetada. A afetação, o afetivo, são movimentos de vida, abraçar isso me permite “explorar mundos imaginários” e “elaborar hipóteses sobre os sentidos desses mundos” (Couchot, 2012).



IMAGEM 34

Pontes, 2015, Lavandeira-TO. Acervo pessoal.

Vamos a um exemplo prático. Em julho de 2017, fui a um evento acadêmico na Universidade Estadual do Rio de Janeiro e visitei a Quinta da Boa Vista e o Paço de São Cristovão, onde está localizado o Museu Nacional. Em 02 de setembro, pouco mais de um ano depois, o Museu Nacional foi acometido por um incêndio de grandes proporções que causou a destruição de um dos mais importantes espaços museológicos do país.

A recuperação do Museu Nacional¹³ ainda está em curso e depende não só dos registros fotográficos, arquitetônicos, documentais, mas também da reconstituição de memórias originais. Considerando a pesquisa com as *paisagens pequenas* no *Mundo-cerrado*, não estamos falando sobre a reconstrução física, dessas paisagens, mas de um caráter reflexivo sobre relatos etnográficos onde “são principalmente as motivações simbólicas do pesquisador que lhe permitem transformar os dados sensíveis, obtidos no trabalho de campo, em imagens-objetos de conhecimento para a Antropologia” (Rocha, 1995, p. 86).

Museu Nacional, Rio de Janeiro-RJ, 2017. Acervo pessoal.



¹³ Projeto Museu Nacional Vive: https://youtu.be/98qVegCawVA?si=4Uh_rvTzI3jJGE8r

A paisagem não está dada, ela é construída. Assim, entender a dinâmica social das relações permite o encontro com uma alteridade instável (Edmund, 1996), uma alteridade que se faz na relação com o ambiente, no tempo e no espaço das travessias, “a antropologia se coloca por meio da etnografia como uma forma sensível de aprender sobre e com a paisagem” (Da Silva, 2022, p. 1222).

A imagem abaixo, é um dos registros da minha primeira viagem sozinho pra fora do centro-oeste do Brasil. Acho ela simbólica, o tanto quanto possa sinalizar a andança de um corpo-Cerrado que vive longe do mar. Fazia pouco mais de um ano que eu estava em Goiânia, já no início do quarto semestre do Curso de Ciências Sociais na UFG. A bicicleta em frente ao horizonte à perder de vista, o contraste dos tons de



azul, a ideia subjacente que enseja o movimento e a possibilidade de ir, pra outro lugar. O corpo-território se atualiza ao atravessar tempos, o corpo que anda pelo mundo-Cerrado, é capaz de viajar e encontrar outras águas, outras terras, outros quintais.

Já voltei à Salvador umas outras três vezes, passei pelos mesmos lugares, me banhei nas mesmas praias, andei nas bicicletas de laranja novamente, dá pra dizer que eram as mesmas ruas e calçadas? Dá pra saber que meu corpo e minha percepção eram outros, outras companhias, outros sonhos, outras fugas. Colocando em perspectiva que a paisagem é um recorte, que é olhar do humano que divide a natureza em partes, a paisagem não existe no momento da contemplação, ela surge quando tiramos um pedaço da unidade

IMAGEM 36

Praia da Armação, Salvador, 2018. Acervo pessoal.

Explore a paisagem aqui



sem fronteiras (Simmel, 2009, p. 05, 06) e a guardamos em um registro localizado, no tempo e no espaço.

Falando em imagem como recurso narrativo, para Nuno Godolphim (Godolphim,1995), “Só quando ela é “montada” de forma áudio/texto-visual, numa dimensão cinética, é que ela deixa de ser um “dado disperso” e forma um discurso estruturado e inteligível da realidade estudada” (Godolphim, 1995, p. 141). Então a paisagem que capturei na praia da Armação em Salvador, nunca mais será a mesma. Por mais que ela guarde similaridades na forma técnica, as memórias afetivas, a alma interior da minha presença (Rocha, 1995) no espaço-tempo não é mais a mesma. Nada jamais é igual, nem precisa ser, este é um presente dado aos viajantes, uma nova paisagem a cada encontro com o lugar¹⁴.

O uso de recursos técnico-artísticos como forma de experimentações é um processo criativo de bricolagem (Levi-Strauss, 1989) e de montagem (Bourriaud, 2000). Nesta pesquisa esses recursos são utilizados para dimensionar os sentidos dos mundos bastardos. Ao criar alternativas para produção de conhecimento antropológico “a imagem arde em seu contato com o real” pois “nunca a imagem se impôs com tanta força em nosso universo estético, técnico, cotidiano, político, histórico.” (Didi-Huberman, 2012, p. 208, 209).

Se a imagem arde, desde o início da disciplina antropologia, os pesquisadores, principalmente os de campo, têm recorrido a técnicas de captura de imagens para legitimar e ou reforçar o contato com o real, desde as partes para o todo. Sylvia Caiuby Novaes (2012), salienta que

importa perceber o quanto a fotografia aparece como recurso estratégico que se alia ao caderno de campo, permitindo registrar o que dificilmente conseguimos descrever em palavras, seja pela densidade visual daquilo que registramos, seja por seu aspecto mais sensível e emocional. (Caiuby Novaes, 2012, p. 13)

Parte da tarefa dos artistas é acionar uma “metodologia de criação de lugares de enunciação por meio de práticas cotidianas individuais e/ou coletivas que abram caminhos para o “vir a ser” decolonial, ou seja, que despertem nas sujeitas e sujeitos desejos de ser e aprender a ser”

¹⁴ Ver página 108, sobre a arte da quietude em Pico Yier.

(Rodrigues, 2017, p. 3155, grifo da autora). O aprender a ser, no aspecto relacional do humano que se desenvolve no e com o território, é um *ser* coletivo que cresce e amadurece com subjetividades, características e formas sociais peculiares. Especificamente, nos *mundos bastardos*, e novamente em diálogo com as experiências de Da Silva (2022) as paisagens do Cerrado são também uma manifestação das pessoas e comunidades.

Na antropologia, as imagens visuais e a “imaginação criadora” (Rocha 1995, p. 87) são potenciais ferramentas para a emancipação, resistência e resiliência. Inversamente a imaginação pode ser usada também como estratégias de manipulação e construção de ideias e estereótipos sobre lugares, coisas e pessoas. Tais práticas “correspondem a uma construção de autoimagem que deveria ser de interesse ao pesquisador.” (Caiuby Novaes, 2012, p. 23).

Enquanto um artista e antropólogo, completamente imbricado com o objeto da pesquisa, aqui, nos mundos bastardos, se colocam desafios ao explorar as manchas de paisagens fragmentadas (Tsing, 2021; 2019). Ao reconhecer e valorizar explicitamente o paradigma interdisciplinar, (RIBEIRO, 2015), assumo que as paisagens pequenas potencializam práticas de imaginação e estilos de criatividade únicos. Concordando com LENCLUD (1995) e SIMMEL (2009) se a paisagem é um suporte à percepção, mas não existe sem o olhar e a escolha de elementos do humano, ao mobilizar fuga e sonho, a unidade da paisagem pequena, sendo “prismática e reflexiva, vai construir um conhecimento caleidoscópico” (COESSENS, 2014, p.13).

Por isso, a tentativa aqui é expandir as possibilidades de pesquisa com *paisagens pequenas* para além da forma pura e textual procurando abarcar mais das relações possíveis em outros formatos experimentais com o audiovisual.

Observe a imagem abaixo, ela é a representação prática do que comentei nos parágrafos anteriores. Cada presença humana na paisagem será capaz de produzir diferentes retratos da paisagem local. No meu caso, dentro de uma grande paisagem (imagem da direita) escolhi registrar pequenas paisagens, fragmentos de um território que se sustenta em pequenas formas de composição, sem as quais a grande moldura não seria possível. Pequenas flores, folhas vivas ou mortas, frutos e sementes são *paisagens pequenas* em protagonismo. Deslocadas no esquecimento, tais paisagens ganham aqui uma nova oportunidade pelo olhar humano.



IMAGEM 37

Fragmentos, Cavalcante-GO, 2017. Acervo Pessoal.

Ao mesmo tempo que esta investigação requer de mim “ousadia para investir em perspectivas mais criativas, o que, por sua vez, requer abdicarmos da ênfase sobre o instrumentalismo e adotarmos uma postura reflexiva” (Ribeiro, 2015, p. 191). Esta pesquisa, na linha “Etnografia dos conhecimentos e experimentações etnográficas”, contribui para a exploração de novas possibilidades temáticas para uma antropologia insurgente no sertão, ao evidenciar *paisagens pequenas* e tecer o relevo dos *mundos bastardos*, também com autoras do sertão, o trabalho aqui representado, abre possibilidades para trabalhos futuros.

Tenho me aventurado em intercruzamentos, colando e costurando partes de coisas aqui e ali, imaginando devaneios, entre sussurros e vertigens¹⁵. Eu sou um corpo-território em busca das origens e do meu lugar no mundo. Afinal, quais histórias eu poderia contar dessas aventuras pelo mundo-cerrado?

Explore a paisagem pequena da
próxima página aqui



¹⁵ Aqui faço uma referência direta ao meu Trabalho Final de Curso, disponível em: bit.ly/45v2miZ



origens

Os mais velhos contaram muitas e muitas histórias sobre as coisas antes de a gente chegar no mundo e nos ensinaram os fundamentos para construir a nossa própria vida. Cada um que existe neste planeta tem sua singularidade e ao mesmo tempo, não tem mesmo nada de tão especial.

Cada humano e não humano tem seus jeitos de fazer as coisas. O que nos torna únicos em meio a tantas outras gentes é “a capacidade de os sujeitos se constituírem em experiências distintas que operam mudanças nos modos de ver, sentir e agir no mundo” (Sant’Ana; Gonçalves, 2018, p. 2). Nossos modos de ver, sentir e agir no mundo, ou seja, nossos modos de vida, tem muito a ver com as variadas experiências de existência humana que acumulamos desde que nascemos.

Gosto de pensar que modos de vida, enquanto práticas cotidianas (Guerra 1993, p. 66), são “fundamentos configuradores” da imagem do mundo (Simmel, 2009, p. 11) e por isso, defendo “modos de vida como potenciais formas de socialização e produção de significados” (Sant’Ana, 2020, p. 10).

Baseados nesses fundamentos, cada pessoa vai ser diferente uma da outra, vai criar o seu lugar e jeitos diferentes de existir, “o mundo, o próprio pensamento, máxima do conhecimento, é uma espécie de deambulação pela mente de cada indivíduo...deambulações etnográficas pela paisagem” (Da Silva, 2022, p. 1213).

Em nossa condição de pessoa humana, os fundamentos configuradores podem ser comparados com o alicerce de uma casa, a estrutura fundante e principal que sustenta as paredes, o teto; os fundamentos são a base de tudo. Casas são construídas num pedaço de terra ou sobre qualquer outra superfície. O alicerce ou base de uma casa pode ser feito de várias partes de materiais como por exemplo, cimento, areia, barro,

pedras, madeira, ferro, garrafas pet e também de outros materiais, até os reaproveitados.

Essas partes, de vários tamanhos, formas e quantidades, dão força ao alicerce para que ele aguente, firme. Também existem muitos outros jeitos e técnicas variadas e inovadoras de se construir alicerces e casas. Na arte, me fascino ao pensar que “a partir do mesmo material (o cotidiano), podem-se criar diferentes versões da realidade” (Bourriaud, 2000, p. 83).

A autoprodução de si mesmo pode ser encarada como um empreendimento social em constante transformação. Para construir a vida é preciso aprender. Os fundamentos da vida são aprendizados que juntamos um pouco aqui, um pouco ali. Como partes do alicerce, nossa casa ganha definições, formato, dimensões curiosas, peculiares. A partir do que surge do imaginário do nosso dia a dia, do potencial coletivo de criação subjetiva (Berger; Luckmann, 1983), arrisco dizer, nós nos tornamos construtores também.

Aprender a construir uma casa pode ser muito complicado. O trabalho de juntar partes e criar um todo é bem parecido com o trabalho de uma pessoa artesã que, com criatividade, reúne pedaços de coisas e trechos, de diferentes matérias, densidades e texturas. e de forma criativa (fuga) faz algo novo. A pessoa artesã cria desde sua imaginação (sonho), moldando materiais para dar vazão aos seus desejos. Assim essa pesquisa se fez, para dar vazão a pequenas *paisagens* formas desejantes.



Eu e você e todas as outras pessoas que habitam o mundo temos nossos pequenos desejos, somos artesãos ou, numa tradução livre da noção de “bricoleur” de Levi-Strauss (1989), somos um *faz-tudo*. Ser um *faz-tudo* é também aprender a acumular e (re)aproveitar experiências sobre a vida.

Há até quem diga que uma vida sem experiência é uma vida sem riqueza Benjamin (1986). Se for assim, “a experiência é indecifrável sem a ordenação das sensações e das representações” (Pires; Esperança, 2016, p. 126). Para se ter riqueza, ou para escapar da pobreza, é necessário conhecer o mundo, por isso “uma das razões práticas da caminhada antropológica é justamente por em evidência outros mundos possíveis” (Da Silva, 2022, p. 1212).

Toda vida exige de seus construtores a habilidade da montagem, “a montagem escapa às teleologias, torna visíveis as sobrevivências, os anacronismos, os encontros de temporalidades contraditórias que afetam cada objeto, cada acontecimento, cada pessoa, cada gesto” (Didi-Huberman, 2012, p. 212). Nem toda casa que há pra se conhecer, pra se viver, pra se habitar é de tijolo, nem toda casa é humana, nem toda casa tem moradores.

Quanto mais a gente anda pelo mundo, mais dá pra conhecer novas casas, novos jeitos de montar a vida e é por isso que existem muitas casas, de todos os tipos que a gente pode imaginar.

Conheça o ensaio sobre
a Casa aqui



muita vontade de viver

Pensando grande, desde as paisagens pequenas, o nosso mundo, o planeta Terra, é uma grande casa para os humanos e para todas as outras vidas e coisas não humanas: plantas, animais, pedras e rios, montanhas, o ar, as nuvens, “os não humanos estão fazendo história ao lado dos humanos” (Tsing, 2021, p. 185, 186).

O planeta é um organismo vivo: “Gaia, esse organismo sensível, ativa sentidos de amor incondicional, que é um termo maravilhoso e deixa qualquer um incomodado.” (Krenak, 2022, p.19). Admitir que a vida veio do amor nos permite um deslocamento para uma antropologia dos afetos, dos sentidos, como propõem os professores Andrea De Antoni e Paul Dumouchel da Universidade Ritsumeikan (2020). Trabalhando com dimensões intersubjetivas do afeto, *“these approaches, then, propose to look at entanglements of affects that happen through social practice”* (De Antoni; Dumouchel, 2020, p. 02).

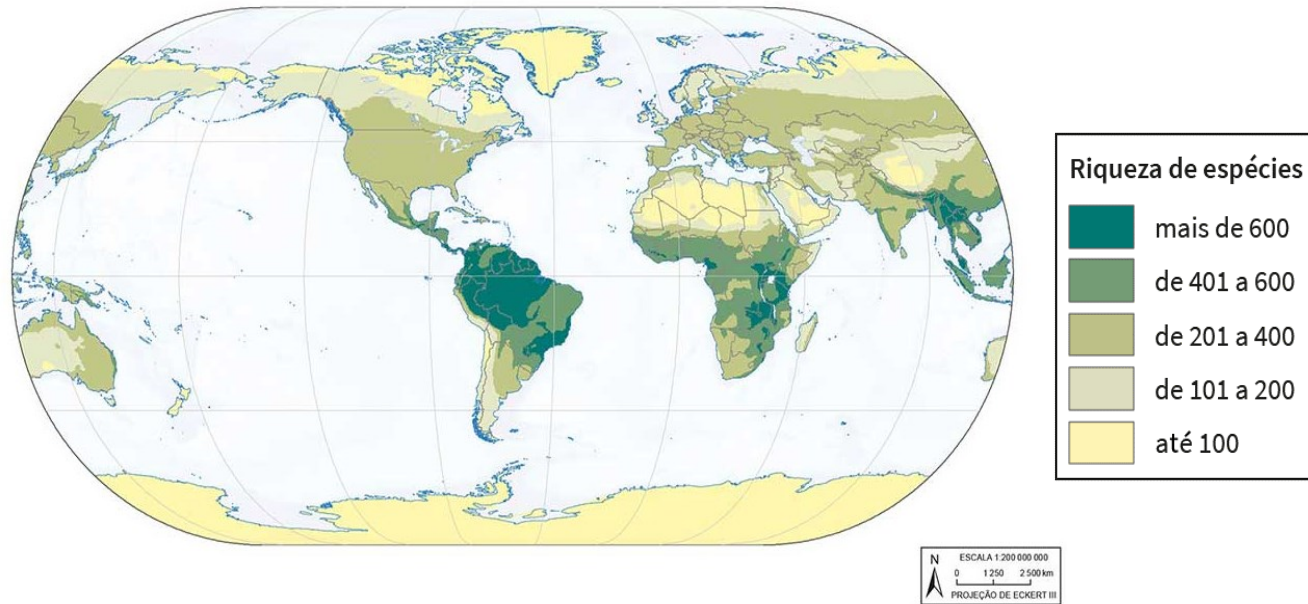
Nesses emaranhados de existências, “avivados pelas forças do cosmo, misturadas e fundidas umas às outras na geração de coisas” (Ingold, 2012, p. 26), ainda tem muita vida que nem sabemos que existe, e essas vidas estão intimamente ligadas ao organismo vivo que é nosso planeta.

Dizem que os cientistas só catalogaram 1,5 milhões das 10 a 50 milhões de espécie de fauna e flora estimadas¹⁶. No último Atlas escolar do IBGE (2024), é possível visualizar a distribuição da riqueza da biodiversidade pelo mundo. Na próxima página podemos visualizar uma figura sobre a biodiversidade mundial.

¹⁶ https://www.wwf.org.br/nossosconteudos/conceitos/_biodiversidade/ acesso em 06 de junho de 2025.

Figura 5

Biodiversidade mundial. Atlas Escolar (IBGE,2024). Adaptado.



No território brasileiro, segundo o IBGE (2022),

em função de suas dimensões continentais, o Brasil contempla uma grande variedade de ecossistemas e, conseqüentemente, de espécies da fauna e flora que eles abrigam. A vida e o bem-estar humanos são intimamente dependentes da manutenção dos serviços dos ecossistemas derivados da biodiversidade, bem como das oportunidades proporcionadas pela sua conservação, uso sustentável e patrimônio genético (IBGE, 2022, p. 05)

Reforçando os dados acima, o Ministério do Meio Ambiente¹⁷ e Mudança do Clima, afirma em seu site oficial na internet que o Brasil é o país

mais biodiverso do mundo, reunindo mais de 170.000 espécies da fauna, flora e fungos, distribuídas em seis biomas e três ecossistemas marinhos.

¹⁷ <https://www.gov.br/mma/pt-br/assuntos/biodiversidade-e-biomas>, acesso em 06 de junho de 2025.

O Cerrado é a savana mais biodiversa do mundo, sendo o único bioma presente em todas as regiões do Brasil, é também o mais ameaçado, tendo perdido mais de 50% da sua vegetação original¹⁸.

O Cerrado é fartura (Clara De Lima, 2020).

Só a contagem de frutos chega a 4 mil variedades diferentes no bioma, sendo que mil delas podem servir de alimento para os humanos, inclusive com potencial econômico¹⁹. Com informações da EMBRAPA²⁰, o Cerrado ocupa 21% do território nacional, com um território de 1,8 milhão de km².

Aproximando os dados para uma realidade local, recentemente, pesquisadores da UEG, descobriram em Iporá-GO, a *Ariasa iporaensis*²¹, uma nova espécie de cigarra, já às margens do Rio Araguaia foi recém-descoberta a *Copaifera araguaiensis*²², em Cavalcante-GO, um grupo de pesquisadores da UNB e do ICMBIO catalogou 55 novas espécies de répteis e 34 de anfíbios²³. Imagino que toda essa biodiversidade, tudo que está vivo ou que um dia teve vida veio de algum lugar (?)²⁴.

¹⁸ <https://www.nationalgeographicbrasil.com/natgeo-ilustra/cerrado>

¹⁹ <https://frutosatrativosdocerrado.bio.br/76-especies>

²⁰ <https://www.embrapa.br/agencia-de-informacao-tecnologica/tematicas/bioma-cerrado/biodiversidade>

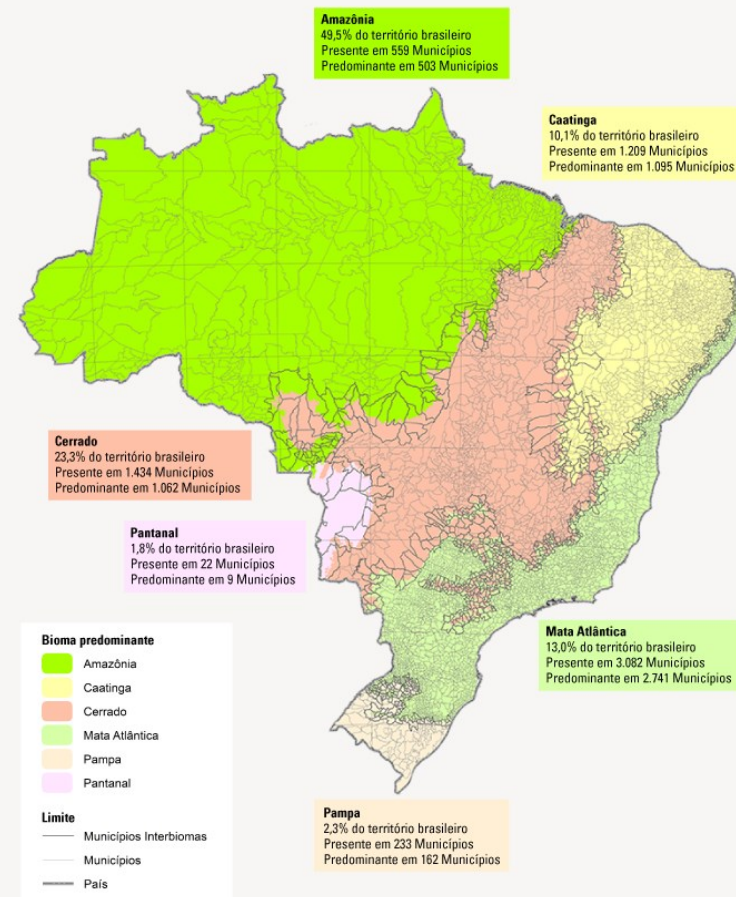
²¹ https://www.ueg.br/noticia/69322_pesquisador_da_ueg_descobre_nova_especie_de_cigarra_em_ipora

²² <https://cfbio.gov.br/2025/02/27/expedicao-araguaia-vivo-2030-descobre-nova-especie-vegetal-e-reforca-conservacao-do-rio-araguaia/>

²³ <https://unbciencia.unb.br/biologicas/35-zoologia/709-estudo-coordenado-pela-unb-cataloga-especies-raras-de-repteis-e-anfibios-em-goias>

²⁴ Novamente o recurso (?) aparece na forma textual para provocar o leitor à um exercício de reflexividade sobre a suposta afirmação feita pelo autor.

Panorama dos biomas no Brasil



Fonte: IBGE, 2024. Bioma Predominante por Município para Fins Estatísticos



Figura 6

Panorama dos Biomas Brasileiros. Fonte: IBGE, 2024.

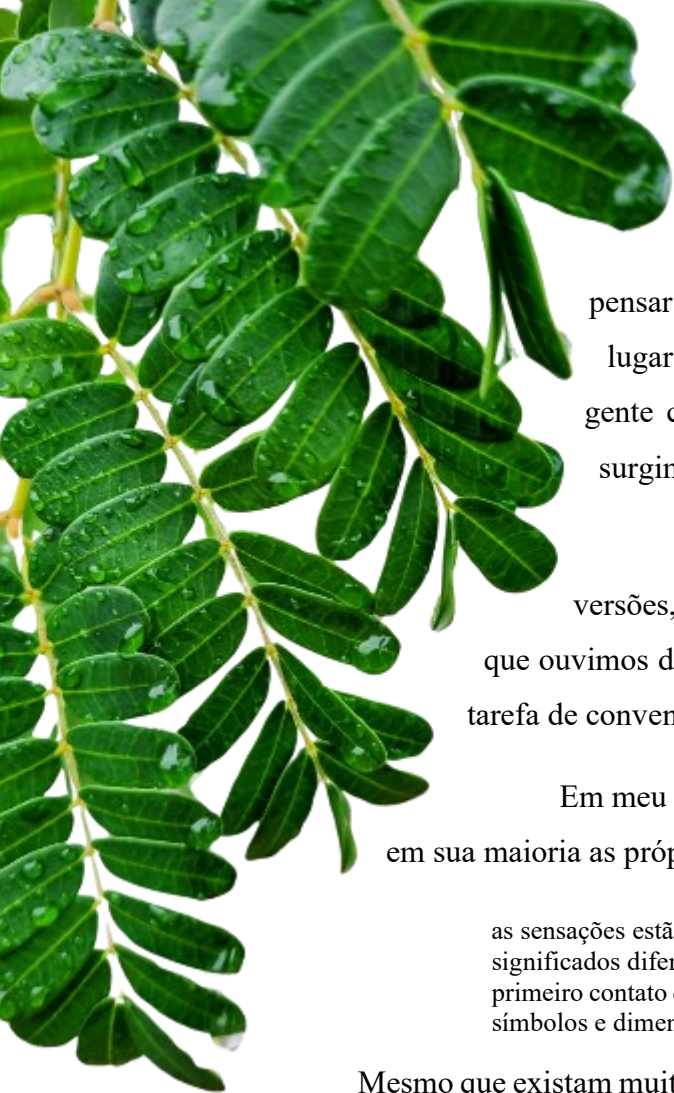
IMAGEM 38

Vão do órfão, Cavalcante-GO, 2024.



Mais sobre a paisagem
aqui





Usei a palavra “imagino” porque combina com o que tenho escrito até agora, mas também por que pensar sobre a origem das formas de vida é mesmo um exercício de imaginação. Já que a origem da vida é um lugar que não sabemos muito bem como surgiu nem o que é, apesar das evidências ou da fé, ninguém que a gente conheça está vivo no planeta Terra há tanto tempo para nos dizer que viu, com os próprios olhos, o surgimento das coisas.

No entanto, somos fascinados pelo que não conhecemos e por isso, em muitos lugares e em diferentes versões, existem narrativas sobre a origem, sobre o antes, quando nossa grande casa ainda não existia. As histórias que ouvimos dependem de um pouco de fatos e um tanto de fé. No final das histórias, cada um acredita no que quer: a tarefa de convencer e dar credibilidade depende também da habilidade do narrador (Benjamin, 1986).

Em meu trabalho final de conclusão de curso (Sant’Ana, 2020, p. 52) argumentei que “as histórias do narrador são em sua maioria as próprias vivências”, tendo em vista que:

as sensações estão presentes ao longo das vivências e das descobertas do mundo do narrador, por cada peculiaridade que possuem, apresentam significados diferentes. Esses processos fazem com que fiquemos atentos àquilo que acontece à nossa volta. Desse modo, podemos dizer que o primeiro contato que estabelecemos com nosso lugar de viver, nosso mundo real, é um contato sensível, uma “recepção” ao que a vida, os signos, símbolos e dimensões históricas oferecem aos nossos sentidos (Sant’Ana, 2020, p. 10).

Mesmo que existam muitas histórias sobre a origem, e por mais que haja diversos narradores, é como explica Ailton Krenak (2022):

a gente vive a narrativa do Ocidente que diz termos sido criados do barro da terra. Nós fomos moldados, soprados por uma divindade e soltos por aí, nessa nossa diversidade toda. Todos nós fomos plasmados numa narrativa criacionista. O mundo foi criado (Krenak, 2022, p.18)

IMAGEM 39 Para Tim Ingold (Ingold, 2012, p. 117), na narrativa ocidental, fomos ensinados: “a desconfiar dos sentidos, a confiar mais no intelecto do que na intuição e a considerar a imaginação como uma fuga da vida real e não como seu impulso. Quase por definição, me parece, o

imaginário é irreal: é a nossa palavra para aquilo que não existe”. Afinal, o imaginário é terra de quem? Na invenção do imaginário ecoam fuga e sonho. Fuga como criatividade, sonho como a própria imaginação. As narrativas ocidentais, que se pretendem ser hegemônicas tentam tolher nossas capacidades de criar e imaginar fora dos limites de uma realidade controlável.

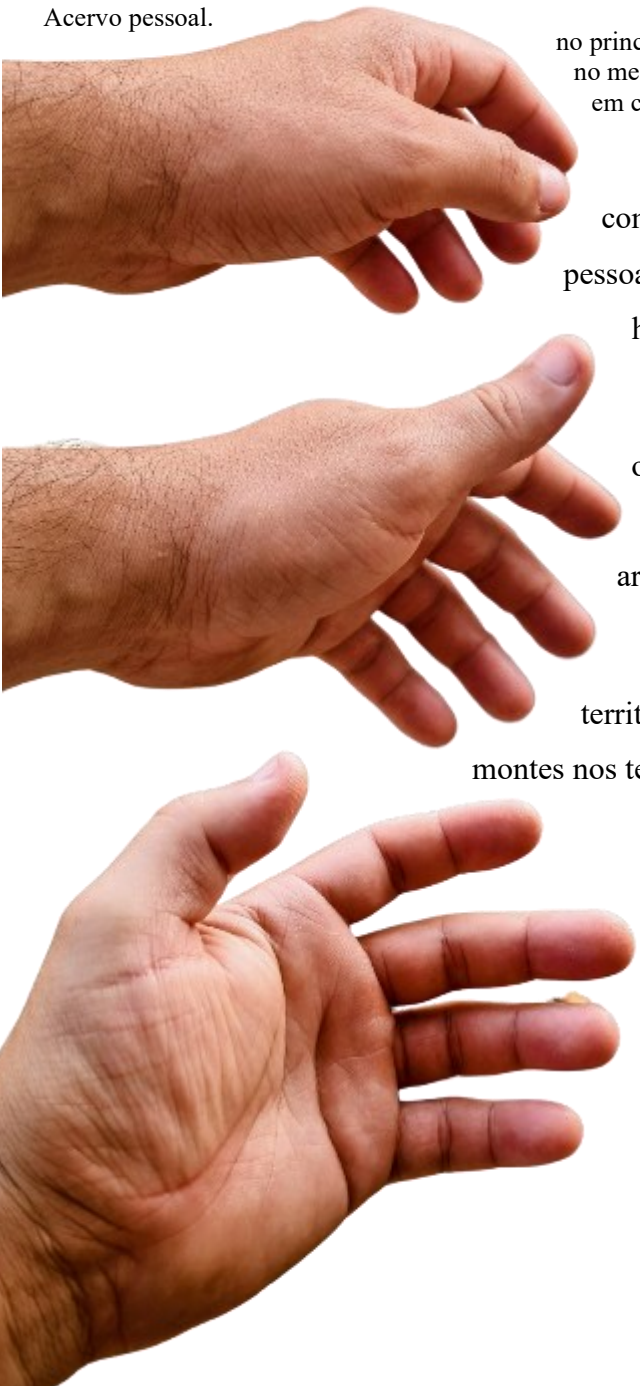
Desde que consigo me lembrar, ouvi muitas histórias e músicas sobre a criação do mundo, narrada no livro gênesis, que é um dos livros da bíblia cristã. Gênesis quer dizer “origem, criação”. O livro conta como Deus criou “tudo” que existe, do nada, com o poder de sua vontade e de sua palavra e “então, do pó da terra, o Senhor formou o ser humano. O Senhor soprou no nariz dele uma respiração de vida, e assim ele se tornou um ser vivo” (Bíblia Sagrada, NTLH, Livro de Gênesis, Cap. 2, vs. 7).

Até certo ponto, numa dada época da minha vida, acreditava em verdades absolutas e histórias únicas, desde criança até o início da vida adulta, não era nem óbvio e nem evidente pra mim que poderiam haver outras formas legítimas de explicação sobre a origem do mundo, que fossem reais e articuladoras de sentido da existência. Percebo que eu atribuía como “bastardo” tudo que escapava da minha cosmovisão, meu modo de vida era formatado a partir de uma história única.

A antropologia, me ajuda, de certa forma a explorar um pouco mais dos limites dos mundos desconhecidos. Existem, para exemplificar, algumas narrativas sobre o mundo criado e a origem da vida:

no início só havia Olorum. Ele pairava sobre o nada. Tudo era igual, tudo do mesmo jeito, tudo parado. Embora existindo por si mesmo, Olorum, o senhor da vida, não se contentava em viver sozinho, sem ter o que ver, ouvir, cheirar, tocar, sem ter com quem conversar. Aborrecido, entediado com tal situação, Olorum decidiu criar um lugar onde pudesse encontrar as coisas. Esse lugar seria o mundo (Leão, 2014, p. 05)

no princípio Deus criou o céu e a terra. A terra não tinha forma e não tinha nada nela, a escuridão cobria o mar profundo, e o Espírito de Deus circulava sobre as águas. No princípio o mundo não existia. As trevas cobriam tudo (Bíblia Sagrada, NTLH Livro de Gênesis, Cap. 1, vs. 1)



no princípio o mundo não existia. As trevas cobriam tudo. Enquanto não havia nada, apareceu uma mulher por si mesma. Isso aconteceu no meio das trevas. Ela apareceu sustentando-se sobre o seu banco de quartzos branco [...] Depois de ter aparecido, ela começou a pensar em como deveria ser o mundo (Kêhíri; Pãrökumu, 1995, p. 19)

Em “Antes o mundo não existia”, Kêhíri e Pãrökumu (1995) contam sobre a Maloca do Universo e como a Avó do Mundo pensou em como seria o futuro. Após fazer surgir de seus pensamentos as primeiras pessoas, ela os chamou de irmãos e deu a eles a missão de pensar em “como fazer a luz, os rios e a futura humanidade”.

No sexto dia da criação bíblica, depois de criar Adão e Eva, Deus os abençoou e entregou o domínio e o poder sobre as outras criações, dizendo: “Tenham muitos e muitos filhos; espalhem-se por toda a terra e a dominem. E tenham poder sobre os peixes do mar, sobre as aves que voam no ar e sobre os animais que se arrastam pelo chão” (Bíblia Sagrada, NTLH, Livro de Gênesis, Cap. 1, vs. 28).

Os humanos sobreviveram a eras de tempos, fizeram a história e contaram suas histórias. Invadindo territórios em todos os continentes, avançando sobre locais inabitados e inóspitos, fizeram alicerces e casas aos montes nos territórios mais improváveis.

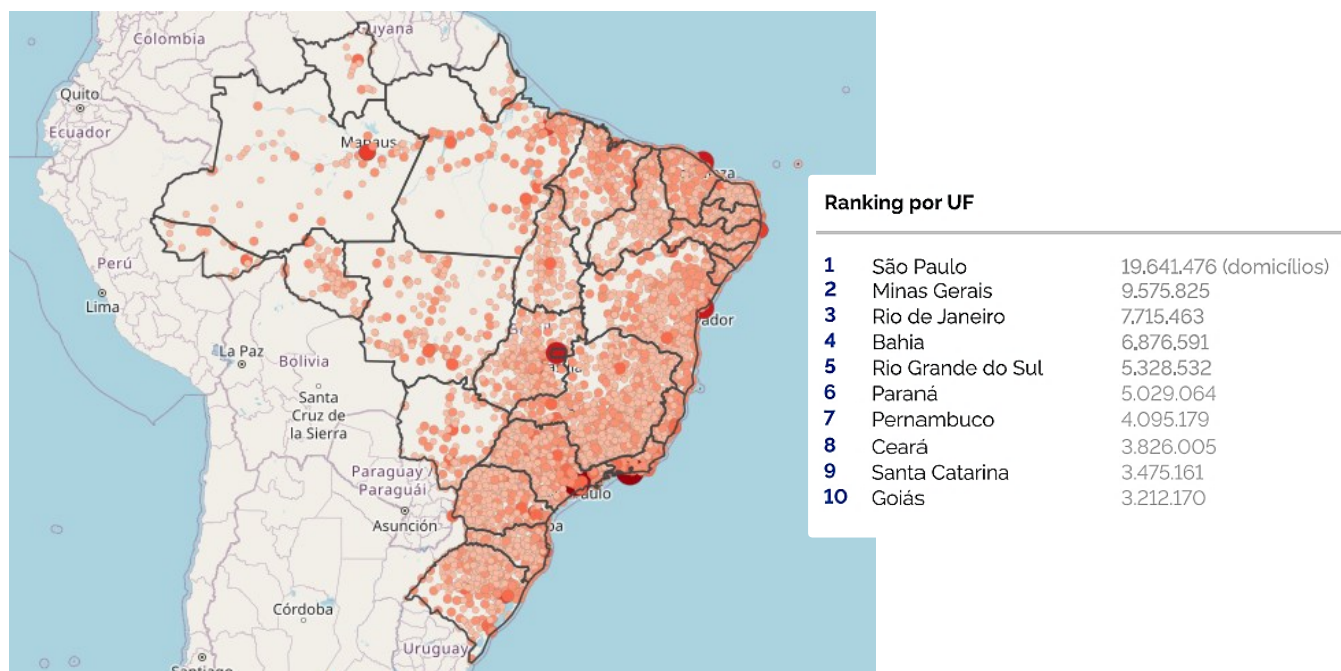
Enquanto ciência que se interessa por diversos aspectos do homem, inclusive no tema dos mitos e das religiões, esta não é uma questão antropológica para esta pesquisa. Aqui chamo a atenção à encruzilhada onde diferentes narrativas sobre a origem, entregam à humanidade, a responsabilidade de cuidar do planeta, dos recursos naturais e das condições de sobrevivência não só da própria espécie, mas de toda a vida existente.

Olhando de trás pra frente, até os dias de hoje, é possível dizer que os humanos têm mesmo muita vontade de viver. Todo tempo até aqui não foi suficiente. Ao que nos parece, pelo menos a nível prático, o planeta Terra é o único lugar viável de ser habitado pelos humanos em toda uma galáxia e olha o que fizemos com a nossa grande casa, a transformamos incontáveis vezes desde que surgimos como espécie, refazendo as paisagens do mundo, enchendo a Terra de coisas boas e ruins, causando devastações violentas.

Com dados do IBGE (2022), só no Brasil, em 2022 existiam cerca de 90.704.582 locais onde as pessoas estabeleciam suas residências, desde cortiços, casas, apartamentos, malocas, habitações coletivas, até outros tipos de moradia. Desse total 82,32% dos domicílios eram do tipo casa e desse total 20% estavam desocupados (IBGE, 2022).

Figura 7

Distribuição de moradias no Brasil. Fonte: IBGE, 2024. Adaptado.

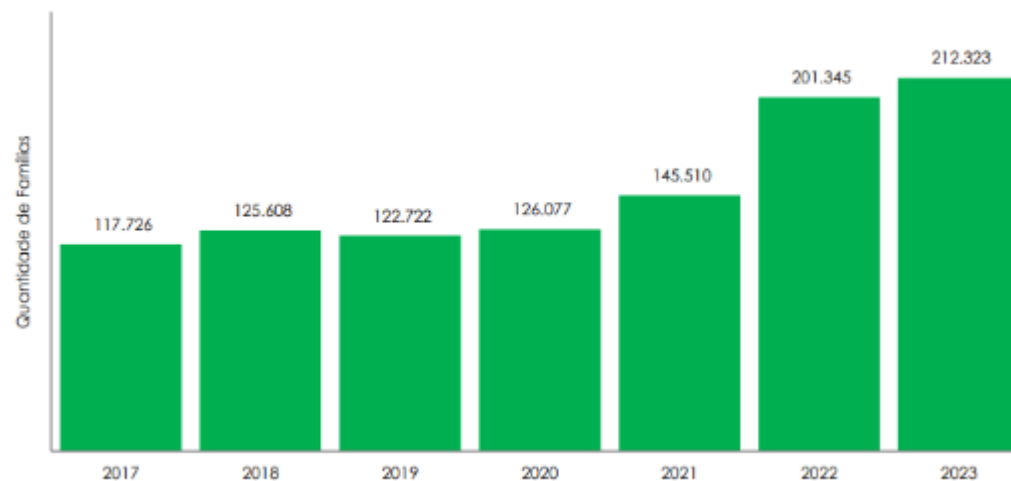


Os resultados do último levantamento censitário (IBGE, 2022) revelam um panorama da quantidade de casas e outras construções onde as pessoas vivem no Brasil. Só na parcela do mundo-Cerrado considerado nesta pesquisa (Goiás) estima-se que existam mais de 3 milhões de moradias. Como podemos observar na figura acima, há milhões de casas espalhadas por todo o território. Controvérsias em pauta, nem todo mundo tem um lugar para morar nem aqui nem no resto do planeta.

Em Goiás, o programa do governo estadual, intitulado “Pra ter onde Morar²⁵” é uma política pública habitacional subdividida em duas frentes principais: Casas a Custo Zero e Aluguel Social. Com a construção de moradias a custo zero para a população que tem renda de até um salário mínimo, o objetivo é combater o déficit habitacional. Um estudo técnico do Instituto Mauro Borges (IMB, 2024, p. 04, 06), apontou que em 2023 haviam 212 mil famílias em déficit habitacional no estado, “essa magnitude de famílias indica que há aproximadamente 503 mil pessoas que estão em déficit, cerca de 7,13% dos habitantes do estado”. Para mensurar esse déficit, o IMB considerou três categorias e cinco componentes, sendo eles domicílios precários: domicílio improvisado e domicílio rústico; coabitação: domicílio cômodo e domicílio adensado; e ônus excessivo: ônus com aluguel. As diferentes dimensões abrangem carências associadas à dignidade humana, qualidade de moradia e fatores financeiros e econômicos. Um demonstrativo do déficit pode ser analisado na figura a cima.

Figura 8

Déficit habitacional por ano em Goiás. Fonte: IMB (adaptado).



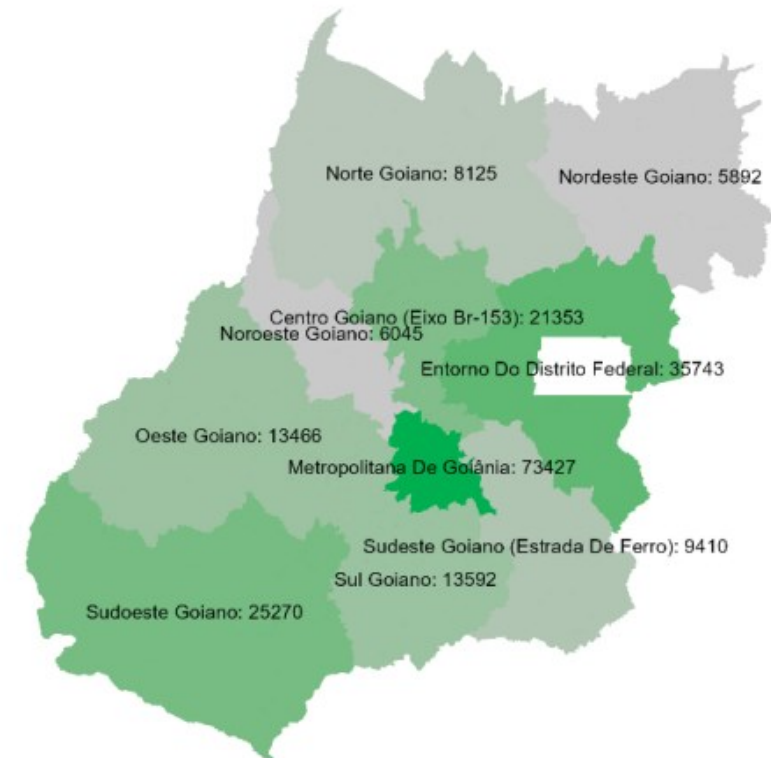
²⁵ <https://goias.gov.br/agehab/pra-ter-onde-morar-construcao/>

Figura 9

Déficit habitacional das famílias em Goiás. Fonte: IMB 2024 (adaptado).

O ESTUDO TÉCNICO RELIMINAR Nº: 1/2024 - AGEHAB/GEPR-21456²⁶, divulgado em dezembro de 2024, apresentou números do Programa Pra Ter Onde Morar desde sua implementação em 2021: cerca de 70.000 famílias beneficiadas com Aluguel Social, mais de 9.000 unidades habitacionais entregues subsidiadas com crédito parceria e 9.275 unidades habitacionais da linha de Casas à Custo Zero foram contratadas, destas, 2.948 já foram entregues. Em 2025 o governo estadual anunciou²⁷ como meta a construção de 4 mil unidades em 2025 e chegar a 10 casas até o final de 2026.

A figura ao lado, ilustra parte do estudo do IMB (2024), onde estão representadas as famílias goianas e a carência de moradias em todas as regiões do estado de Goiás, onde a região nordeste apresenta o menor número de famílias sem moradia, enquanto a região metropolitana de Goiânia (RGM) apresenta a maior quantidade de famílias que não tem onde morar. É possível observar que as regiões do entorno do Distrito Federal, centro, sudeste, sudoeste e oeste goiano também possuem elevados números de famílias sem moradia. Esse levantamento começa a indicar por exemplo, a disparidade de desigualdades socioeconômicas presentes no *Mundo-Cerrado*. Guarde essa informação, ela será útil mais a frente. Recorde-se principalmente da representação



²⁶ <https://static.agehab.go.gov.br/cpl/chamamento.publico/2024.003/2024.003.p.005.pdf>

²⁷ bit.ly/4kIweNz

gráfica das regiões centro-sul do estado mais especificamente da RGM e da porção norte-nordeste do estado, essa será nossa base de comparação de dados.

Por outro lado, voltando a falar a nível nacional, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2023) publicou um “texto para discussão” sobre A POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA NOS NÚMEROS DO CADASTRO ÚNICO. O Cadastro Único, ou CadÚnico, é um registro socioeconômico governamental gerenciado pelo Sistema Único de Assistência Social (SUAS) do Fundo Nacional de Assistência Social (FNAS) para Programas Sociais do Governo Federal.

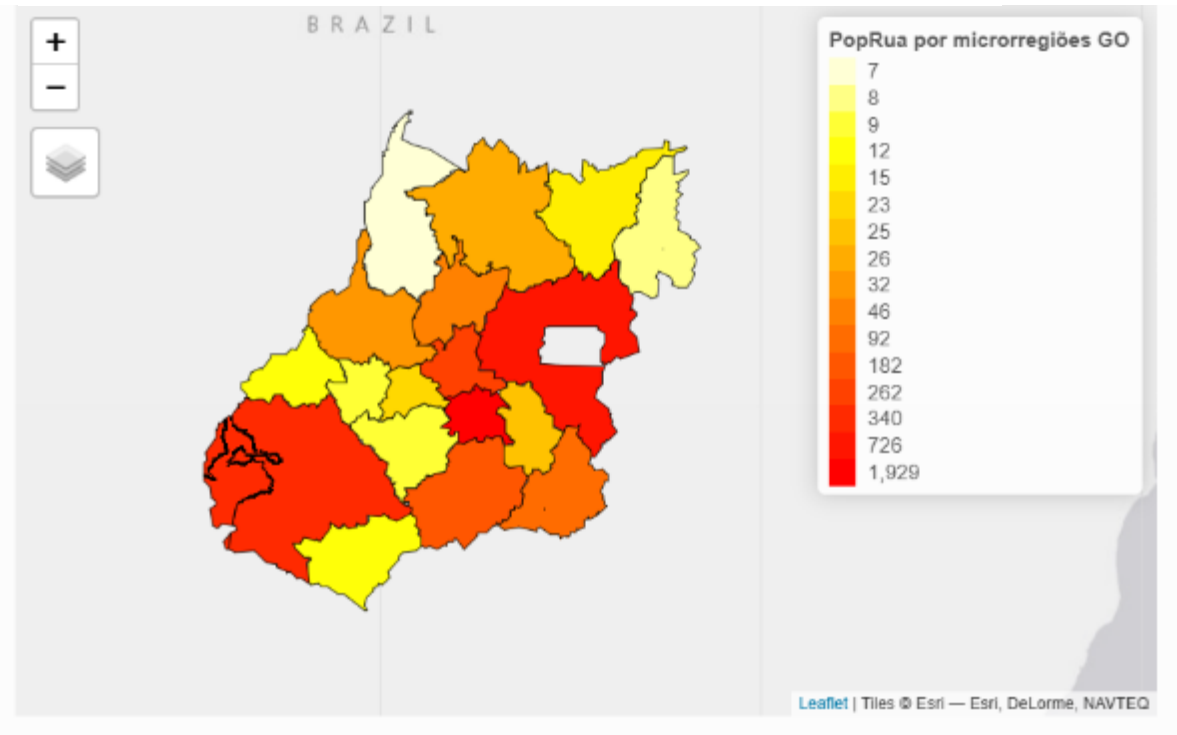
Ainda, de acordo com a publicação do IPEA citada acima, “das 96 milhões de pessoas presentes no CadÚnico em agosto de 2023, 227 mil estavam oficialmente registradas como em situação de rua” (IPEA, 2023, p. 6). Já o Relatório “População em situação de rua: diagnóstico com base nos dados e informações disponíveis em registro administrativo e sistemas do Governo Federal” do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDHC), divulgado no ano de 2023, quantificava em 221.113 o número de Pessoas em Situação de Rua (PSR) no Brasil.

Independentemente das diferenças numéricas entre as fontes governamentais mencionadas, há uma indicação em Natalino (2016) de que a ausência de dados oficiais “reproduz a invisibilidade social da população de rua no âmbito das políticas sociais” (Natalino, 2016, p. 07). O MDHC ainda revela que em 3354 municípios havia pelo menos uma pessoa em situação de rua, o que corresponde a 60,22% dos municípios brasileiros.

Figura 10

Distribuição geográfica da população de rua em Goiás, por Microrregiões.

Fonte: CNMP/MP-GO (adaptado)



O Observatório Brasileiro de Políticas Públicas com a População em Situação de Rua/POLOS-UFMG publicou um Informe Técnico: Perfil da População em situação de rua no estado de Goiás - Dezembro/2023²⁸, traçou o perfil das Pessoas em Situação de Rua, a nível estadual. Mais de 83% das pessoas são negras, 90% se identificam com o gênero masculino, tem entre 40 e 59 anos e cerca de 51% delas possui somente o ensino fundamental incompleto. No que se refere à distribuição territorial, como podemos verificar na figura ao lado, a maior parte dessa população está localizada no centro goiano e nas regiões sudoeste e entorno do Distrito Federal com maior expressividade de distribuição na região metropolitana onde, segundo esse levantamento, seriam 1938 pessoas em situação de rua. Aqui visualize novamente nossa base de comparação de dados: regiões centro-sul do estado mais especificamente da RGM e da porção norte-nordeste do estado.

Ainda sobre esse tema, a Defensoria Pública do Estado de Goiás (DPE GO, 2024) estima que existam 4 mil Pessoas em Situação de Rua²⁹,

²⁸ <https://cnmp.mp.br/portal/informes/informe-tecnico-goias.html>

²⁹ https://www2.defensoria.go.def.br/assets/divulgacao/Cartilha_Direitos_das_Pessoas_em_Situacao_de_Rua.pdf

trata-se de um grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados. Não vive em moradia convencional regular, e utiliza os espaços públicos e as áreas degradadas como local de moradia e de sustento (DPE GO, 2024, p. 02)

O aspecto da moradia, apenas introduzida acima, pode provocar reflexões, a nível local, sobre a condição de habitabilidade em que o planeta se encontra. Tomando como pano de fundo a dimensão dos direitos sociais dos cidadãos brasileiros, estabelecidos na Constituição Federal de 1988³⁰, em muitos aspectos, é especial uma consideração sobre como “a mente do antropoceno é doente” (Buarque, 2016, p. 111). Como bem resume o artista visual Bernardo de Moraes Pinto (2024) em sua recente dissertação de mestrado, o termo Antropoceno tem sido muito utilizado no “ensejo de abranger dimensões críticas da questão ambiental” (Pinto, 2024, p. 14).

Para Ana Tsing (2016), o aspecto habitacional numa escala íntima, a nível da casa ou da falta dela, é revelador de uma das faces da era atual, considerada por muitos como Antropoceno:

o Antropoceno pede à antropologia que leve a sério as questões de habitabilidade. Em vez de apenas seguir cientistas para questionar sua autoridade, somos instados a retornar às melhores descrições do mundo. Por sua vez, a multiplicidade antropológica rompe a unidade imaginada do Antropoceno, recusando a temporalidade universal (TSING, 2016, p. 203)

Durante a grande transformação (Arruda, 2016), a gente descobriu que podia comer a vida do outro, que a ferocidade que desenvolvemos era suficiente para sugar o outro, e isso se espalhou para toda a espécie, ricos e pobres, sem distinção de cor ou classe. É claro que quem tem mais dinheiro vai comer o mundo mais rápido, mas todo ser humano come o mundo porque “a espécie *Sapiens* come o planeta” (Krenak, 2022, p. 22).

ARRUDA (2016, p. 06) define a grande transformação, “resumidamente no seguinte: o surgimento da sociedade de mercado; a reorganização de todas as esferas da sociedade com um único objetivo, o lucro; a criação das mercadorias fictícias terra e trabalho”. Para Clara

³⁰ A Constituição Federal de 1988, em seu artigo 6º, inclui a moradia como um dos direitos sociais. O direito à moradia é uma competência comum da União, dos estados e dos municípios: <https://www.gov.br/pt-br/constituicao-30-anos/textos/moradia-constituicao-garante-e-reforca-concretizacao-do-direito>

De Lima (2020) a cilada do capitalismo está onde “o consumo de mercadorias e bens exerce uma força irresistível sobre nós. Ele também nos convoca com suas promessas de abundância, de felicidade e de prazeres sem fim. Convida-nos a errar em nome de uma prodigalidade que não se realiza, de uma modernidade que jamais se completa (Clara De Lima, 2020, p. 167).

Nessa lógica, o outro que a espécie *Sapiens* come, não é só o outro humano. A habitabilidade e as condições de vida das outras espécies de animais e plantas também sofre com o impacto da presença ostensiva da humanidade. Lembre-se da nossa base comparativa: regiões centro-sul do estado de Goiás, mais especificamente da RGM e da porção norte-nordeste.

De forma prática, os animais, plantas e outros seres também estão perdendo suas casas. Os terrores do antropoceno também se estendem ao mais que humano (Tsing, 2021). O surgimento do Antropoceno ou qualquer outro nome que se dê, para definir uma era geológica, não é um consenso e por isso mesmo não é pacífico nem no que se considera como poder destrutivo nem no campo dos conceitos acadêmicos e científicos, como aponta (Tsing, 2019, p. 204), é um termo contestado por várias frentes do conhecimento.

A era antropocena - utilizando a expressão de Cristovam Buarque (2016) - é uma era que traz à superfície os nossos maiores monstros, o que de certa forma é surpreendente já que:

até recentemente acreditava-se que os monstros e os medos eram frutos da ignorância; a inteligência iluminaria o mundo lógico, daria fim à crença em monstros e ajudaria a construir utopias harmônicas: a realidade desmentiu essa visão. Desde então, outros medos têm surgido de outros monstros criados pela inteligência humana (Buarque, 2016, p. 114)

Mesmo com todo burburinho, mídia e produção científica dos últimos anos, enquanto escrevo este parágrafo, em 14 de junho de 2024, o Antropoceno pode ter sido temporária ou definitivamente desautorizado³¹ como uma era geológica definida.

³¹ <https://www.ige.unicamp.br/lehg/em-votacao-cientistas-negam-que-estejamos-no-antropoceno-a-epoca-geologica-dos-humanos/>

Terra queimada pelo homem, Goiânia-GO, 2024. Acervo pessoal.



No antropoceno ou não, ou seja, em qualquer era, contra os seres humanos pesa a realidade de que eles não podem produzir natureza (Arruda, 2016). Os prenúncios do fim do mundo se apresentam, e aqui continuo a conversa puxando argumentos de Ana Tsing (2021, p. 178), em “manchas ecológicas diferenciadas”. Essas manchas – *paisagens pequenas* - são a Terra perseguida pelo homem (Tsing, 2019) em diversas frentes, como nos alerta MUMBUCA (2017, p. 09): “o mergulho nas “in”certezas dos interesses propositais das mortes, a exemplo, o sistema de armamento nucleares, risco eminente de uma catástrofe da humanidade e o desprezo dos alertas de aquecimento global e outras ameaças globalizantes imediatas”.

Para o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro (2011),

nossa concepção linear e cumulativa de história - congenitamente cega à estrutura, às regulações sistêmicas, às causalidades circulares - demorou demais a acordar para a constatação de que a miséria, a fome e a injustiça não são o fruto do caráter ainda parcial, incompleto, da marcha do progresso, mas seus “sub-produtos” necessários, que aumentam à medida que tal marcha prossegue na mesma direção (De Castro, 2011, p. 04).

O *homo sapiens* se tornou a espécie mais faminta do planeta, produzindo perseguições, paisagens de terror e soterramentos. Tanto é verdade que a sapiência foi capaz de criar instrumentos de destruição de si mesmo, como as guerras, a escravidão, as bombas nucleares, a fome, as desigualdades, racismo, homofobia, as violências múltiplas de gênero, raça, classe. Não necessariamente nessa ordem, porém igualmente

produzidos como consequências das realidades que criamos para nós mesmos, agora, como ressalta Sidarta Ribeiro, “o planeta tem pouco tempo para encontrar saídas e há uma falta de imaginação gigantesca” (Ribeiro, 2022, p. 32). Em devaneios ou alucinações fabulantes, não dá pra falar em salvação do planeta, mas me interessam “respostas artísticas para viver nas ruínas do Antropoceno” (Pinto, 2024, p. 97). A arte pode sugerir maneiras de habitar o *Mundo-Cerrado*?

Agora enquanto reviso o texto dessa dissertação são 23h05 do dia 15 de junho de 2025. Uma pesquisa rápida no Google mostra aproximadamente 1.830.000 resultados em 0,18 segundos para o termo antropoceno, no portal de periódicos da CAPES são 1.066 resultados e no repositório da UFG, os resultados são apenas 4. Existem fatos que nos mostram que vivemos em tempos de colapso ambiental, e estando ou não no antropoceno, as pessoas estão interessadas no tema, dentro e fora da academia.

Através dos milênios, para além de crescer, multiplicar e encher a Terra³², a humanidade criou suas próprias missões paralelas: na sociedade dos cansados, o ser humano é incapaz de parar: é uma sede e uma fome voraz. Tempo do fim, fim dos tempos, últimos dias, apocalipse ou Antropoceno. Em busca de realização e propósito, o ser devora mundos “se realiza na morte. Realizar-se e destruir-se aqui, coincidem” (Han, 2015, p. 86).

O homem que devora a Terra é também o homem que persegue a Terra. Essa humanidade produziu a realidade de um mundo sem abelhas (Mumbuca, 2017). Para Érica Onzi Pastori (2023)

é importante notar que a ameaça à vida das abelhas – e também de outras companhias indispensáveis à vida – tem alimentado medos e distopias[...] os desafios à manutenção da habitabilidade que decorrem da ameaça à vida das abelhas e de outras companhias indispensáveis à vida humana interceptam-se com uma contemporânea proliferação de distopias (Pastori, 2023, p. 12)



Mais sobre as paisagens pequenas e abelhas.
Cavalcante-GO,
2024.



³² A frase "Crescei e enchei a terra" é uma passagem bíblica, encontrada no livro de Gênesis (Gênesis 1:28), que se refere a um mandamento, uma instrução de Deus para a humanidade após a criação, uma tarefa de povoamento de um planeta recém criado.

Pensar sobre o fim é também refletir sobre a origem — sobre as memórias de um futuro imaginado. Refletir sobre a percepção da vida nos confins dos mundos bastardos desencadeia realocações epistemológicas, evidenciando as dificuldades de aplicação, aproximação e os limites dos fazeres antropológicos e artísticos que extrapolam os limites acadêmicos e lidam com os dilemas da continuidade ou não da vida humana. Para Danowski; De Castro (2014) isso significa que

o Antropoceno (ou que outro nome se lhe queira dar) é uma época, no sentido geológico do termo, mas ele aponta para o fim da “epocalidade” enquanto tal, no que concerne à espécie. Embora tenha começado conosco, muito provavelmente terminará sem nós: o Antropoceno só deverá dar lugar a uma outra época geológica muito depois de termos desaparecido da face de Terra (Danowski; De Castro, 2014, p. 08).

As ações das pessoas, sobretudo das mais ricas e donas do poder de exploração do planeta, seus recursos naturais e humanos, acontece de forma acentuada em “um tempo onde o centro é o homem e que em seu entorno, orbita o capital, a acumulação, o desenvolvimento, a falta de tempo e um iminente fim de mundo” (Prado, 2022, p. 2474). Para Bruno Latour “as questões da natureza não tem relação com a exterioridade, com a selvageria, mas com uma extensão da intervenção humana sobre os não-humanos, intervenção explicitamente política e não mais dissimulada como antigamente” (Latour; Sampaio, 2012, p. 33).

Tendo em vista essas questões, investigar os mundos bastardos, evoca também “uma dimensão sociopolítica, que analisa o Cerrado como território de disputas” (Dias; Freire, 2020, p. 02). Diante disso, enquanto pesquisador é preciso perceber em larga escala o quanto as paisagens do antropoceno empacotaram “a alienação humana com a alienação ecológica” (Tsing, 2021, p. 183). Como já apontava Georg Simmel (1973) o estilo de vida metropolitano afeta os fundamentos sensoriais da vida e desenraiza o coração do homem, um coração sem raízes cria a pessoa *blasé*. Da atitude *blasé* “surge assim a incapacidade de reagir a novas



IMAGEM 42

Abelha, Monte Alegre de Goiás-GO, 2012. Acervo pessoal.

sensações com energia apropriada” (Simmel, 1973, p. 16). Adicionalmente é perspicaz a leitura de Gilmar Arruda (2016, p. 11) ao apontar que “as memórias desses sujeitos sociais, bem como as paisagens que eram suportes de pertencimento estão soterradas”.

Exatamente no “entre” é que o artista encontra vazão para fabular, ou ainda nas palavras de PINTO (2024),

onde as fronteiras se movem, artistas produzem a partir de um lugar híbrido que cruza lugares vividos, utopias e distopias praticáveis. Estando as paisagens do Antropoceno situadas nos territórios onde os humanos se relacionam com a Terra e seus viventes, me interessam produções simbólicas que proponham modos plurais de devir-com a partir de agenciamentos e composições em coexistência que o que nos rodeia. Fazer essa localização é importante para que possamos compreender a real dimensão do problema e encontrar formas realistas de seguir com ele, criando vetores de subjetivação e novos modos de vida (Pinto, 2024, p. 101).

No contexto dos devires em transformação no tempo e no espaço, é pertinente considerar que “a história não é senão todas as complexidades do tempo, todos os estratos da arqueologia, todos os pontilhados do destino” (Didi-Huberman, 2012, p. 212). Daí que é necessário lembrar que uma história que se pretende universal foi e ainda é “um esquecimento político da memória e da identidade de diversos grupos sociais, os quais tinham, e têm, diferentes relações com paisagens de uma “natureza transformada em terra” (Arruda, 2016, p. 11).

Relação. Contemplação. Aniquilação.

No fim dos tempos, quando a aniquilação é eminente, a contemplação do mundo- cerrado já não é o bastante e diante da dolorosa incerteza sobre o futuro, é, mais do que nunca, necessária uma “uma relação, uma comunicação com o lugar” (Dos Santos, 2023, p. 09). Urge uma política que escancare cosmopercepções. A cosmopercepção, numa perspectiva relacional “busca abranger a complexidade do corpo, pois compreende que, através da experiência dos sentidos estamos integradas à natureza e ao cosmo” (Gomes, 2023, p. 47).

Pra quem observava de fora, Antônio Bispo dos Santos tensionava³³ outros modos de vida, pra ele, era a própria vida um saber orgânico, baseado no comunitarismo

nos debates contemporâneos também podemos perceber alguns esforços de transfluência, quando analisamos as tentativas de conjugação entre diferentes princípios e/ou perspectivas no interior de alguns processos produtivos tais como: desenvolvimento sustentável, produção orgânica, agroecológica, agroflorestal, permacultura, etnodesenvolvimento, etc. Trata-se de uma tentativa de aproximação de pensamentos, conceitos e valores. Porém, quando partimos para a execução propriamente dita desses pensamentos, conceitos e valores, nos deparamos novamente com os grandes confrontos (Santos, 2015, p. 96)

Enquanto ciência que estuda a humanidade, a antropologia deveria (?) se importar menos com nomeações e conceitos. Se por um lado há modos de vida orgânicos (Krenak, 2022; Santos, 2015; Mumbuca 2017) há o homem “sintético” que persegue a Terra. Fazer antropologia implica a nível pessoal e íntimo, admitir que, em certa medida, eu e você também somos esse homem e não ter receios em ‘narrar perigos ambientais’ (Tsing, 2021).

Afinal, todo mundo é pessoa, gente. Dá pra imaginar, como o homem com uma boca tão pequena dá conta de devorar um mundo inteiro? É assustador, “a gente come o planeta inteiro em três meses” (Krenak, 2022, p. 23). Analisando as histórias do mundo, parece que, cada vez mais “tornou-se desnecessária a empatia, porque o outro passou a estar para servir. Eu acho que esse é o nó do problema que a gente precisa enfrentar, caso a gente queira de fato permanecer como espécie entre outros seres vivos no planeta Terra” (Ribeiro, 2022, p. 35). Sendo a empatia uma capacidade desenvolvida nos fundamentos sensoriais da vida, como poderíamos construir, manter e reparar nossa grande casa sem nossas capacidades sensoriais? Por isso, “é necessário, sobretudo, muita criatividade para viver em um planeta danificado” (Prado, 2022, p. 2473).

Esse poder da inventividade não é próprio do capitalismo, se distingue da organização social do homem branco, pois o que dá sentido à existência da condição humana, como reforça Ailton Krenak (2022), são outros fluxos da vida que seguem lógicas opostas ao capitaloceno. São

³³ Nêgo Bispo, como era popularmente conhecido, foi importante intelectual e ativista quilombola, ele faleceu recentemente aos 63 anos: <https://www.geledes.org.br/morre-o-escritor-nego-bispo-referencia-da-luta-quilombola/>

outros modos de ver, sentir e agir, que experimentam no tempo, na natureza e na vida, uma relação muito diferente do estilo de vida ocidental, um tempo espiralado, circular (?).

Não tenho muita certeza se há algum modo de escapar do capitalismo. Na contramão do que Cristovam Buarque (2016) diz, parece que nem mesmo as catástrofes ambientais são capazes de nos convencer. Receio que as mazelas do modo de vida ocidental estejam já muito misturadas ao que se tornou o ser humano.

Provocações assim trazem à superfície *paisagens pequenas* e com elas, a concepção de que não é necessário ir a lugar nenhum (Yier, 2014) para se reconectar com o organismo vivo da Terra. A arte da quietude nos ensina que também somos Natureza, estamos contabilizados nas espécies que povoam o Planeta.

Se a vida é “uma malha de linhas entrelaçadas de crescimento e movimento” (Ingold, 2012, p. 27), é preciso parar e sentir tais linhas. Esse parar, não é algo descontínuo, ou eventual, é um estilo de vida, é um saber orgânico (Santos, 2015). No mundo de fluxos intensos, “a sociedade da



IMAGEM 43

Mergulho, Lavandeira-TO, 2017. Acervo pessoal.



mercadoria não tem tempo para sonhar” (Krenak, 2022, p.21), justamente por isso é necessária a rebeldia da criação de mundos bastardos pra ver, sentir e agir em outros ritmos.

Desenvolver capacidades do sonhar, ou ainda Cosmopercepções (Oyeumi, 2004, Gomes, 2023) nos exige um “parar, manter-se, habitar durante um tempo nesse olhar, nessa implicação. Fazer durar esta experiência.” (Didi-Huberman, 2012, p. 215)

O que precisamos então, enquanto pequenos devoradores de mundo?

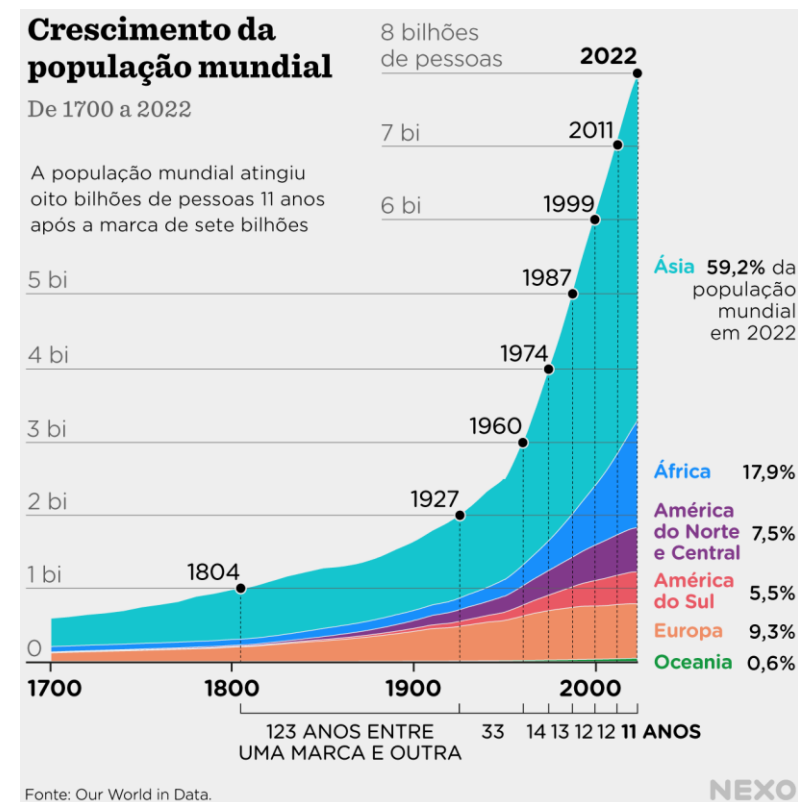
Para Ribeiro (2022, p. 41), “sonhar tem a ver com se sentir parte da Natureza novamente, numa reintegração” Sonhar é recobrar a capacidade de imaginar, restaurar o potencial da criação e do sonhar, que vem na pausa, no tempo do encontro, no diálogo com a espera, da reunião dos tempos, da fuga do blasé, vem no ato da reconexão.



Figura 11

Crescimento da população mundial – 1700 a 2022.

Fonte: Nexo Jornal. 2022



habitar³⁴

Resultados de estudos dos pesquisadores Toshiko Kaneda e Carl Haub do *Population Reference Bureau* (PRB, 2022), estimam que desde que espécie humana surgiu no planeta, já nasceram, até dezembro de 2022, 117 bilhões de pessoas. Enquanto escrevo este trabalho, segundo dados que foram divulgados pela Organização das Nações Unidas (ONU), a população mundial soma 8,2 bilhões de pessoas em 2024. Até 2054 a quantidade de pessoas pode atingir 9,9 bilhões e em 2080 atingirá 10,3 bilhões. Vivendo em um planeta cada vez mais populoso, “o modo capitalista tem consumido o mundo e tudo que nele cresce, floresce e brilha” (Prado, 2022, p. 2472).

Se antes os primeiros homens pensavam muito em como sobreviver em meio ao caos dos tempos de evolução da espécie, hoje há uma tranquilidade muito grande, nossos dias são tempos de relativa paz, pois não há grandes ameaças e riscos à sobrevivência ou extinção em massa como nos primórdios, então, para Ailton Krenak (2022), diante disso a humanidade tem a

certeza de que pode enfiar todo mundo numa cidade e ficar vinte milhões de pessoas comendo, bebendo, dormindo. Essas metrópoles com milhões de pessoas empilhadas umas em cima das outras, comendo, bebendo e dormindo, são uma ameoba gigante que já parou de sonhar e que fica só se reproduzindo. E a fúria reprodutiva do Sapiens é a maior bomba que a gente tem no organismo do planeta. Estamos embalados nessa sem pensar (Krenak, 2022, p.22)

³⁴ Gosto de pensar na urbano, na cidade, sob a musicalidade de Jaloo, em “A Verdade é Que a Cidade Vai Me Matar” <https://www.youtube.com/watch?v=gfaGNsKmVxE>



Como resultado do fenômeno urbano, atualmente a maior parte da população mundial mora em espaços urbanos. No Brasil, dados do último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2022) apontam que mais de 60% da população brasileira vive hoje em concentrações urbanas. Falando de Goiás e dos seus grandes centros urbanos, de acordo com o Boletim 801 do Observatório das Metrôpoles/Núcleo Goiânia (OM, 2023³⁵), os dados divulgados pelo IBGE demonstram que enquanto outras metrôpoles tendem a reduzir de tamanho, a região metropolitana de Goiânia (RMG) apresentou taxa de crescimento de 1,49% ao ano desde o Censo de 2010, média que é menor apenas que a de Florianópolis, no estado de Santa Catarina, que registrou aumento anual de 2,47%.

Figura 12

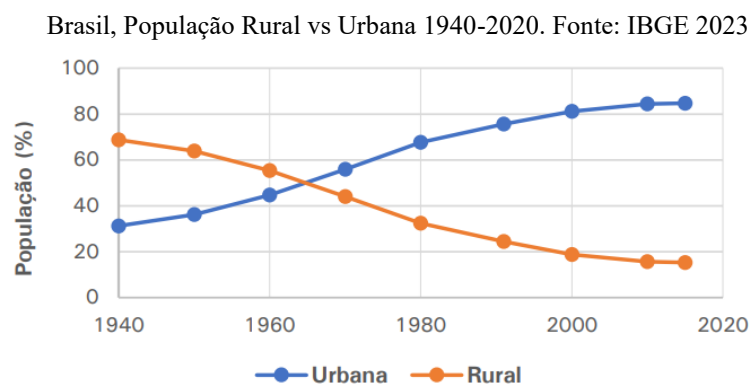


IMAGEM 44

Pés, Acervo pessoal. 2016.

Esses dados confirmam que a população da RMG se expandiu em cerca de 19,35%, o que para o Observatório das Metrôpoles deixa um importante alerta: “a falta de planejamento urbano promove baixa qualidade de vida e afugenta populações. Ao mesmo tempo, o aumento de população em determinadas cidades [...] vai requerer planejamento para acomodar a nova população” (OM, 2023).

³⁵ <https://www.observatoriodasmetrôpoles.net.br/conheca-o-om-nucleo-goiania/goiania-2/>, acesso em 10 de junho de 2025.

O Censo do IBGE sofreu um hiato de mais de uma década, o que torna os resultados divulgados pelo Instituto em 2022, muito mais valiosos. Os novos dados trazem uma série de importâncias e oportunidades para as pesquisas em ciências sociais. No contexto brasileiro é preciso lembrar que, como apontam Custódia Selma Sena e Nei Clara de Lima (2005)

a imaginação social brasileira e nossa própria experiência de brasilidade tem-se construído pelo menos desde o século dezenove, em torno do sentimento e da imagem que o Brasil é um país dual, ou seja, composto por duas regiões imaginárias, como são o litoral e o sertão. Dualidade que se desdobra em outros binarismos como civilizado/primitivo; progresso/atraso; individualismo/personalismo; cópia/autêntico; moderno/tradicional; cidade/sertão etc. (Sena; Lima, 2005, p. 40)

As autoras realizam uma revisão de narrativas nos campos da geografia, historiografia e ciências sociais com o intuito de “discutir a construção simbólica da região”. Por região nomeia-se: sertão. Alguns autores dos anos 50 caracterizaram geograficamente algumas regiões da divisão política do país como sendo o sertão ou Brasil arcaico. Em contraposição ao Brasil novo, seriam elas Norte, Nordeste, Centro-Oeste e Minas Gerais. Sena (2010) complementa acrescentando categorias ao Brasil arcaico, como regiões decadentes Minas Gerais e o Nordeste; periférica Centro-Oeste, exceto Brasília. Incluindo assim na categoria geral de sertão, especificamente: norte de Minas Gerais, Tocantins, Nordeste e o Centro-Oeste. Todas essas localidades “são consideradas sertão pelo pensamento social, enquanto internamente a cada uma dessas regiões o sertão é situado sempre mais além” (Sena, 2010, p. 41).

“Para o estado de Goiás, no entanto [...] o estado inteiro é pensado como sertão, muito embora para o pensamento goiano nativo, o sertão não coincida com o Estado, mas com algumas áreas dentro dele” (Sena, 2010, p. 38). Acho que quase todo mundo já ouviu falar que Goiânia é uma roça grande, tais estereótipos revelam “uma articulação multidimensional entre o campo e a cidade, expressa nas relações sociais, culturais e econômicas” (IBGE, 2023, p. 75).

Novamente, Sena (2010) aponta para a diferenciação local do sertão, sendo deslocado o mais longe possível do urbano, porém com a divisão do estado de Goiás nos anos 1990 o sertão é atribuído ao extremo norte do território recém dividido, onde território é inóspito, não



IMAGEM 45

Sem título, Cavalcante-GO, 2020. Acervo pessoal.

desenvolvido, caracterizado principalmente pela baixa produtividade agrícola, e baixos níveis de civilização: “o que significa dizer que estes lugares são os mais distantes da capital, os de mais baixa densidade populacional e de criação de gado e plantação de lavouras, em moldes não capitalistas. (Sena, 2010, p. 42)

Me interessa então situar o recorte do mundo-Cerrado desta pesquisa, no Centro-Oeste, no Estado de Goiás. A partir das categorias de análise dispostas e a título de análises comparativas, estabelecerei Goiânia como cidade e o nordeste do estado – onde se concentra a maior parte dos registros do arquivo da pesquisa, como sertão. A ideia em construção aqui é que “preocupações ambientais devem ser incorporadas em análises de justiça social” (Tsing, 2021, p. 178).

Como uma região imaginária, o sertão assume um lugar na imaginação social coletiva, imagem criada e reforçada pelas visualidades, do cinema, da literatura, dos discursos políticos e, ainda, como um lugar de gente sofrida, violenta e vingativa (Sena, 2011). Acrescento ainda que o sertão de Goiás, especialmente o nordeste do estado, nas divisas com Tocantins e Bahia, por vezes é nomeado como “corredor da miséria” e reificado assim também pelos

Conheça o ensaio sobre
o Sertão

Link: bit.ly/4e1hab3



índices socioeconômicos oficiais, sejam estaduais ou federais bem como realizados por entidades internacionais.

Para Brandão (2023, p. 02), “preocupados em oferecer do cerrado a imagem de um cenário o mais objetiva e científica possível, os escritos que falam sobre ele em livros e em artigos deixam escapar alguns dos aspectos em que o mundo dos “sertões de dentro” mais espantam e maravilham”.

Nessa direção, a tarefa que me disponho nesse pequeno subcapítulo é trazer à tona contra visuais no sertão, ou seja tentar identificar e expor contra narrativas sobre até que ponto alguns índices - para além de sua importância para elaboração de políticas públicas - também sugerem a criação do imaginário social onde o sertão é o lugar da escassez, é também “uma crítica à compreensão do rural como sinônimo de atividades agrícolas e de modos de vida atrasados” (IBGE, 2023, p. 73).

Articulando as ideias de Infraestrutura (Tsing, 2021) e de paisagens assimétricas e irregulares (Tsing, 2016), a ideia é dispor informações sobre alguns índices socioeconômicos como Índice de Desenvolvimento Humano, PNUD, Índice de Bem Estar Urbano, Índice de Carência Multidimensional das Famílias, Índice de Gestão Eficaz, Índice Goiano de Longevidade, Índice Goiano de Vulnerabilidade.

Uma breve análise servirá também como ponte para diálogos com as paisagens pequenas. A imagem 46 foi feita pela minha orientadora, Ema, em um dos nossos primeiros encontros de orientação. O registro é simbólico no sentido de me lembrar que sempre tive a intenção de trabalhar com dados socioeconômicos nessa pesquisa.

Agora vou precisar que você se lembre da nossa base comparativa: regiões centro-sul do estado de Goiás, mais especificamente da RGM e da porção norte-nordeste. Como amostra local, escolhi o município de Cavalcante como unidade de análise. Explico melhor logo mais. O



Figura 13

Ranking Goiás - Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil. Fonte: Pnud Brasil, Ipea e FJP, 2022.

Territorialidades	Posição IDHM	IDHM	Posição IDHM Renda	IDHM Renda	Posição IDHM Educação	IDHM Educação	Posição IDHM Longevidade	IDHM Longevidade
Cavalcante (GO)	4.540*	0,584	3.695*	0,595	5.229*	0,415	2.754*	0,808
Flores de Goiás (GO)	4.215*	0,597	3.908*	0,583	4.733*	0,457	3.107*	0,799
São Domingos (GO)	4.215*	0,597	4.073*	0,576	4.002*	0,445	1.647*	0,830
Amarellina (GO)	3.927*	0,609	4.228*	0,569	4.183*	0,489	2.504*	0,813
Montividiu do Norte (GO)	3.847*	0,613	4.023*	0,578	4.201*	0,488	2.357*	0,816
Monte Alegre de Goiás (GO)	3.706*	0,615	3.753*	0,592	4.306*	0,481	2.357*	0,816
Sítio D'Abadia (GO)	3.756*	0,617	3.779*	0,590	4.026*	0,497	3.026*	0,802
Mambai (GO)	3.561*	0,620	3.478*	0,610	4.081*	0,494	2.357*	0,816
Bomópolis (GO)	3.487*	0,630	3.173*	0,630	4.201*	0,488	2.504*	0,813
Campinaçu (GO)	3.469*	0,631	2.952*	0,644	4.409*	0,476	2.216*	0,819

Territorialidades	Posição IDHM	IDHM	Posição IDHM Renda	IDHM Renda	Posição IDHM Educação	IDHM Educação	Posição IDHM Longevidade	IDHM Longevidade
Golfinha (GO)	45*	0,799	30*	0,824	82*	0,739	1.281*	0,838
Ceres (GO)	178*	0,775	360*	0,753	107*	0,733	1.075*	0,842
Catalão (GO)	274*	0,766	194*	0,769	205*	0,715	2.216*	0,810
Goiandira (GO)	366*	0,760	1.268*	0,711	135*	0,727	759*	0,848
Jataí (GO)	420*	0,757	168*	0,774	930*	0,656	527*	0,856
Rio Verde (GO)	467*	0,754	232*	0,765	930*	0,656	610*	0,853
Inumbiana (GO)	508*	0,752	512*	0,744	560*	0,682	1.281*	0,838
Nova Aurora (GO)	599*	0,747	1.473*	0,703	389*	0,697	759*	0,848
Quvidur (GO)	599*	0,747	1.008*	0,721	389*	0,697	1.647*	0,830
Valparaíso de Goiás (GO)	628*	0,746	765*	0,733	416*	0,695	2.407*	0,815

levantamento de dados em bancos oficiais parece corroborar com meu apontamento inicial. O Censo IBGE (2022) mostra que a população de Goiás cresceu 17,55% desde 2010, com uma média acima da nacional, de 6,5%. Goiânia cresceu 10,39% e Cavalcante 2,1%. Então a título de comparação, trago alguns dados da capital Goiânia e de Cavalcante.

Cavalcante aparece negativamente em todos os indicadores socioeconômicos³⁶ em pesquisas como PNUD, IBEU, ICMF, IDH. Entretanto, como podemos pensar em dimensões específicas desses índices como meio ambiente e longevidade e o que isso significa nos modos de vida da população local?

Os dados da figura ao lado são do PNUD (Programa das Nações Unidas para o

³⁶ PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), IBEU (Índice de Bem-Estar Urbano), ICMF (Índice de Carência Multidimensional das Famílias), IDH (Índice de desenvolvimento Humano).

Figura 14

Ranking – IBEU Municipal. Fonte: Observatório das Metrôpoles. 2025

Legenda: ● Muito Ruim ● Ruim ● Médio ● Bom ● Muito Bom

Município	UF	Ranking	IBEU	Mobilidade	Ambiental	Habitacional	Serviços	Infraestrutura
Cavalcante	Goiás	4861	0.673	0.971	0.739	0.785	0.559	0.311
Goiânia	Goiás	653	0.874	0.887	0.952	0.906	0.854	0.773

Desenvolvimento), que elenca alguns índices como educação, renda e longevidade. No primeiro quadro, temos os dez piores municípios de Goiás entre os quais Cavalcante aparece na primeira posição, como pior município. Logo abaixo temos o quadro dos 10 melhores municípios do estado, tendo em vista as dimensões levantadas pelo PNUD, os dados são de 2022.

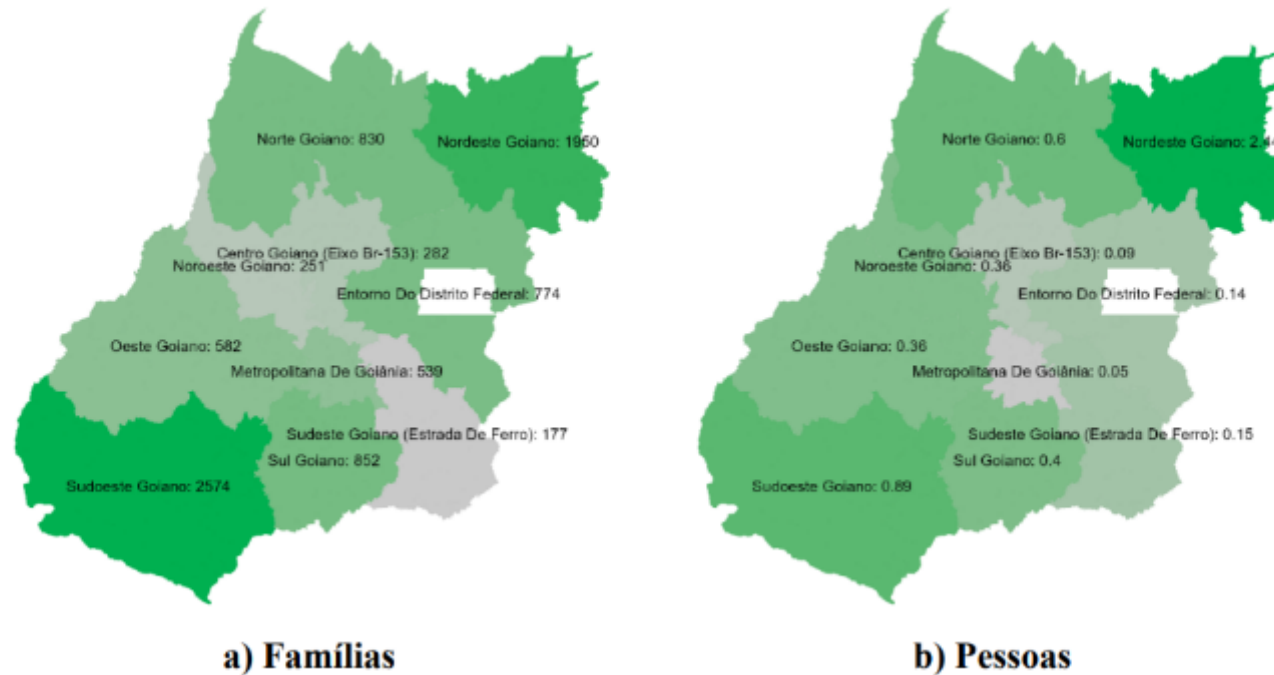
Observem que no mínimo 50% dos 10 piores municípios goianos são da região norte-nordeste do estado. Enquanto os 10 melhores se concentram na porção centro-sul do estado. O Brasil possui 5.570, na classificação do melhor para o pior, Cavalcante ocupa a 5.229ª posição, enquanto Goiânia está na 82ª posição. Os melhores índices de Cavalcante e Goiânia, curiosamente são de longevidade, com uma diferença de apenas 30 pontos, sendo que a capital ainda leva a melhor. Guarde essa informação.

Agora vamos falar sobre o IBEU (Índice de Bem-Estar Urbano) elaborado pelo Observatório das Metrôpoles. Novamente vamos comparar Goiânia e Cavalcante e mais uma vez temos um disparate entre as dimensões ranqueadas, enquanto Cavalcante tem um índice muito bom de mobilidade, Goiânia perde nesse quesito. Enquanto a infraestrutura em Cavalcante é classificada como muito ruim a de Goiânia é média. Porém o fato habitacional é médio em Cavalcante e em Goiânia é muito bom.

Sem querer ser descuidado, porque sei que do problema das comparações superficiais, aponto aqui uma primeira análise em diálogo com os dados do déficit habitacional. Os índices habitacionais podem indicar que embora as pessoas precisem mais de moradia em Goiânia, essas

Figura 15

Domicílios Rústicos em Goiás. Fonte IMB, 2024.



morádias seriam “melhores” na capital do que no interior, ao passo que o fator ambiental em Goiânia seria muito bom, quando em Cavalcante esse indicador estaria apenas como médio. O que você que está me acompanhando está pensando sobre essa conversa toda?

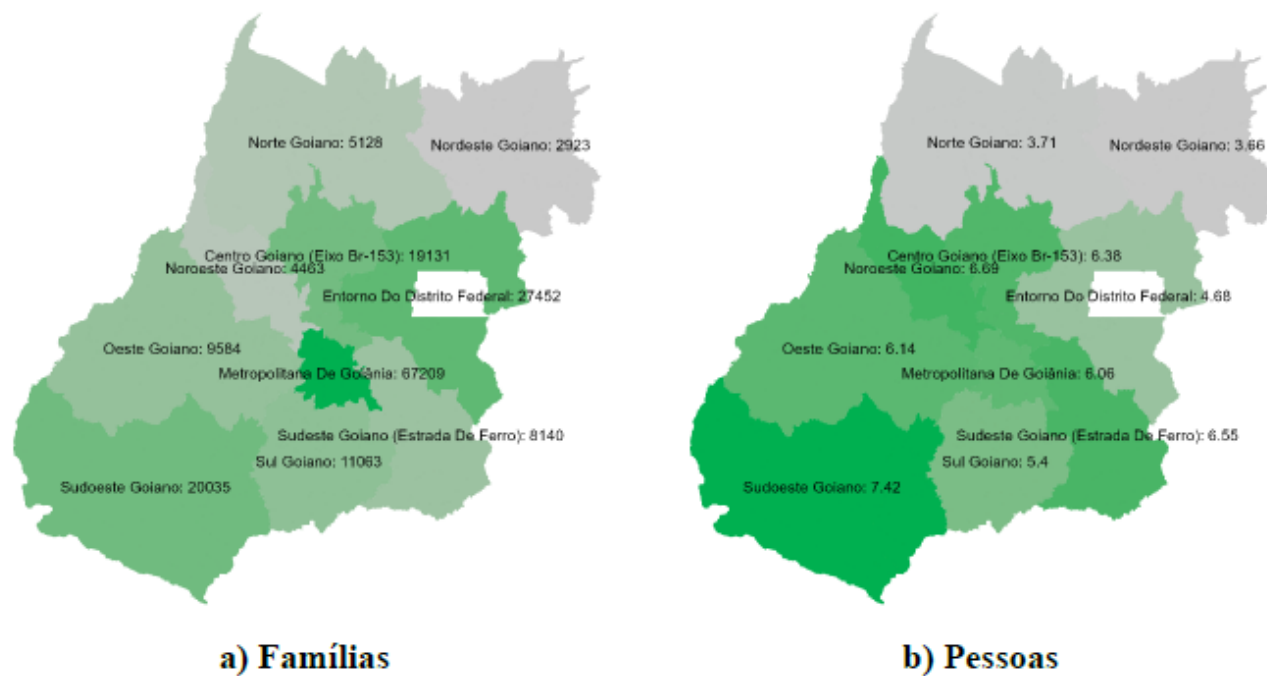
Retomando o que

abordei antes, sobre a questão habitacional em Goiás, acho válido apresentar um mapa (figura 15) extraído do estudo do IMB (2024) sobre déficit habitacional no estado. Chamo a atenção para a dimensão da categoria “domicílios rústicos” que segundo o estudo “são aqueles em que a estrutura e/ou material do domicílio fogem do convencional, como residências cujo material predominante na parede seja de taipa não revestida, palha, madeira aproveitada ou algum outro material que difere dos itens adequados” (IMB, 2024, p. 07).

Curioso ver que os dados apontam que o nordeste goiano é a região em que mais famílias vivem em domicílios rústicos, e se cruzando informações, com os dados das figuras 10 e 11, é também a região onde as pessoas mais tem moradia e onde há o menor número de pessoas em situação de rua.

Figura 16

Ônus excessivo com aluguel em Goiás. IMB, 2024.



Mas mais uma vez o Sertão é lugar da escassez, da miséria e da carência. É óbvio que há questões sociais importantes, como por exemplo se pensarmos no IBEU de mobilidade e colocarmos em pauta as condições das estradas vicinais ou ainda pensarmos nos indicadores de renda e saneamento básico. No entanto, eu chamo a atenção para como nosso olhar pode ser direcionado facilmente para padrões de uma vida cidadina.

Localizado a aproximadamente 500 quilômetros da capital Goiânia, Cavalcante é um dos 246 municípios do estado de Goiás, com área de 6.948,780 km², 9.583 habitantes, densidade demográfica de 1,38 hab/km² e IDHM 0,584 e o salário médio dos Trabalhadores formais é de

2,0 salários mínimos (IBGE, 2022; IBGE 2010). Enquanto a região nordeste, o reduto de um sertão estigmatizado pelo estereótipo da escassez reúne o maior percentual de pessoas que vivem em domicílio construídos com materiais que diferem dos “adequados”, a região é onde as pessoas menos gastam com aluguel, em todo o estado, parece ambíguo ou incongruente, não?

Inversamente equidistante, Goiânia possui uma área de 729,296 km², 1.437.366 habitantes, densidade demográfica de 1.970,90 hab/km², IDHM 0,799 e o salário médio dos Trabalhadores formais é de 3,0 salários mínimos (IBGE, 2022; IBGE 2010). Já na realidade da RGM, existem mais de 67 mil famílias que comprometem mais de 30% da sua renda com aluguel (IMB, 2024), enquanto na região nordeste, são apenas 2923.

Por último e não menos interessante, temos o ICMF (Índice de Carência Multidimensional das Famílias). Este indicador foi desenvolvido pelo IMB, em três dimensões: educação, habitação e renda ele avalia variáveis para indicar às carências múltiplas das famílias no estado de Goiás. Quanto mais perto de 1, mais carente é o território, neste ponto, o IMB destaca que “Cavalcante se destaca por manter a posição de maior vulnerabilidade ao longo dos anos. No entanto, apesar dessa persistência, o município registrou uma melhora no IMCF, passando de 0,300 em dezembro de 2018 para 0,243 em junho de 2024” (IMB, 2024, p. 11). Este estudo não aponta dados para a capital, Goiânia.

Tabela 1 – Resultado do IMCF – Goiás e municípios prioritários – dez/18, jun/23, dez/23 e jun/24

Municípios/ Estado	IMCF (dez/18)	IMCF (jun/23)	IMCF (dez/23)	IMCF (jun/24)	Ranking (dez/18)	Ranking (jun/23)	Ranking (dez/23)	Ranking (jun/24)	Diferença (jun/24- dez/18)
Estado de Goiás	0,167	0,150	0,148	0,146	-	-	-	-	-0,021
Cavalcante	0,300	0,256	0,244	0,243	1	1	1	1	-0,056
Monte Alegre de Goiás	0,254	0,243	0,238	0,235	5	2	2	2	-0,019
Montividiu do Norte	0,243	0,221	0,229	0,224	6	5	3	3	-0,019
Colinas do Sul	0,268	0,219	0,210	0,213	2	6	6	4	-0,055
Posse	0,220	0,221	0,218	0,213	19	4	5	5	-0,007
Guarani de Goiás	0,200	0,206	0,209	0,205	41	8	7	6	0,005
Iaciara	0,222	0,199	0,206	0,204	16	7	10	7	-0,018
Guaraíta	0,200	0,223	0,222	0,203	40	3	4	8	0,003
Formoso	0,206	0,197	0,199	0,201	32	15	13	9	-0,005
Buritinópolis	0,208	0,203	0,2054	0,200	27	9	11	10	-0,008

Figura 17

Índice Multidimensional de Carência das Famílias (IMCF). IMB, 2024.

Diante disso, seria honesto e prático avaliar quais dimensões dos indicadores estariam mais alinhados com a realidade social das pessoas que compõem o território, lembrando que estamos falando do mundo – Cerrado (espaços do urbano, do rural e da natureza). A maior parte dos índices se baliza em questões de economia, saneamento, saúde, educação e meio ambiente. Esses índices, tem evidenciado parâmetros para condições da vida urbana, porém a vida no mundo-Cerrado não se organiza somente no urbano e para compreender os arranjos da paisagem social é importante considerar o que quer e como quer viver quem habita o lugar,

ao listar o que consideram o rol dos bens de que necessitam para uma vida vantajosa e feliz, o sertanejo dá a conhecer outros sentidos para o econômico que não se encaixam naqueles produzidos à sombra da modernização, contrariando a ideia, que se quer essencial, de que a modernização age pelo efeito-demonstração, numa espécie de atração irresistível exercida pelos seus produtos, bens e serviços (Clara De Lima, 2006, p. 158).

Um Estudo experimental do IBGE (2023) em torno da revisão da classificação dos espaços do urbano e do rural, experimentalmente adiciona a natureza como uma nova categoria espacial. A proposta metodológica surge em complementação aos posicionamentos dinâmicos da Geografia tendo em vista dimensões políticas sociais, culturais e ambientais nos intercruzamentos de diversas áreas do conhecimento. A tipologia da proposta ainda pode contribuir como subsídio às ações públicas e às formas de organização da sociedade.

A Proposta Metodológica para Classificação dos Espaços do Rural, do Urbano e da Natureza no Brasil é uma investigação experimental do IBGE que busca renovar quadros territoriais de referência, tensionando a cultura de separação binária entre rural e urbano. A investigação admite categorias e subcategorias dos espaços tradicionalmente constituídos e sugere uma terceira dimensão territorial definida como espaços da natureza, “de forma que possuam visibilidade perante espaços do rural e do urbano, com características e modos de vida tão diferentes. Nesse sentido, defende-se a utilização da categoria natureza com o significado bem delimitado, que não se confunde com os atributos românticos ou essencialistas” (IBGE, 2023, p. 62).



O país Brasil possui grandes vazios demográficos que correspondem a boa parte do território nacional. Partindo de uma visão histórica tanto na geografia quanto nas outras ciências, tudo o que não é urbano é quase que automaticamente enquadrado como do rural “os espaços vazios do sertão dizem respeito a pouca densidade populacional, ao isolamento, à ausência de cidades e de terras cultivadas. Também é pensado como lugar de pessoas fortes e acostumadas a lidar com uma natureza hostil” (Sena, 2011, p. 4)

Essa terceira margem dos espaços geográficos, dá abertura para uma discussão antropológica já antiga e cansada, porém não superada de “natureza vs cultura”. Bruno Latour (Latour; Sampaio, 2012, p. 36, 39, 40) argumenta que “a ideia de natureza está associada não ao consenso, mas à discórdia”, o autor acrescenta que “a natureza não serve mais para separar, e eu acredito que essa seja uma grande transformação” e mais, “que não temos meios de estarmos todos de acordo, porque todos nós possuímos subjetividades e culturas diferentes e, por outro lado, não temos mais a unidade da natureza”. Para o IBGE (2023)

o modelo dicotômico que distingue os espaços em rural e urbano, em face das complexidades existentes no contexto do capitalismo avançado, esmaece-se a partir da percepção de que emergem novas ruralidades e urbanidades que conformam realidades espaciais cada vez mais complexas, dinâmicas e entrecortadas, o que demanda a proposição de novas distinções mais detalhadas do espaço geográfico (IBGE, 2023. p. 09)

Sendo o Brasil um país continental, que abriga a maior biodiversidade do mundo, especialmente na Amazônia e Cerrado, estudos do território que apresentem a natureza como uma nova categoria espacial tem suas implicações, para o bem ou para o mal. A informação divulgada dá um panorama e também expõe de forma específica, quais fronteiras ainda restam a destruir, construindo um cenário, definido por Tsing (2016), como plantations. O Bioma é tido como um mar de horizontes “sempre alargados para mais longe” (Brandão, 2023, p. 03).

É importante observar que o IBGE é um órgão governamental que produz dados principalmente para elaboração de políticas, sejam elas de governo ou públicas. Para explicar um pouco mais sobre as dimensões propostas para o mundo-Cerrado, desde a perspectiva tríplice dos espaços geográficos, recupero aqui as definições que norteiam os estudos do IBGE para os espaços do urbano, do rural e da natureza,

URBANO:

Área urbana: área interna ao perímetro urbano áreas com altas densidades de população, construções e arruamentos onde a paisagem é intensamente alterada. Predominantemente, as pessoas estão ocupadas em atividades secundárias e terciárias (IBGE, 2023, p. 64)

interna ao perímetro urbano, criada através de lei municipal, seja para fins tributários ou de planejamento urbano (Plano Diretor, zoneamento etc.). Para as cidades ou vilas onde não existe legislação que regulamente essas áreas, deve-se estabelecer um perímetro urbano para fins de coleta censitária cujos limites devem ser aprovados oficialmente pela prefeitura municipal (área urbana para fins estatísticos) (IBGE, 2014, p. 21).

Perímetro Urbano: linha divisória dos espaços juridicamente distintos de um município (IBGE, 2023, p. 64)

Área urbana isolada: área definida por lei e separada da sede distrital por área rural ou por um outro limite legal (IBGE, 2023, p. 64)

RURAL:

Área rural: área externa ao perímetro urbano (IBGE, 2023, p. 64)

o imóvel rural é aquele localizado fora da zona urbana do município, denotando uma definição de rural realizada por negação. Nessa formulação, prevalece a compreensão de que o rural é definido como aquilo que não é urbano, corroborando com a visão residual de rural destacada pela literatura no início deste estudo (IBGE, 2023, p. 45)

áreas de baixa densidade populacional caracterizadas, em geral, pela alteração da paisagem devido, principalmente, a atividades antrópicas ligadas à produção agropecuária ou a outras formas de apropriação econômica. Ademais, em sua composição, o tecido rural pode conter pequenos núcleos urbanizados e/ou fragmentos naturais (IBGE, 2023, p. 73)

Aglomerado rural: loteamento, área de distrito industrial ou de projetos em expansão, com características de permanência, ou povoado (localidade sem a categoria de sede de circunscrição administrativa, mas com moradias, geralmente em torno de igreja ou capela, pequeno comércio, com seus moradores exercendo atividades econômicas não em função de um só proprietário do solo) (IBGE, 2023, p. 64)

NATUREZA:

Área natural: áreas onde prevalecem os processos naturais que dão forma à paisagem. Quando há ação humana, esta ocorre de modo disperso, conforme os significados atribuídos pelos atores envolvidos, garantindo relativa estabilidade dos fatores bióticos e abióticos de seus ecossistemas. (IBGE, 2023, p. 79)

basicamente, a definição traz duas características a serem medidas: áreas onde a paisagem predominante é natural; e, quando há ação humana, esta não altera a relativa estabilidade do ambiente. (IBGE, 2023, p. 97)

quanto maior a cobertura natural maior o peso da natureza naquela área de ponderação (IBGE, 2023, p. 98)

o entendimento não é o de natureza intocada, mas de uma área que pode conter grupos populacionais diversos, dentre eles, os povos e comunidades tradicionais (IBGE, 2023, p. 82)

Observadas as definições, é possível compreender como, desde uma perspectiva aberta a dinâmicas sociais, tanto o urbano quanto o rural incorporam elementos um do outro. Como por exemplo, a distinção entre roça e fazenda. Na roça pode não ter energia ou Internet e na fazenda haveriam implementos agrícolas moderníssimos, internet via satélite ou outros aparatos considerados urbanos, como pavimentação, água encanada, dispositivos eletrônicos, etc.

A ideia de descontinuidade ou mesmo de uma grande separação entre o urbano e o rural não é tão verdadeira ou absoluta. Ao mesmo tempo em que se atribuem a modernidade e o sucesso ao espaço urbano, para o rural é colocado como atrasado, arcaico, sem progresso. Falando em conceitos antagônicos, a ideia de que desenvolvimento humano deve passar pelo estágio de modernização e urbanização dos espaços territoriais mostra que a ideia do evolucionismo social ainda permaneceu tanto no senso comum quanto no meio acadêmico. “Nessa medida, apesar das aproximações, nos espaços rurais e urbanos subsistem elementos que os diferenciam, o que enseja uma análise congruente a essas realidades.” (IBGE, 2023, p. 37).

Em especial as áreas em torno das concentrações urbanas tendem a apresentar características mescladas, a essa variedade de espaços costuma se chamar “franja rural-urbana. Além de reunir uma diversidade de atividades agrícolas, lazer, turismo e abastecimento de água também são territórios resilientes que tem resistido à pressão da expansão urbana, principalmente nas grandes aglomerações das cidades” (IBGE, 2023, p. 42)

Por analogia, alguns domicílios urbanos periféricos costumeiramente são comparados ao meio rural por não possuírem energia ou água encanada ou até mesmo estarem localizados em regiões sem qualquer tipo de pavimentação, iluminação urbana ou pensando no outro extremo: domicílios de alto padrão que incorporam elementos da ruralidade como piscinas naturais, mata preservada e até criação de animais dentro dos limites de um determinado perímetro urbano. Nenhuma abordagem está isenta de essencialismos e estereótipos

distintos aspectos a serem considerados no meio rural moderno estão relacionados à participação crescente da população urbana em atividades de lazer, além do campo se tornar opção de moradia para os cidadãos. As transformações permitiram também que houvesse interação cotidiana e na vida social entre as populações rurais e urbanas. Tais diferenças levaram pesquisadores a apontar uma tendência de aproximação entre os valores e os modos de vida do campo e da cidade, muito influenciada pelo fato do meio rural ser, mais do que nunca, capaz de atrair uma população urbana. Por outro lado, o “rural profundo” tem sua dinâmica associada à dos espaços de baixa densidade física e de relações frágeis, relegados ao isolamento em virtude, muitas vezes, de pouca acessibilidade e associados a condições de atraso (IBGE, 2023, p 34)

É evidente que a necessidade de “captar e classificar o mundo” (IBGE, 2023, p. 29) está enraizada em uma episteme europeia e cristã. Nas ciências sociais como antropologia e sociologia o debate sobre os dualismos, por mais antigo que seja não está superado. Os pares de oposição construíram diversos conceitos como certo vs errado, bem vs mal, natureza vs cultura, menino veste azul vs menina veste rosa, etc.

Não é diferente com o urbano, o rural e natureza. É comum também na construção de conceitos binários que seja colocado um valor moral onde sempre um lado será melhor que o outro, aqui, a depender do lugar social do indivíduo do melhor ao pior: urbano>rural>natureza, ou natureza>rural>urbano, ou rural>natureza, ou urbano>, ou rural> ou natureza> e assim por diante.

Na contemporaneidade, tem se observado áreas de transição entre o que se considera urbano e o rural, assim as distinções conceituais e físicas estão em transformação e ou em descontinuidade em continuum rural-urbano e urbano-rural. Por isso, a maneira como cada pessoa percebe o espaço acontece “conforme suas impressões relacionadas aos lugares, particularmente enfatizando a fisionomia do lugar.” (IBGE, 2023, p.45). Tais percepções dizem muito sobre os modos de vida dos indivíduos que habitam o território.

Retomo a importância dos modos de vida das pessoas que habitam o *Mundo-Cerrado*. Essa dimensão dialoga com práticas cotidianas muito mais do que com teorias. Como abordagem sociológica, a noção de modos de vida me ajuda a pensar as *paisagens pequenas* a partir de experiências de vida que são referenciadas ao deslocamento pelos espaços do rural, do urbano e da natureza.

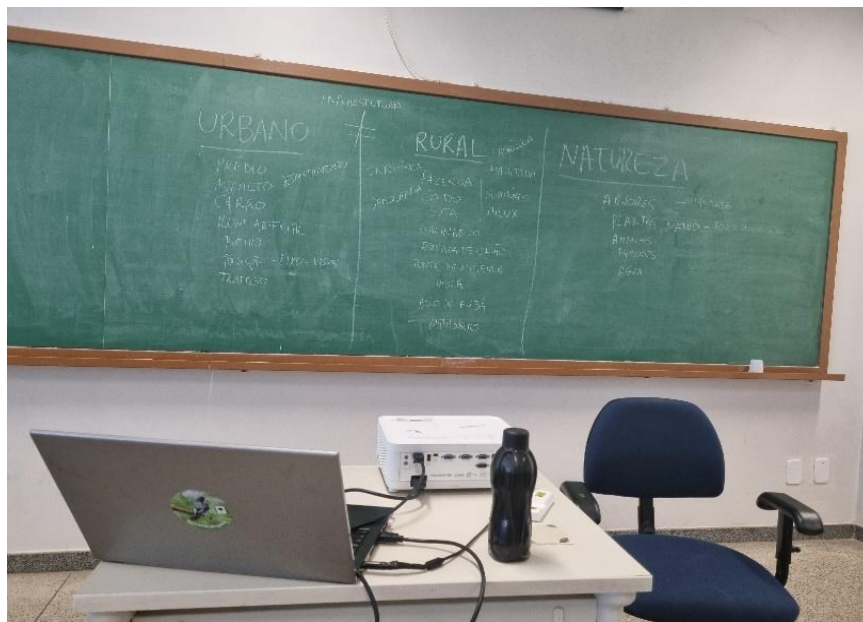


IMAGEM 47

Dia de estágio I, Goiânia., 2024. Acervo Pessoal.

Recupero alguns registros do meu estágio docente, onde pude abordar alguns dos temas centrais desta dissertação, especialmente no que se refere à nova proposta de classificação dos espaços geográficos brasileiros.

O estágio docente é, na minha opinião indispensável e poderia ser uma atividade estendida a todos os pós graduandos, aprendizes de antropologia, de maneira obrigatória, para que todos possam ter a rica experiência que a sala de aula proporciona.

Falando especificamente da minha experiência na disciplina, Antropologia e Sociologia Urbana - para a turma de arquitetura e urbanismo da Faculdade e Artes Visuais na UFG - me surpreendi de algumas formas. Por se tratar de disciplina fora da Faculdade de Ciências Sociais, é comum que a turma não tenha engajamento ou

que até mesmo fique um pouco apática. No entanto, as abordagens dos professores aproximaram a teoria e prática da realidade dos estudantes da graduação, traduzindo sempre os conceitos e temas socioantropológicos a questões familiares ao curso e às demandas, especialmente sociais e culturais que envolvem o cotidiando dos profissionais em formação, futuros arquitetos e ou urbanistas.

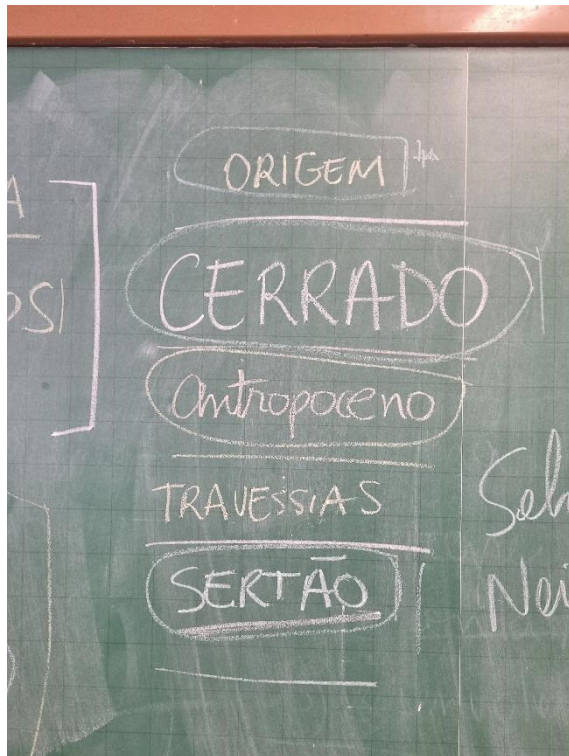
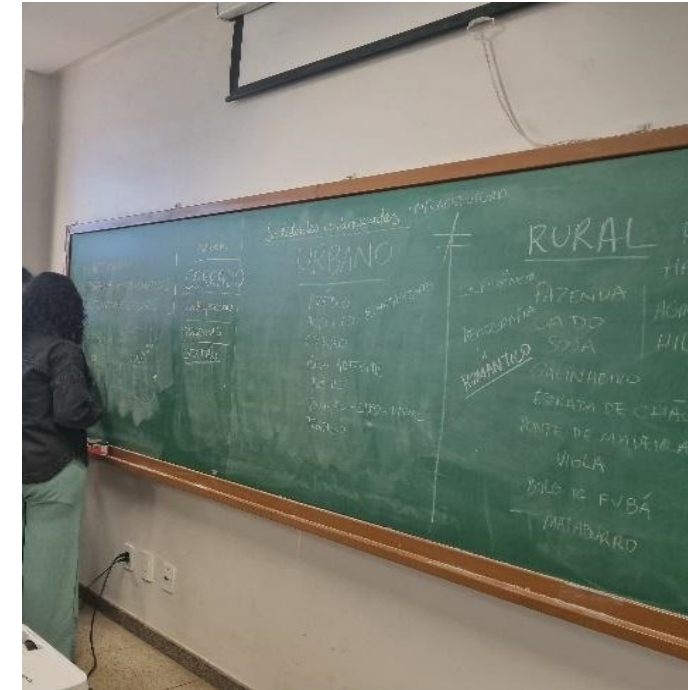


IMAGEM 49

Particularidades à parte, foi interessante planejar, articular teorias e organizar as idéias para transmitir o conhecimento para outros, sabendo da responsabilidade ainda que temporária de um professor. Seja no momento de regência ou no acompanhamento das outras atividades ministradas pela professora Dr^a Ema Pires e demais convidados, minha atenção sempre esteve na interlocução entre aluno e professor na tentativa de captar e compreender qual a melhor maneira de agir na relação entre quem ensina e quem aprende.

Meu tema de pesquisa lida com questões muito caras para sociologia e antropologia, principalmente no que diz respeito ao urbano versus rural, ou campo versus cidade e agora, natureza, então, na oportunidade de ministrar a aula, quis dialogar sobre as percepções de alunos da arquitetura sobre alguns conceitos. Ao trabalhar temas da sociologia e antropologia urbana em diálogo com literatura socioantropológica, as atividades que propus na aula tinham como objetivo provocar questionamentos e que os docentes se percebessem como seres que habitam o cerrado e transitam por ele seja no urbano, no

Para dinamização da aula, a proposta foi dividir a turma em grupos, para tratar dos grandes temas URBANO/RURAL/NATUREZA a partir das ideias e noções dos próprios alunos, num exercício de reflexividade na própria disciplina e também articulando sociologia e antropologia com arquitetura e urbanismo. Em três grupos, a missão de cada um era recolher de 3 a 4 objetos que representassem o tema do seu grupo. Assim cada grupo trouxe os mais inusitados objetos desde chave de carro, pedras, troncos de árvores, folhas, lixo e até frutas.

Dar sentido, produzir sentido, ou até mesmo refletir sobre o sentido das coisas ou ainda, mais do que isso, dar nome às coisas e significá-las tirando-as do anonimato do dia a dia para o protagonismo de olhares atentos que percebem que os espaços geográficos tais como colocados teoricamente e como se entrelaçam, se combinam e juntos fazem parte da cultura dos humanos em quaisquer espaços é um dos tensionamentos que as paisagens pequenas são capazes de promover.

Para além das atividades de estágio já citadas, participei também como avaliador das atividades finais da disciplina, sob supervisão e revisão da professora Ema Pires. Essa responsabilidade ainda que compartilhada foi interessante pra pensar em como o professor que é também pesquisador se torna intérprete das interpretações que cada aluno, com suas características intrínsecas é capaz de desenvolver. É curioso perceber como os trabalhos em sua grande maioria trazem elementos profundos sobre a reflexão da casa, despertam memórias e ajudam a desvelar nos alunos a percepção do ambiente à sua volta. É esse tipo de mobilização que os mundos bastardos provocam.



Habitar o Cerrado proporciona a experimentação de paisagens ressignificadas em subjetividades muito particulares, atravessamentos peculiares, nada tão especial e mesmo assim único, para cada uma das vidas que aqui co-habitam..

Ao discutir sobre o mundo-Cerrado, tenho as paisagens pequenas como recorte e unidade de análise. Nessa abordagem “não predomina somente o retrato dos campos e da natureza bucólica, mas também de realidades urbanas que ganham relevo” (IBGE, 2023, p. 25).

IMAGEM 51

Invasões, FCS-UFG Campus
Samambaia, 2024.
Acervo pessoal.



O Cerrado está em todos os lugares, todo lugar é Cerrado. Habitar os grandes centros urbanos no território do Cerrado não nos exclui da paisagem geral do sertão.

As perspectivas de um Cerrado que está também na cidade e na natureza transformada dialogam com outros campos sociais carregados de subjetividades pois é a experiência humana com o espaço que é capaz de atribuir significados ao ser que habita o Cerrado. Para a antropologia os significados têm um papel fundamental na compreensão dos fenômenos que atravessam os modos de ser agir e pensar o mundo. Um corpo sensível que habita o Cerrado é capaz de experimentar “amplitude, diversidade e força” (Dias; Freire, 2020, p. 18).

Rural e urbano não se explicam por si só e requerem explicações conjuntas na articulação com a natureza e com as comunidades de “um brasis liminares de dentro– longe do mar, também conhecidos como sertão” (Silva Júnior, 2020, p. 52). Formas de organização social específicas configuram a relação com a natureza. Relação no sentido prático da biointeração, da qual nos conta, por experiência vivida, Antônio Bispo dos Santos (2015),

acredito que seja essa estreita relação dos povos de lógica cosmovisiva politeísta com os elementos da natureza, é dizer, a sua relação respeitosa, orgânica e biointerativa com todos os elementos vitais, uma das principais chaves para compreensão de questões que interessam a todas e a todos. Pois sem a terra, a água o ar e o fogo não haverá condições sequer para pensarmos em outros meios (Santos, 2015, p. 90)

No que se refere à preservação da vida e dos recursos naturais, “novos dados do MapBiomas colocam os Territórios Quilombolas na liderança da preservação da cobertura vegetal nativa no Brasil, ao lado dos Territórios Indígenas” (MAPBIOMAS, 2023). Essa preservação é reflexo de um modo de vida que, para as antropólogas Luciene Dias e Ralyanara Freire (2020, p. 03) é um “viver-Cerrado”, para elas, viver-Cerrado é um “amplo processo de interação entre humanos e não-humanos em um ambiente marcado pelo bioma, cultura, sociopolítica e, infelizmente, pela fronteira hidroagrícola do Cerrado”. Penso que é esse viver, que orbita para além dos índices, em *paisagens pequenas*, que cria

Mais uma vez, recuperando o assunto da habitabilidade no antropoceno, é pertinente localizar Cavalcante (o nosso exemplo de análise local) como uma paisagem assimétrica e fragmentada. É isso que vamos desenrolar nos próximos parágrafos, já na tentativa de dar nós em algumas pontas soltas que deixei pelo caminho, ou não.

Mais sobre a
paisagem



IMAGEM 52

Cogumelos no meio do mundo, Cavalcante-GO, 2024. Acervo pessoal.



Jardim das delícias

Depois da conversa sobre os índices, quero fazer uma analogia dos indicadores com a distribuição espacial proposta pelo IBGE na recém lançada proposta metodológica. A você que me acompanha no raciocínio, traga pra cá tudo que conseguiu reunir sobre a nossa base comparativa: regiões centro-sul do estado, mais especificamente da RGM e a porção norte-nordeste do estado.

A figura ao lado ilustra, como operam as ponderações, que formam o diagrama de classificação das áreas do urbano, do rural e da natureza. Para o nosso relevo cartográfico vamos focar na classificação e tipo 09.

Clara De Lima (2020, p. 159, 162) faz uma distinção entre o ideal da fortuna, perseguido pelos bandeirantes durante a marcha de ocupação do centro do país e a mobilização pela fartura alimentado e prosperado pela memória coletiva do sertanejo. Essa memória é construída a partir de uma vida no “Jardim das Delícias”. O Jardim das Delícias é um mundo bastardo, é o “plus mítico”. O Jardim das Delícias é sagrado para quem vive de lá, do lugar, “tem o poder de rejuvenescer doentes e velhos”.

De maneira prática, a pirâmide ao lado indica que, quanto mais vermelho, mais urbano, quanto mais amarelo, mais rural e quanto mais verde, mais natural.

Pensando no Sertão como um jardim cheio de delícias, de 1 a 16 onde você o colocaria? Diria que em defesa da fartura, as paisagens pequenas nos desafiam a

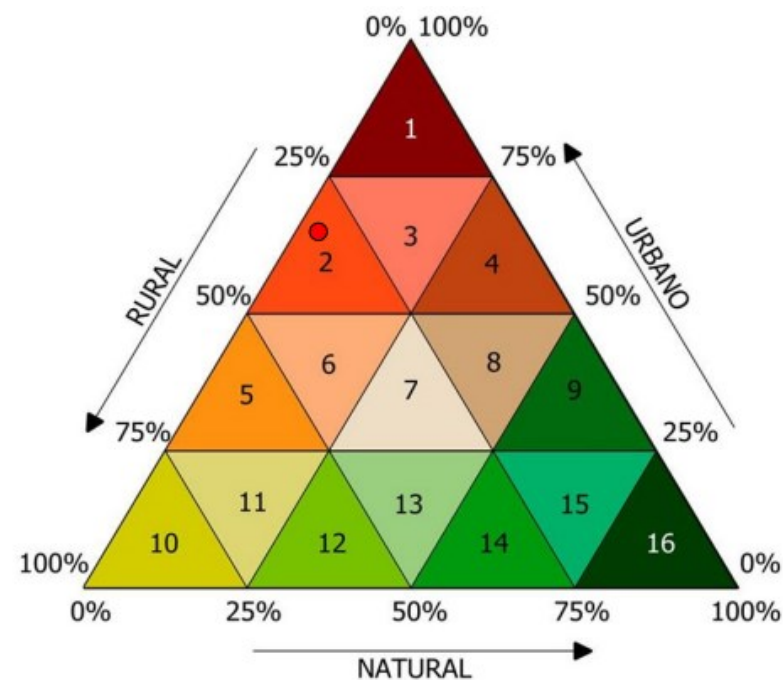


Figura 18

Proposta metodológica de Classificação dos espaços geográficos.
Fonte: IBGE, 2023.

pensar as especificidades de um território que abriga a maior parte da maior comunidade quilombola do país, um “mundo que não se encaixa no ideário desenvolvimentista e modernizador de muitas análises sobre o sertão” (Clara De Lima, 2020, p. 160). Isto posto, considerando que este território (Cavalcante) é um dos últimos lugares que abriga espaços da natureza no estado de Goiás, encontramos caminhos para análises em que

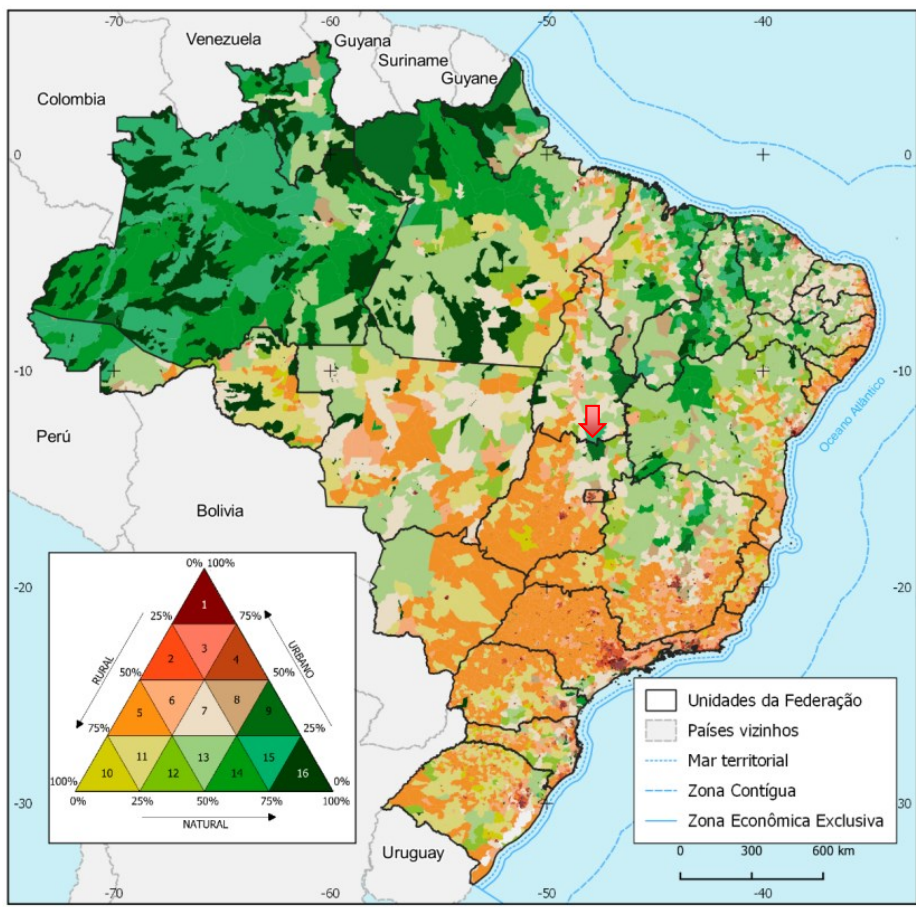


Figura 19

Área de ponderação da Classificação dos espaços geográficos.

Fonte: IBGE, 2023.

o sertão como nosso mito de origem, em seu travestimento histórico, é utilizado como um espaço de crítica às desigualdades sociais, entre nós. Como mito, o sertão está em todos os lugares imaginários que ainda não foram domesticados. O arcaísmo do sertão pode por si mesmo se travestir de uma crítica a essa razão da modernidade que não foi capaz de estender o Iluminismo para a humanidade (Sena, 2011, p. 4)

No quadro geral da paisagem da figura ao lado, o território de Cavalcante, torna-se uma paisagem pequena diante da devastação que assola o Cerrado. Visualizando a pirâmide dos espaços geográficos podemos identificar a porção verde depois do entorno de Brasília, enquanto os espaços rurais se distribuem no restante do estado de Goiás, observem que Cavalcante (seta indicativa) já se destaca na porção superior do mapa. É o Sertão como verdura.

Recuperando o que conseguirmos juntar sobre nossa base comparativa podemos ver como as regiões centro-sul do estado mais especificamente da RGM estão classificadas na proposta do IBGE e como a porção norte-nordeste do estado aparece no mapa. É curioso notar que os pontos vermelhos (urbano) são poucos no território goiano.

Figura 20

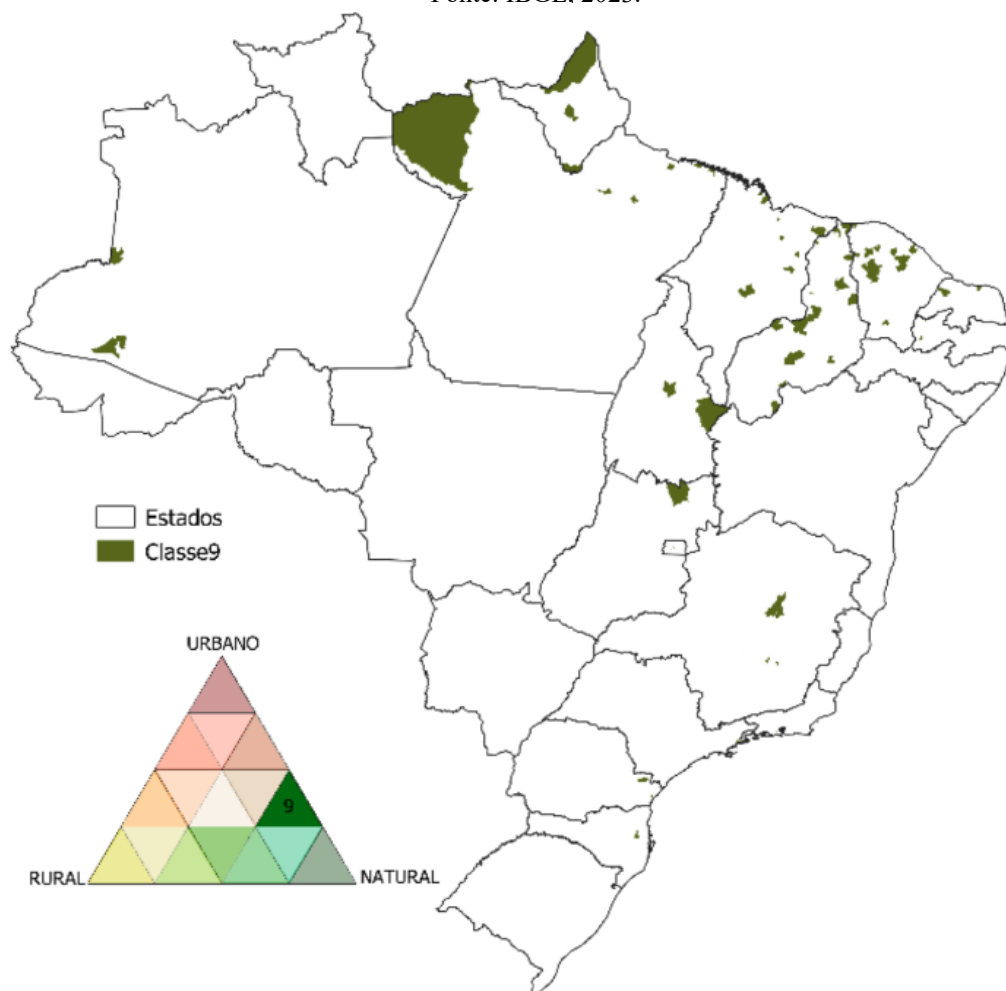
Grandes Área de ponderação em 3 categorias da Classificação dos espaços geográficos.
 Fonte: IBGE, 2023.

Como bem lembra Brandão (2023, p. 02), o Cerrado só é visto como áspero e monótono por quem passa depressa, sem perceber que aqui nascem as águas que saciam as terras do Brasil, e alerta: “que este não seja o nosso caso”. Para escapar de um “viés ideológico” elaborado “de muitas palavras-imagens, quase todas referidas à dureza e à inospitalidade”, Nei Clara de Lima (2020), ao propor uma análise do sertão que vai na direção contrária do usual, indica que “há outros modos de dizer o sertão” e propõe “uma ruptura com aquelas interpretações” (Clara De Lima, 2020, p. 151, 153, 155, 156). O sertão é, em posse da fartura, ruptura e fratura. O sertão é ele mesmo um mundo bastardo.

Assim, quem lê o sertão só pelos índices desconhece que há outros modos de vida nos lugares do mundo-Cerrado que não podem ser definidos apenas por índices e que (re) existem para além deles. Pela figura ao lado podemos especular que existem ao menos dois Sertões, já que como já dissemos anteriormente, pra quem é do sul ou do sudeste, por exemplo, existe o Grande Sertão Goiás e em Goiás existe o Sertão região, que não é o centro-sul, mas sim o norte- nordeste.



Figura 21
Classificação dos espaços geográficos do tipo 09.
Fonte: IBGE. 2023.



A grande porção sudeste, sudoeste e sul do estado de Goiás abriga áreas produtivistas com grau médio ou elevado de integração com os grandes centros urbanos. Marcados principalmente pela mecanização agrícola e pela alta capacidade de produção agropecuária, essas regiões estão classificadas como predominantemente rurais. Como podemos ver na figura ao lado, não há indicações de classificação de espaços predominantemente naturais nessas regiões.

A assimetria da paisagem põe em foco a tecnologia dos povos que habitam o cerrado desde antes da invasão dos bandeirantes, dos povos que remanesceram, de modo inverso e orgânico (Santos, 2015) são tecnologias ancestrais: “a ancestralidade é fator de força capaz de confluir vidas e reconhecimento de si e entre si” (Dias; Freire, 2020, p. 11); são de modos de vida sustentam “uma forma de representar a natureza, que se antecipa, de modo fatal, à cultura” (Sena, 2011, p. 2).

Cavalcante está caracterizado como espaço predominantemente natural, do tipo 9, onde predominam a influência do natural, depois do urbano em baixo grau e por último a presença do rural. Ainda, os poucos territórios do tipo 9 são marcados pela presença

do humano, que se estabelece com a natureza e não em detrimento dela. As atividades humanas nesses territórios podem ser consideradas de baixo impacto ambiental, o que não significa dizer que é um território apaziguado, muito pelo contrário, o Jardim das Delícias é um paraíso em risco. Refletindo um pouco mais sobre as figuras apresentadas nesta sessão, é possível dizer que no aspecto nacional, “as relações entre urbano, rural e natureza apresentam-se plurais, diferenciadas, dinâmicas, nas suas múltiplas representações” (IBGE, 2023, p. 110).

Goiânia é predominantemente do Tipo 1: Áreas urbanas principais das Grandes e Médias Concentrações Urbanas: localizada no extremo mais urbano do diagrama triangular. - mais de 90% da sua área é coberta pela mancha urbanizada e uma elevada parte das pessoas ocupadas estão em atividades consideradas como urbanas. (IBGE, 2023, p. 113).

Pensando no estado de Goiás como um todo, existe um percentual quase ínfimo de área do Tipo 4: Áreas predominantemente urbanas vizinhas a áreas da natureza, no entanto existe um número significativo de área do Tipo 5: Áreas rurais produtivistas com fortes conexões aos centros urbanos, especialmente na porção centro-sul do estado com uma distribuição mais ou menos espaçada ao norte do estado com ausência dos tipos 1 a 6 no extremo nordeste, ao passo que começam a se apresentar as área do Tipo 7: Áreas de transição. Já no que se refere às áreas de Tipo 8: Áreas da natureza com forte presença de ocupações urbanas, fica explícito que como evidenciado pelas áreas do tipo 4 existem pouquíssimas áreas do Tipo 8: Áreas da natureza com forte presença de ocupações urbanas, sendo a mais expressiva a do entorno de Brasília devido à presença da APA do Planalto Central.

Cavalcante ganha destaque mesmo em áreas do Tipo 9: Áreas predominantemente da natureza, sendo o único município goiano a figurar nessa tipologia onde existe “uma alta cobertura natural, aproximadamente 85% dos seus estabelecimentos rurais são pouco integrados ao mercado. Entre as pessoas ocupadas é expressivo o percentual daquelas associadas ao urbano (50,3%). Considerou-se relevante também o percentual de pessoas em ocupações da natureza (4,8%), que corresponde ao dobro da média nacional.” (IBGE, 2023, p. 117).

A pesquisa exploratória pelo estudo do IBGE (2023) indicou que os espaços da natureza, do urbano e do rural estão em constante transformação. Para a investigação dos mundos bastardos, é interessante observar como Goiânia e Cavalcante estão nos extremos das classificações. Enquanto a metodologia do IBGE classifica Goiânia como tipo 1 e 2, o extremo mais urbano ou com maior influência do urbano, moderada do rural e baixa o natural, na outra ponta, Cavalcante é o único município do estado que figura na classificação 9 tendo pouca ou quase nenhuma influência dos espaços do urbano e do rural, no entanto os dados não indicam em que grau de transição ocorre o continuum urbano-rural-natureza, no território cavalcantense, porém sabemos que o território cuidadosamente protegido pela população quilombola tem sido alvo das devastações violentas³⁷ e do homem que persegue a terra (especulação imobiliária)³⁸.

Então, amarrando alguns nós, a pergunta que fica é, como os índices para além dos índices?

Como Ou ainda como produzir uma ciência social capaz de biointeragir com as *paisagens pequenas* da socio biodiversidade que é o Cerrado?

Se o Sertão é, antes de qualquer coisa, o lugar da fartura (Clara De Lima, 2020), concordando com Brandão (2023, p. 06) “um olhar de afortunado viajante atento a amoroso, entre outubro (se já choveu) e abril, revela entre o que há para ver, para cheirar e para sentir”. No entanto, habitar o Jardim das Delícias, não é para qualquer um.

Mais acima, me questionei, sinceramente, sobre quem pode se misturar, se envolver perceptivamente com o espaço, ou ainda quem pode se juntar ao Território, ao chão, ao ar, à água, ao fogo, ao verde, enfim ao Sertão. Não acredito que todas as pessoas possam fazer isso. Para Dias

³⁷ Com informações da Comissão Pastoral da Terra Regional Goiás: <https://cptgoias.org.br/familias-camponesas-em-cavalcante-go-denunciam-ataques-ameacas-de-morte-e-desmatamento-ilegal-por-grileiros-de-terra/> e

³⁸ O município de Cavalcante tem realizado reuniões para atualização do plano diretor, em uma das audiências, está registrada a preocupação da população com a crescente pressão por empreendimentos imobiliários na região: <https://cavalcante.go.leg.br/wp-content/uploads/2024/01/Ata-da-Audiencia-Publica-para-discussao-do-Plano-Diretor-Municipal.pdf>

e Freire, (2020, p. 5, 11) esse movimento é sustentado por mulheres cerradeiras, em suas vidas cotidianas, em sua intensa integração socioambiental, são “mulheres que constroem o viver-Cerrado como quilombolas, indígenas, quebradeiras de coco, fiandeiras de algodão e tecedeiras” é um “saber-fazer cerradeiro” a “vida do Cerrado a partir da vida das mulheres”.

Para Ana Mumbuca, quem se junta ao Território são aqueles que são um “existir insubmisso”, é um “conjunto de vidas em defesa contínua sustentada em compromissos do compartilhar ancestral e cosmológico”, são “modos de vida que impedem o desenvolvimento do fantástico mundo capitalista, melhor dizendo, colonialista” ainda, quem se envolve perceptivamente com o espaço é quem vivencia um “jeito de viver produz equilíbrio em meio a tantas destruições” são pessoas que cultivam “um viver que faz nascer as flores, produzir os frutos e crescer as sementes. (Mumbuca, 2017, p. 3, 9, 11). Antônio Bispo dos Santos (2023, p.16, 19) fala sobre os “os diversosais, os cosmológicos, os naturais, os orgânicos”, quem tem medo do cosmo, quem está descolado da natureza. Para ele, existe uma grande diferença entre ser um compartilhante e um morador os compartilhantes tem “modos de vida fora da colonização”, uma vida diversal é “fruto da energia orgânica”

nesse sentido, ressaltamos a importância de biointeragirmos com todos os elementos do universo de forma integrada, a ponto de superarmos os processos expropriatórios do desenvolvimentismo colonizador e o caráter falacioso dos processos de sintetização e reciclagem do desenvolvimentismo (in)sustentável, pelo processo de reedição dos recursos naturais pela lógica da biointeração. (Santos , 2015, p. 100)

Os mundos bastardos do sertão cerratense são um manifesto contra a narrativa ocidental, contra a colonialidade (Mumbuca, 2017; SANTOS, 2015). Falando em maneiras cerradeiras de existir (Dias;Freire, 2020, p. 17-18), o Cerrado é resiliente, a “resiliência está relacionada à capacidade que um ser tem de se recobrar ou se adaptar às mudanças”. Como aponta Selma Sena (2011) “o sertão é ele mesmo um enigma para o ordenamento civilizatório, uma crítica potente “a essa razão da modernidade”. Por ser e fazer parte de outro mundo, o mundo dos mitos, o sertão fala ao país de outro lugar, mas não do lugar da modernidade, das tradições fixas e imutáveis, “substantiva e fixada” apontando “outros valores e perspectivas”.

Habitar, se torna o desafio central para os seres do Cerrado.

Habitar perceptivamente, se relacionar conscientemente, viver cerradeiramente. Habitar exige mais fuga, mais sonho.



IMAGEM 53

Ensaio sobre habitar, Rio da Conceição-TO, 2017 – Monte Alegre de Goiás-GO, 2015 – Cavalcante-GO, 2020. Acervo pessoal.

Bagunçar as coisas

A tarefa da antropologia é mexer com muitas coisas. É também trazer coisas de volta à vida “num mundo que tem sido efetivamente morto nas palavras de teóricos” (Ingold, 2012, p. 26).

Recuperar a vida das coisas por meio da antropologia é, antes de tudo, compreender que não existe separação entre natureza e cultura ou sociedade e indivíduo, urbano e rural, sertão e litoral. É entender também que nossa bagagem de conceitos e noções se baseia mais em suposições do que em verdades absolutas, leis gerais implícitas e inerentes ou mesmo “uma espécie de jogo de fingimento heurístico; conceitos de ampla aceitação e compreensão na sociedade ocidental” (Wagner, 2010, p. 238).

A antropologia bagunça muitas coisas. Bagunças instigadas por indagações como as de Inara Nascimento Tavares (2020):

Pode a metrópole escutar? E caso escute, que mudanças práticas poderiam resultar disso? Acrescento as perguntas: podemos nós, ser formados por uma ciência social que não replique modos, escritas, pensamentos, centrados no Norte, considerando o caminho hegemônico do fazer e produzir conhecimento? (Tavares, 2020, p. 71-72)

Se as coisas da antropologia estão vivas, o que não pode morrer é a capacidade de buscar alternativas contra a morte. Em um tempo de confortáveis vantagens ao sucesso da nossa espécie (Krenak, 2022) é fato que todos nós estamos, na sociedade do desempenho, “expostos a uma possibilidade extrema de sermos mortos (Han, 2015, p. 106).

Portanto, não quero, nesta pesquisa, nada tão rigorosamente teórico, quero tentar, como instiga Sena (1987, p. 42), pelo menos (tentar) fugir de uma saturação de textos etnográficos fixos aos modelos padrão “onde somos

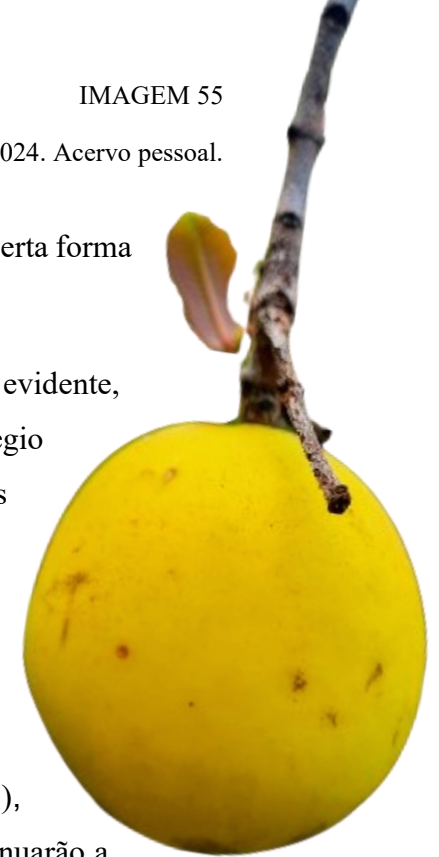
Mangaba, Vão do órfão, Cavalcante-GO, 2024. Acervo pessoal.

literalmente atormentados nas salas de aula, nas defesas de tese e nos demais eventos científicos”. Nesse embalo, de certa forma este trabalho pretende ser “uma escrita contra a cultura” (Abu-Lughod, 2018). Ou uma escrita contra a paisagem (?).

Anteriormente, referenciando Pinto (2025), falei sobre o papel da arte no fim do mundo. Em tempos de morte evidente, é iminente a necessidade de uma antropologia que se preocupe com a vida. Se a antropologia tem seu lugar de privilégio ao estudar os movimentos do antropos, “trabalhar com essa figura pode fornecer uma descrição melhor dos pesadelos ambientais atuais” (Tsing, 2019, p. 203). A chave, para um novo portal no tempo, pode estar então no mergulho por entre as *paisagens pequenas* que, com criatividade e imaginação oferecem elementos para a pausa, e na pausa, na quebra do fluxo intenso do cotidiano, no descanso, sejamos capazes de pensar e propor criativamente soluções para um mundo que enfrenta os horrores do fim.

Relatórios ambientais como os do Painel Intergovernamental sobre Mudança do Clima (IPCC BRASIL, 2023), que conversam com pesquisas locais, regionais e internacionais, indicam que impactos cada vez mais severos continuarão a acontecer e a se intensificar devido principalmente às mudanças climáticas influenciadas pela ação das pessoas que devoram o planeta ao longo do tempo.

Diversos estudos demonstram que danos e perdas aos sistemas humanos e da vida de diversas espécies não humanas da fauna e da flora são extremamente prejudiciais à continuidade da vida do planeta. As experiências de vida futura tanto para humanos como para não humanos, a sobrevivência dos ecossistemas, depende da forma como as gerações atuais encaram a responsabilidade de cuidar do meio ambiente e dos modos de vida cotidianos. Lembro aqui que a definição de ecossistema “pode incluir o ser humano como parte integrante deste sistema, mas que trata de um modelo que possui uma unidade e um equilíbrio, cuja ação humana pode perturbar” (IBGE, 2023, p. 60).



Em um contexto em que a busca pela qualidade de vida passa pelo viés da melhora financeira, mas também por uma compreensão de que as imaginações que a humanidade deve ser capaz de criar tem que respeitar o equilíbrio entre os desejos do agora e do futuro é necessário mais do que nunca articular uma “viabilidade ecológica” (Ribeiro, 2022, p. 37).

Agora, por exemplo, as projeções de pesquisas utilizadas para o Relatório do IPCC (2023) indicam que os níveis atuais de investimento de recursos financeiros na conservação, preservação e restabelecimento do meio ambiente natural são insuficientes para mitigar mudanças climáticas severas. É como diz a antropóloga Suzane de Alencar Vieira, “a velocidade desses tempos afeta, também, a duração da vida humana. Se por um lado as crianças e os animais estão crescendo mais rapidamente, por outro, a duração da vida é mais curta” (Vieira, 2015, sp.).

Para Cristovam Buarque (2016) a era antropocena é resultado de uma sociedade capitalista governada pela mão invisível do capitalismo:

a lógica continua sendo usada para definir como atender à voracidade do consumo de cada indivíduo. Ainda não conseguiu inverter a preocupação, passando a orientar-se pela consciência dos limites ecológicos no momento de definir as regras para domar o progresso, colocando-o a serviço do bem-estar das pessoas, das nações e da humanidade, ao mesmo tempo que mantém o equilíbrio ecológico (Buarque, 2016, p. 78)

Para bagunçar as coisas é preciso descansar, e descansando, sonhar,

o sonho não acontece só no sono [...] então, isso é um exemplo prático de que a gente consegue muito rapidamente acessar um espaço de imaginação ou devaneio. Esse lugar é produtivo, é capaz de produzir imagens e potencialmente, soluções. Potencialmente, porque a gente não sabe se de fato vai servir. Então assim, o sonho produz soluções em potencial (Ribeiro, 2022, p. 35)

Os *mundos bastardos* são contravisualidades no sertão, são sonhos de um imaginar. Se “não há imagem sem imaginação” (Didi-Huberman, 2012, p. 208), para deslocar visualidades, poderíamos “não falar em sonhos, mas em imaginários, pois os sonhos acabam quando acordamos” (Santos, 2023, p. 32). Ampliando a perspectiva das possibilidades do sonhar, o neurologista Sidarta Ribeiro (2022) - estendendo “sonho” para qualquer forma de imaginar -



IMAGEM 56

Caju, Monte Alegre de Goiás, 2016. Acervo pessoal.

explica que o conceito do sonho, como atividade onírica, é importante para que as pessoas tenham condições mínimas de buscar “soluções criativas para problemas objetivos ou subjetivos” (Ribeiro, 2022, p. 40), assim mesmo acordados, somos capazes de sonhar.

Se para nós que somos modernos³⁹, existe a necessidade de confirmar o que acontece no mundo dos sonhos, pela observação do mundo acordado (Ingold, 2012, p. 20), bagunçar as coisas, “*investigating the construction of human experiences and social phenomena from the perspective of the body in its interaction with the (material) environment*” (De Antoni; Dumouchel, 2020, p. 2), é “falar em memórias suportadas pela paisagem, ou mais propriamente, que as paisagens são suportes materiais da memória” (Arruda, 2016, p. 9-10).

Em paisagens soterradas, se ainda persistimos na imaginação dentro de nossas mentes, deveríamos trazê-la para fora, sem fantasias de encantamentos por um mundo que não nos cativa mais. Em um mundo que desmorona, ou que está em ruínas (Tsing, 2019) outras ontologias não hegemônicas “poderiam sugerir, formas alternativas de leitura e escrita, que podem nos conduzir, mais uma vez a nos aconselhar com as vozes das páginas e com o mundo ao nosso redor” (Ingold, 2012, p. 29).

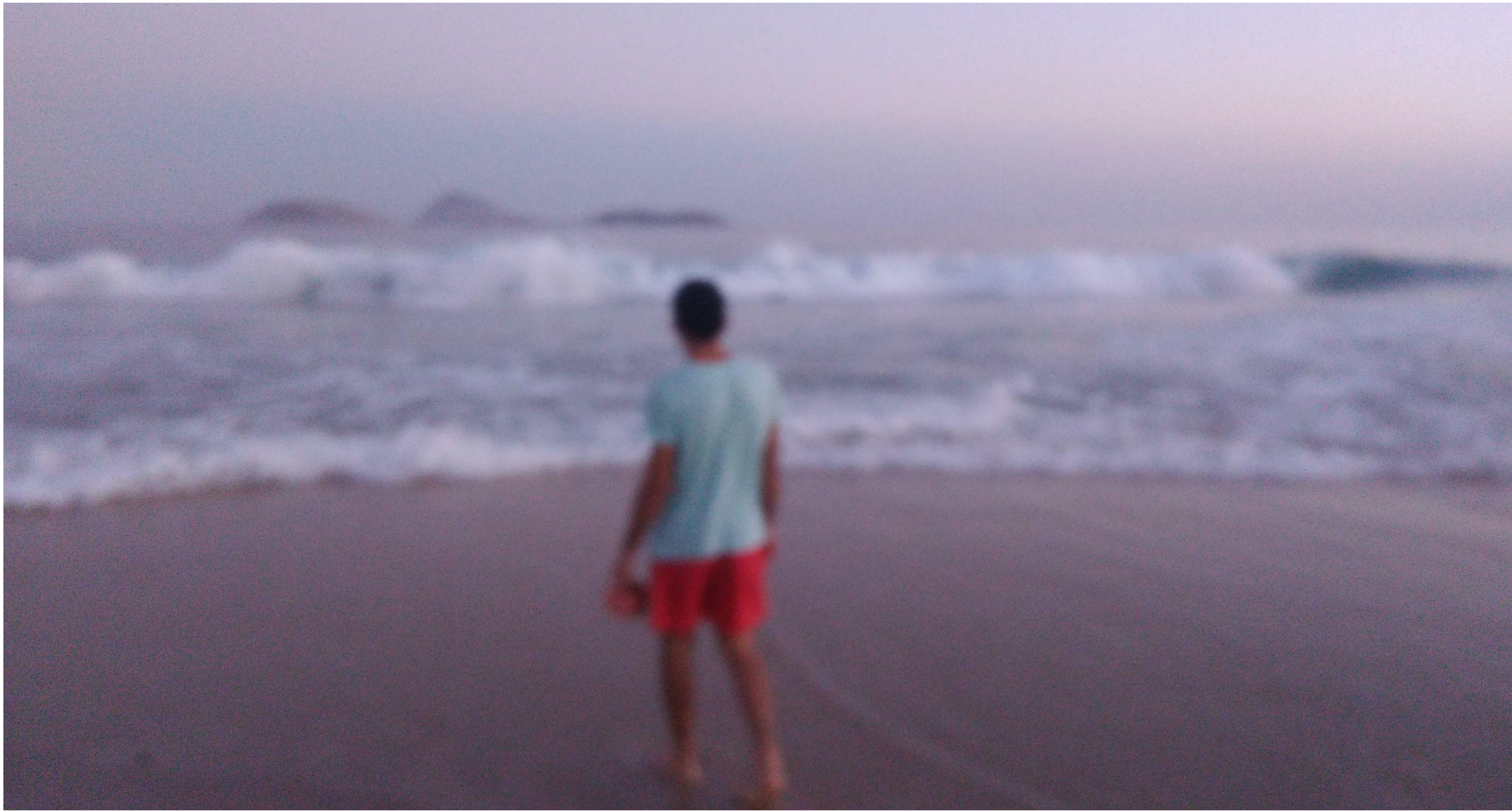
Bagunçar as coisas significa que “há possibilidades de reconstrução da experiência, a partir de ruínas, de escombros” (Magalhães, 2004, p. 196). Neste trabalho, processo memórias em “forma de arte buscando assim existir e coexistir em novos lugares” (Frauzino, 2015, p. 03). Criando mais problemas e perguntas, ao invés de resoluções

artista é um produtor de arte, um fazedor de poesia. O lugar da arte reside primeiramente no lócus-corpo do artista. Moradia de vivências, existências múltiplas de um sujeito social e cultural imerso em seu tempo e envolto em contínuas transformações que transpassam seu corpo e seu universo imaginário (Frauzino, 2015, p. 04)

Esta é uma pesquisa antropológica experimental. A euforia em tentar escrever um texto “pós-antropológico”, ainda que modesta, está relacionada a pretensa rebeldia de que ‘nós, os nativos, os antropólogos do terceiro mundo, as mulheres e os grupos dominados de modo geral,

³⁹ Qual modernidade seria essa? E você, acha que somos modernos?

temos agora um espaço de fala garantido nos textos etnográficos experimentais.” (Sena, 1987, p. 38). Não pretendo criar um modelo, nem me fidelizar à uma escola ou teoria geral dentro da disciplina antropologia, minha ideia foi apenas tentar reunir paisagens pequenas e, traçar alguns esboços sobre o que seriam os mundos bastardos.





quando eu conheci o mar

Primeiro a arte e depois a antropologia me ajudam a observar o mundo desde as *paisagens pequenas*. Os mundos que surgem daí são, sob minha percepção formas de firmar meu lugar no mundo. As paisagens bastardas, são minúcias de mim dissolvidas em derivas pelo *Mundo-Cerrado*.

Por isso, mudar e viver em uma grande cidade é aprender a tornar o estranho familiar, é pra mim principalmente viver sem a liberdade do quintal cheio de árvores, pés de manga e uma horta. Os espaços verdes nos grandes centros são extremamente elitizados e é privilégio de poucos ter uma casa com quintal.

As travessias de pessoas entre cidades grandes e pequenas, entre o urbano e o rural ou até mesmo entre a natureza e a cultura me causam distanciamentos, aproximações e ressignificações das origens.

Quando eu conheci o mar, eu quase me afoguei. As ondas vieram como águas de imensidão, eu achei eu não sabia nadar. Aprendi que conhecer o mundo é também ousadia para se expor a perigos, tensionar limites se vulnerabilizar aos riscos. Logo depois do susto eu e meu irmão sentamos na areia e, no fim do dia, quase já sem luz, somente observamos silentes o vai e vem da espuma e a brisa nos corpos molhados. A vida é curta, a vida muda, a vida é sonho, a vida é fuga.

Às vezes o que é necessário é parar. Sentir o que a vida quer nos ensinar. Para mim enquanto artista-antropólogo é no mundo da vida que o conhecimento se constrói, é onde o vivido converge na minha existência enquanto pessoa, enquanto um aprendiz de tudo um pouco.

Quase no fim, ao que me propus nessa pesquisa? Esse me parece ser um dos meus maiores delírios. Quem sabe que outras inspirações, vertigens, sussurros ou visagens, viagens ficcionais, que me movem no campo das alteridades múltiplas podem se acometer sobre mim? Que se

acometam, como um risco de viver entre *paisagens pequenas*, em *mundos bastardos*. Talvez os novos encontros precisem acontecer mais e mais até que eu me encontre nos “intercasamentos” que para LUCIANO (2022) expressam “o universo ilimitado e plural de saberes, valores e sujeitos de conhecimentos.” Traçando uma linha de diálogo com tanta gente nessas páginas, me parece mesmo que todo tempo até aqui não foi suficiente. As feições de mundos bastardos guardam singularidades em suas fissuras exatamente por não poderem ser medidos ou avaliados em razão de sua ordem de grandeza ou de sua importância. Como compreender o incomensurável se não em vertigens, sussurros e visagens?

A origem de tudo acaba e se inicia entre em mundos bastardos, em universos alternativos, nos quais existências como Figueira Infinita, ensinam sobre “uma existência não fragmentada, ou sobre sonhos, ou sobre outras fontes e agentes e seres de inspiração” (FIGUEIRÓ, 2021, p. 33), onde “a perspectiva da enchente” força travessias, deslocamentos pela instabilidade.

Para mim esses movimentos são fuga e sonho.

É nessa dimensão do incomensurável que as paisagens das travessias orbitam, reverberando “formas diferentes de estabelecer relações entre coisas incomensuráveis entre si” (LATOUR; SAMPAIO, 2012, p. 38). De perto parece longe mas, de perto, é tão distante assim?

Um dos meus desafios em pensar a antropologia tem sido, por mais bizarro que pareça, não pensar, ou pensar pequeno, desde *as pequenas*. É como um reiniciar do sistema operacional que não funciona ou que a mente, instintivamente, se recusa aceitar.

A primeira dificuldade, é a indecisão são tantos temas e coisas para pensar. É que não comecei a viagem agora e eu já tenho na mala um monte de coisas e trechos que, na minha cabeça, poderia usar ao chegar no meu destino, seja lá o que isso signifique ou onde seja.

Se isso fizer sentido, depois de investigar as origens, o próximo desafio talvez seja me desfazer de uma vez da mala inteira, com tudo dentro, ou jogar fora quem sabe o que não será útil na minha viagem. Esse desafio me traz outra questão, se escolhesse colocar outras coisas que eu acho que me ajudariam mais, teria que retirar alguns outros trechos e coisas? A mala ficaria mais leve ou mais pesada?

Por estes e por outros motivos este trabalho guarda suas peculiares incongruências. Coisas que se chocam entre o que eu digo e o que eu faço, afinal falar é fácil, já o fazer, ahhhh, deixa essa tarefa para o aprendiz de tudo um pouco.

Se existem malas e bagagens supõe-se que o eu viajante partiu de algum lugar e que carrega consigo coisas e trechos de qualquer origem. A ideia de abandonar a origem, aliada às possibilidades da partida para um lugar desconhecido parece uma façanha assustadora e solitária. As transições entre saída e chegada, origem e destino, embarque e desembarque compõem o cenário de uma travessia que é atemporal. Pode ser que a paisagem da viagem tenha tons quentes ou se incorpore em nuvens carregadas de tempestades. Um cenário que se desenha em fuga.

A antropologia mexe com muitas coisas e trechos e, talvez, a pergunta mais interessante antes de continuar pensando ou falando, falando, falando e repetindo, é: eu preciso achar respostas pra tudo? Ou: as “coisas” da antropologia ficariam bem sem meus como, porque, pra que? Desconfio que as intimidades empíricas são colocadas como qualidade de um processo etnográfico original sendo que em alguns trabalhos busca-se apaziguar e conciliar conceitos e termos na construção de uma alteridade muito pouco palatável.

Nas travessias, memórias e movimentos de deslocamento, aproximações e distanciamentos mergulham os viajantes no mundo do lado de dentro dos olhos onde moram as perguntas, os pensamentos e as saudades. É o lugar onde “*nada*” acontece e para onde toda informação flutua, emoções reprimidas, refúgios, fugas, criatividade, é onde o tempo da experiência é maturado. A aparição desse universo fantástico é o território dos sentidos.

As revisitações ao mundo do lado de dentro dos olhos podem simplesmente acontecer através da janela de um ônibus, diante de uma catástrofe ou durante uma fuga e nos exigem um olhar sensível aos entrelaçamentos de *paisagens pequenas nos tecidos da vida de todo dia*. É no mundo das percepções sensíveis que experiência e memória interligam relações, origens e destinos, imagens, palavras, derivas e subjetividades na elaboração do que chamamos de mundo da vida, é onde “as coisas vazam, sempre transbordando das superfícies que se formam temporariamente em torno delas” (Ingold, 2012, p. 29).

De perto parece longe e de perto, é assustadoramente distante, pois são os *insignificáveis*, as porosidades das superfícies, ainda no diálogo com Tim Ingold (2012), que confrontam os antropólogos, e é isso o que a empatia (alteridade?) e os afetos exigem de um aprendiz na disciplina Antropologia “representar ou imaginar o que seria estar lá, e quais “sensações, percepções e pensamentos” ter-se ia então” (Favret-Saada, 2005, p. 159). O “lá” é esse lugar que não está distante nem perto, não está dentro ou fora, mas que permeia e quem dera essa alteridade fosse mesmo orgânica, mas ainda essencialmente sintética ao ser afetada, vaza pouco e transborda muito pouco em um copo profundo onde quase ninguém vai saciar sua sede. Quem lê dissertações de 300 páginas?

O primeiro campo do antropólogo seria o da investigação de suas próprias memórias e lugares de enunciação. Uma consideração especial sobre as práticas de conhecimento, é a exploração dos pré-conceitos e preconceitos, dos nós de tensão, das coisas e trechos, das bagagens, é a “dimensão central” para “repensar a antropologia” e “reabilitar a velha “sensibilidade” (Favret-Saada, 2005, p. 155). Falar é fácil, sonhar é que são elas.

Embora ainda tenha utilizado várias e várias chaves do pensamento antropológico hegemônico, a pesquisa levanta problematizações, interessantes, ao ponto de iniciar provocações para “acionar racionalidades e epistemologias fundadas em locais não ocupados pelas tradições metrocentradas” (TAVARES, 2020, p. 71), o centro nesse perspectiva, é o centro

Mais sobre a paisagem



hoje, no Mestrado no Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás - PPGAS/UFG, 6 anos depois, as críticas contundentes de Antônio Bispo dos Santos permanecem vivas (?) na minha memória e em minhas anotações, vivas nem tanto, já que a academia reproduz formas do conhecimento sintético para lidar com o que não consegue entender.

Longe do fim, esse debate traz à tona o perigo de uma História Única (Adichie, 2017). Quando escrevo algo, por exemplo, este texto, automaticamente a parte de mim que se diz antropólogo tenta justificar qualquer argumento central com uma constelação de conceitos que seriam totalmente dispensáveis, conceitos que em muitas dimensões “mantém posições hierárquicas e preservam a supremacia branca” (Kilomba, 2019, p. 52). Poder, super-domínio, controle.

Me utilizo desses conceitos e teorias pois são as coisas e trechos da minha mala, ou porque quero conduzir o leitor ao destino seguro onde ele possa usar confortavelmente o que traz na mala, afinal, porque jogar fora as bagagens que com tanto carinho acumulamos e guardamos durante as travessias? Narrativas são escolhas. A ameaça do apagamento não é à toa, ela é eficaz ao promover, no lugar das memórias originais, uma história, única, universal, homogênea e eurocristã. Acontece que enquanto conhecimento da humanidade branca, na academia

A escolha não vem sem bases epistemológicas, ela tem também os seus fundamentos configuradores, o seu alicerce. Sobre isso Grada Kilomba (2019) explica que, dentro desse contexto de poder acadêmico, a epistemologia determina temas, paradigmas e métodos, “define não apenas o que é conhecimento verdadeiro, mas também em quem acreditar e em quem confiar” (KILOMBA, 2019, p. 54). Assim, as *paisagens pequenas* podem nos ensinar uma lição. Se as paisagens hegemônicas se pretendem verdadeiras, os *mundos bastardos* projetam uma ordem inversa, eles dizem que aqueles que não deveriam existir, permanecem, resistem, insistem.

Se a tarefa da antropologia puder ser a de bagunçar muitas coisas e trechos, a produção de conhecimento antropológico “envolve a invenção e a projeção de uma “ordem” por parte do antropólogo, que é função do seu processo de entendimento.” (Wagner, 2010, p. 243). Ainda

assim, como as profundas ironias que os *mundos bastardos* abrigam, aqui, na academia de onde escrevo, ainda predomina um modo de vida que parte do apagamento de memórias (Santos, 2023, p. 2).

Ao visitar outras culturas, levamos todos os problemas da nossa “junto com nossa escova de dentes e nosso romance favorito” (Wagner, 2010, p. 243) o que significa assumir que, conforme Gilmar Arruda (2016) diz:

diversos sujeitos sociais e suas memórias foram soterradas ou se tornaram obscurecidas. Eliminar a presença de diversos sujeitos sociais, no passado da ‘grande transformação’, é parte constituinte da luta política para torná-los invisíveis e, assim, inviabilizando politicamente seus modos de vidas e reivindicações no presente. A função de eliminação, ou controle da memória, é crucial para a manutenção do poder (Arruda, 2016, p. 8)

O *Mundo-Cerrado é constituído por memórias do apagamento*. CULTURA pode ser mesmo uma fraseologia vaga (Benedict, 2000) uma grande cilada que se estabelece enquanto um conjunto de ideias inconsistentes que a antropologia usa para decifrar o outro ou quando não quer ou não consegue entender o que vê, escuta, sente, cheira, toca e produz.

Por isso nem sempre a antropologia tem razão e nem sempre o conceito de cultura vai dar conta de tudo, e é bom mesmo que não consiga. O “ser afetado” (Fravet-Saada, 2005) não pode se resumir a experiências fantásticas ou a revelações oníricas de um futuro ultrapassado, precisa confluir e transfluir (Santos, 2015, p. 89), deve “tornar-se um movimento” ou numa aproximação com (Ingold, 2012, p. 32), transpassar “através das superfícies porosas de formas emergentes”. O ser que é afetado muda, transmuta pensamentos e ações. De novo eu pergunto, quem pode habitar e biointeragir com o Cerrado?

Enquanto se constitui como ciência e, muito embora, o campo antropológico seja conjuntural, ou seja, se refira ao quadro completo das relações sociais, é pertinente a ressalva que Karina Kuschinir (2007) faz sobre os diálogos da “disciplina antropologia”:

se numa primeira etapa foi dada maior ênfase aos aspectos de coesão e equilíbrio social, à medida que avançamos no tempo, observamos uma maior preocupação com as transformações sociais, discutindo as relações de poder no tempo e no espaço, a partir de temáticas relacionadas a conflitos, rituais, mitos, identidades, status, representações e práticas (Kuschnir, 2007, p. 164).

O processo de conhecimento antropológico germina em vários solos, talvez o mais fértil seja o do incômodo e se, essa premissa for aceitável, minha tarefa, enquanto aprendiz de antropologia, seria experimentar coisas e trechos para um pensamento reverso na antropologia, “uma abertura de possibilidade de afastamento de linhas de pensamento rígidas e das perspectivas que surgiram de pressupostos “brancos-masculinos-cissexistas-classistas-cristãos-capacitistas” (Figueiró, 2021, p. 29). Poder, relações. Domínio, ex-terminio.

Existe, supostamente, uma certa discussão que tem sido recorrente: sobre as dificuldades de realocações epistemológicas, pois canonicamente as universidades ainda são conduzidas por currículos que privilegiam um saber hegemônico eurocristão.

Supostamente porque, falar é fácil, fazer é que são elas. Ao discorrer sobre o processo de colonização do Brasil, o professor Luciano Gersem José dos Santos (2022) argumenta que “os povos indígenas não foram apenas vítimas da colonização. Eles também colonizaram os colonizadores com suas línguas, culturas, valores, saberes e fazeres e protagonizaram intercasamentos com não indígenas” (Luciano, 2022, p. 5). Essa ideia se aproxima da noção que Lélia Gonzalez (2018) aponta como sendo o “Pretuguês”. Para a pensadora e antropóloga brasileira Lélia Gonzalez, esse elemento opera como ferramenta de resistência dos povos negros que ao participar ativamente da construção da vida social brasileira introduziram nuances de resistência através da linguagem. Assim, como elemento da cultura que orbita à margem da hegemonia, o “Pretuguês” é fuga, pois vaza as fronteiras do normal na intenção de frear a captura pela língua. Vale lembrar a importância que a linguagem ocupa nos estudos antropológicos (Lévi-Strauss, 1991). É através da linguagem e de sua estrutura relacional que se contam histórias sobre o mundo, histórias sobre as origens e destinos.

Para Chimamanda Adichie (2017, p. 12) “é impossível falar sobre a história única sem falar sobre poder” sendo que “O poder é a habilidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva”, muito particularmente o legado da antropologia deu o seu “*jeitinho*” de contar histórias sobre a *vida dos outros*, o que é denunciado por Luciano Gersem José dos Santos (2022)

da perspectiva dos povos originários da América, a história contada oficialmente sobre os 522 anos de Brasil está baseada em muitas inverdades criadas pelos colonizadores para atender seus interesses geopolíticos e de acordo com suas cosmovisões (Luciano, 2022, p. 2)

As concepções de uma possível *contracolonização* e de *pretuguês* fazem muito sentido para pensar que é exatamente nesses tipos de fissuras que nascem os *mundos bastardos*. Então a bastardia, que está aquém do pertencimento e da validação, é insurgente justamente por sua rebeldia em existir. Mas o que é um texto bastardo? Uma escrita, dentro da academia pode ser bastarda?

Para mim, isso é fuga e sonho criando lugares para existência, rasgando tempos e espaços em mundos bastardos. Mesmo no apagamento, a fissura é o que ela é. Terei a fluidez necessária para transpassar? A fissura não dorme, não sente frio, não se cansa, nem sofre calor, mas também não me cobra, somente avisa, a meu próprio pedido que, a vida que resiste à história única, a confronta e tensiona, é antes de mais nada uma vida bastarda. Vidas bastardas contam histórias paralelas. Vidas das margens. A periferia não é centro, “assim, a margem é um local que nutre nossa capacidade de resistir a opressão, de transformar e de imaginar mundos alternativos e novos discursos” (KILOMBA, 2019, p. 68). Em Kilomba (2019) vemos como o discurso das margens elabora novas linguagens, de formas emergentes, que transgridem o academicismo clássico, discursos dentro de realidades periféricas desde as próprias realidades.

Se para SAHLINS (1997) a cultura não é um “objeto” em via de extinção, quero chamar a atenção para o importante tensionamento que Antônio Bispo dos Santos (2023) nos oferece ao dizer que ao invés de compor o indivíduo no comunitarismo, como um saber orgânico, “a cultura é o contrário [...] dentro da cultura, é preciso se submeter às notas. A cultura é uma coisa padronizada, mercantilizada, colonial. Os colonialistas dizem que não temos cultura quando não nos comportamos do jeito deles.” (SANTOS, 2023, p. 10-12).

É importante recuperar a forte ligação que estabeleço nesta pesquisa, com as formas sensíveis das paisagens pequenas. Os mundos bastardos que surgem desde as paisagens insubmissas podem sistematizar percepções ambientais sobre o Cerrado goiano.



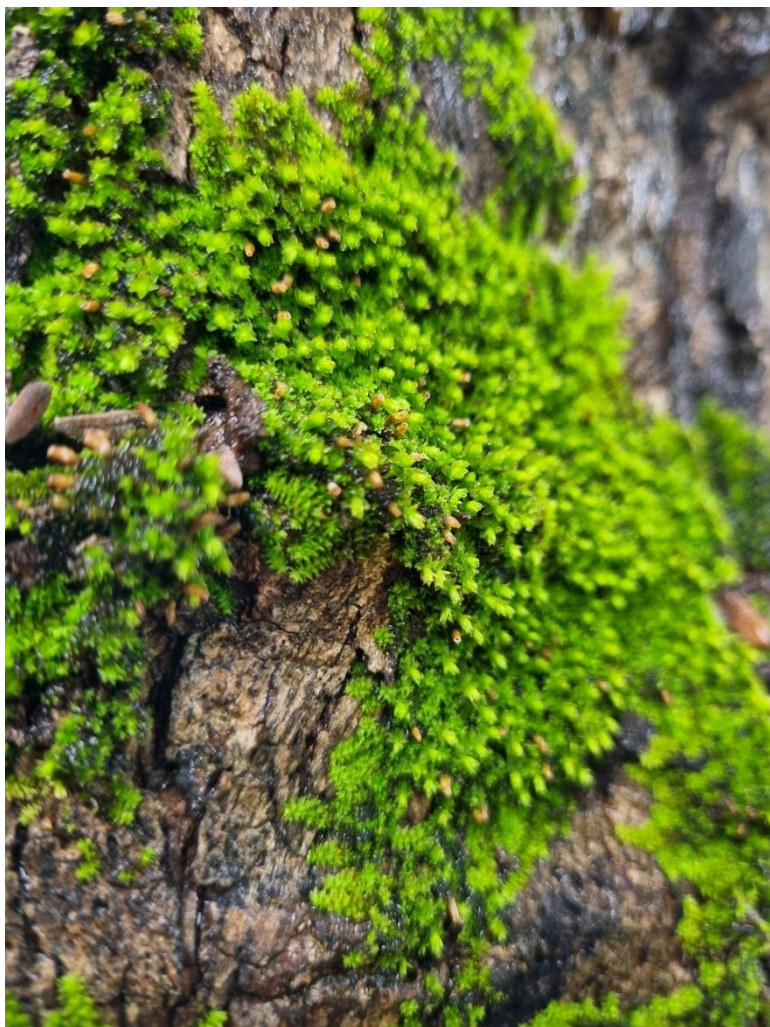
IMAGEM 58

Onde essa paisagem foi registrada? Acervo pessoal.
<https://maps.app.goo.gl/msvMVj4bMPdKwmTJ7>



Conheça o ensaio sobre
os mundos bastardos
Link: bit.ly/403e7t5





A cartografia afetiva que se desenhou como metodologia neste trabalho foi muito além do que eu poderia imaginar, mas é hora de deixar ir. Admito que estou um pouco cansado e ao mesmo tempo curioso pra saber o que será daqui pra frente. Os afetos que me afetaram afetarão outros ou essa pesquisa se encerra em si mesma, sem reverberações?

As paisagens pequenas são formas sociais de ligação e relação com os lugares na trajetória humana. Adicionalmente os recursos audiovisuais como fotografias, vídeos e sons que inseridos no continuum da memória perfazem um arquivo interativo em nossas mentes. Essa é uma maneira de dar conta da dimensão dos pertencimentos no território. Mas como disse, é hora de deixar ir.

Por isso, como contrapartida social, e como maneira de agradecer ao mundo-Cerrado por me permitir aqui nascer e aqui crescer quero retribuir. A minha retribuição virá em forma de contrapartida social, onde levarei os mundos bastardos em instalações artístico-pedagógicas em Cavalcante e Monte Alegre, na Biblioteca Central da UFG, na Galeria da FAV, em outros lugares (?). Aqui, as paisagens estão vazando, querem ir.

Esta metodologia de contrapartida social é interessante de muitas formas, especialmente por se constituir como forma de compartilhamento de memórias afetivas

que carrego sobre o mundo-Cerrado. A instalação, é uma forma de popularizar a ciência que produzi neste período no PPGAS. Será uma construção conjunta de saberes. Prevejo afinidades incríveis com o tempo da vida, onde a pesquisa ganhará novos rumos.

Agora parece que o medo e o caos estão mais distantes do que antes. Com tantos trechos e coisas na mala, é um alívio trazer um pouco delas fora da minha cabeça. A você que leu e se aventurou nas experimentações dessa pesquisa, te desejo incômodos.

Durante a arguição na qualificação desta pesquisa, ainda em julho de 2024, uma das professoras da banca me perguntou, direta e enfaticamente: “você é um artista?”. Abri a dissertação com esse dilema, e o carrego comigo. Como ser que sou, artista, viajante, bagunçante, admito que sim (morrendo de medo do que isso possa significar), sou um artista (?).

SOU UM ARTISTA!!!

Agora, depois de tudo isso, isso tudo parece ter passado muito rápido.

Sinto que deveria dizer algo impactante e legal pra você que leu todo o trabalho, que é resultado de uma pesquisa curta.

A verdade é que eu não quero dizer muito mais. Eu queria compartilhar com mais gente esse trabalho, que as paisagens ganhassem outras formas na imaginação e nos sonhos de outras pessoas, outros sentidos.

Nada se encerra por definitivo e longe de ser uma conclusão, essas últimas palavras que escrevo aqui pretendem descansar em silêncio por algum tempo. O tempo da pausa, da reconexão. Se os *mundos bastardos* são reais pra mim, onde mais eles poderiam criar morada?

Dia 17 de junho de 2025. Da sala, vejo o corredor, do corredor, as cortinas abertas, através das cortinas, grades, depois das grades, o silêncio é um pequeno convidado. Uma respiração e um pedaço de mundo escapam.

O aqui é um tempo que carrega sementes de futuro. Pra que tanta lida pra tão pouca vida?

Eu ouvi um pequeno silêncio: https://drive.google.com/file/d/17Vru_zesxgftQakV9LNaPTTPcl2RmJI4/view?usp=sharing

Eu quero mesmo deixar isso acontecer. Lembranças, saudades e outras memórias.

Em todo esse tempo até aqui, eu sou vestígios de um caçador de nuvens.

Desde a primeira página, desejos por lugares inéditos me fizeram fugitivo.

Curiosidades por mundos bastardos me fizeram sonhador.

Toda viagem é fuga.

Toda fuga exige certa coragem em sonhar.

É em fugas e sonhos que crio *mundos bastardos*.

entre fuga e sonho: mundos bastardos e paisagens pequenas, *depois de um tempo, que não sei dizer qual será, quero voltar.*

Voltar aqui ao fim dessas páginas, por que o fim será um pequeno começo.

Voltar depois de compartilhar, ouvir, ser viajante pra fora da academia, circular paisagens e escutar.

Escutar e depois voltar. Entrelaçar e depois voltar, pra contar o que me ensinaram.

Respirar e pausar.

Depois voltar, e voltar, e em cada canto que for, deixar um pouco de bagagem, pra vida ser mais leve.

É preciso deixar ir, pra depois, ah deixa o depois pra depois...vou tirar um sono e no sonho fugir e na fuga, sonhar...



REFERÊNCIAS:

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. Companhia das Letras, 2019. Disponível em <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=-GGiDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA2016&dq=adichie+o+perigo+de+uma+historia+unica&ots=ILYXJx3KnH&sig=ZQxzH9fE6jHE7dioq51z3juuOho> Acesso em 13 de junho de 2023

AGUIAR, Hugo Matheus Rocha et al. Nos meandros da família: casamentos, transgressões e sobrevivência cotidiana no Grão-Pará (1750-1798). 2023. Disponível em: <http://repositorio.unifap.br/jspui/handle/123456789/1632> Acesso em 21 abril. 2025.

Arantes, A. A. (1994). A guerra dos lugares: sobre fronteiras simbólicas e liminaridades no espaço urbano. *Revista de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, 2, 190-203. Disponível em <https://app.docvirt.com/reviphan/pageid/8522> Acesso em 30 de setembro de 2024.

ARRUDA, Gilmar. Memórias e paisagens soterradas na transformação da natureza em terra. *Revista Trilhas da História*, v. 6, n. 11, p. 4-13, 2016.

BARROS, Wellington Rodrigues. e CHRISTINO, Daniel. A terceira margem da performance: questões inter-relacionadas ao ato narrativo. IN: Camargo, Robson Corrêa de.; Cunha, Fernanda.; Petronílio, Paulo. (Orgs.). *PERFORMANCES DA CULTURA: ENSAIOS E DIÁLOGOS*. Kelps, Goiânia-GO, 2015.

BENEDICT, Ruth. Padrões de cultura. Lisboa: Livros do Brasil, 2000.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. (Obras Escolhidas, v. 1).

_____. O Narrador: Considerações Sobre a Obra de Nikolai Leskov. In: Disponível em: *Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Editora Brasiliense, 1985. 1. ed. Obras escolhidas v.1. http://www.usp.br/cje/depaula/wp-content/uploads/2017/03/O-Narrador_Walter-Benjamin-1.pdf. Acesso em 27/11/2020.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1983 [1966], p. 69-100; p. 173-195.

BONA, Dénètem Touam. *A arte da fuga: dos escravos fugitivos aos refugiados*. São Paulo: Oficina Imaginação Política, 2017. Disponível em: <https://we.riseup.net/assets/507447/D%C3%A9n%C3%A8tem+Touam+Bona+A+Arte+da+Fuga:+dos+Escravos+Fugitivos+aos+Refugiado....pdf> Acesso em 02 de novembro de 2023.

BOURRIAUD, Nicolas. O uso do mundo. pag 79 -110. IN: *Pos-produção - Como a Arte Reprograma O*

- BOURRIAUD, Nicolas. O uso do mundo. pag 79 -110. IN: Pos-produção - Como a Arte Reprograma O Mundo Contemporâneo. Martins Fontes, 2000. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/380/o/bourriaud_nicolas_P%C3%B3s-Produ%C3%A7%C3%A3o.pdf. Acesso em 25/11/2023.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Os Gerais, o Sertão, o Cerrado: algumas anotações sobre um
- Bruno, F. (2014). Fotobiografia: uma proposta antropológica e estética. *Revista Espaço Acadêmico*, 14(163), 09-20. Recuperado de <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/26003> Acesso em 20 de junho de 2024
- BUARQUE, Cristovam. Mediterrâneos invisíveis: os muros que excluem pobres e aprisionam ricos. Editora Paz e Terra, 2016.
- CAIUBY NOVAES, Sylvia. A construção de imagens na pesquisa de campo em antropologia Iluminuras, Porto Alegre, v.13, n.31, jul./dez. 2012. p.11-29 Disponível em https://www.researchgate.net/publication/332582471_A_Construcao_de_Imagens_na_Pesquisa_de_Campo_em_Antropologia Acesso em 25 de janeiro de 2024
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. A presença do autor e a pós-modernidade em antropologia. 1988.
- CAVALHEIRO; ALBUQUERQUE; SILVA Amazônias: literaturas, histórias e outras invenções / organização Juciane dos Santos Cavaleiro, Gerson Rodrigues de Albuquerque, Allison Marcos Leão da Silva. – Rio Branco: Nepan Editora; Edufac, 2020. Disponível em <http://www2.ufac.br/editora/livros/AMAZONIAS.pdf> acesso em 17 de agosto de 2024
- COESSENS, K. A arte da pesquisa em artes - traçando práxis e reflexão. ARJ – Art Research Journal / Revista de Pesquisa em Artes, v. 1, n. 2, p. 1-20, 11. 2014. <https://periodicos.ufrn.br/artresearchjournal/article/view/5423> Acesso em 10 de agosto de 2023.
- CONVENÇÃO DA BIODIVERSIDADE <https://www.gov.br/mma/pt-br/assuntos/biodiversidade-e-biomas/publicacoes/6rn>
- COUCHOT, Edmond. As ciências cognitivas e a pesquisa na criação artística e estética. ARS (São Paulo), v. 10, n. 20, p. 86-95, nov. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2178-0447.ars.2012.64425> Acesso em 20 de maio de 2023
- DA SILVA, Cristhyan Kaline Soares. Etnografando paisagens: entre serras e baixões no sudoeste do Piauí. Anais da ReACT-Reunião de Antropologia da Ciência e Tecnologia, v. 5, n. 5, 2022. Disponível em <https://ocs.ige.unicamp.br/ojs/react/article/view/3763>, Acesso em 15 de maio de 2023
- DA SILVA, Telma Borges. A escrita bastarda de Salman Rushdie. 2006. Disponível em <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ALDR-6WEPOG> Acesso em março de 2025
- DAMASIO, A. C. S. Fazer-Família e Fazer-Antropologia uma etnografia sobre cair pra idade, tomar de conta e posicionalidades em Canto do Buriti-PI. 2020. 206 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020. Disponível em <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/03c975e1-8b52-4415-b047-15bcbdc9011> Acesso em 28 de abril de 2023

DAMATTA, R. O ofício do etnólogo, ou como ter “Anthropological Blues”. In: Publicações do programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, 1974. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/bmna/article/view/49240> Acesso em 25 de abril de 2024.

DE ANTONI, Andrea. DUMOUCHEL, Paul. The Practices of Feeling with the World:

DE LIMA, Nei Clara. Os crespos do sertão. O Público e o Privado, v. 4, n. 7 jan. jun, p. 151-169, 2006.

DE SOUZA REZENDE, Wagner; BENATTI ALVIM, Angélica Tanus. FotoMapa: cartografia afetiva de Ciudad Bolívar, Bogotá. In: XI Seminario Internacional de Investigación en Urbanismo, Barcelona-Santiago de Chile, Junio 2019. Departament d’Urbanisme i Ordenació del Territori. Universitat Politècnica de Catalunya, 2019. Disponível em <https://upcommons.upc.edu/bitstream/handle/2117/171667/6928-8353-1-PB.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em 5 de maio de 2023

DIAS, Luciene de Oliveira. Aquilombamento. Goiânia: Cegraf UFG, 2022.

DIAS, Luciene de Oliveira; FREIRE, Ralyanara Moreira. Mulheres em movimento e expressões na construção do viver-Cerrado: Women moving and expressions in doing living-Cerrado. Elisee: Revista de geografia da UEG, v. 9, n. 2, p. 922014-922014, 2020. <https://biblat.unam.mx/es/revista/elisee-revista-de-geografia-da-ueg/articulo/mulheres-em-movimento-e-expressoes-na-construcao-do-viver-cerrado-women-moving-and-expressions-in-doing-living-cerrado> Acesso em 01 de maio de 2025

DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tocam o real. PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG, p. 206-219, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/15454>. Acesso em: 15 de junho de 2023.

Domingues, Álvaro. (2001). A paisagem revisitada. Finisterra, 36(72). Disponível em <https://doi.org/10.18055/Finis1621>, Acesso em 22 de maio de 2024

DOS SANTOS, Antônio Bispo; PEREIRA, Santídio. A terra dá, a terra quer. Ubu Editora, 2023.

EDMUND, Leach. Sistemas Políticos da Alta Birmaníia: um estudo da estrutura social Kachin. Sao Paulo: EDUSP, 1996.

FIGUEIRÓ, Iêda. Do íntimo ao coletivo: Figueira Infinita em busca da plenitude ontológica. 2021. 181 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021. Disponível em <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/cbbfa23e-bf92-4256-8962-ae55918c6e7c> Acesso em 20 de abril de 2023

FRAUZINO, Christiane Cavalcante. Vultos de vestígios—a poética de uma lembrança. 2015.

Gheirart, Oziel. O tratado antropeótico. 2015. 183 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015 Disponível em https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/PUC_SP-1_7d282267677f6506c957822f2a003850 Acesso em 9 de maio de 2025..

GIDDENS, Anthony. Mundo em descontrolo: o que a globalização está fazendo de nós. Rio de Janeiro. Record, 2003.

GODOLPHIM, Nuno. A fotografia como recurso narrativo: problemas sobre a apropriação da imagem enquanto mensagem antropológica. Horizontes Antropológicos, v. 2, n. 01, p. 161-185, 1995.

GOMES, E. Corpos que gingam: comunicação e persistência cultural na capoeira Angola. 2023. 229 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Faculdade de Informação e Comunicação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2023. Disponível em <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/30950a2a-c13b-4cbe-b73e-c2bf75534ea2> Acesso em 10 de junho de 2024.

GONÇALVES, Eliane. Renovar, inovar, rejuvenescer: processos de transmissão, formação e permanência no feminismo brasileiro entre 1980-2010. 2016. Revista Brasileira de Sociologia, Vol. 4, Nº. 7, 2016 jan.-jun. | As dimensões sociológicas da desigualdade social no Brasil), págs. 341-370. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5896091>. Acesso em 25/11/2020.

GONÇALVES, Eliane. Vidas no singular: noções sobre mulheres 'sós' no Brasil contemporâneo. Campinas, 2007. Tese de doutorado (IFCH/Unicamp).

GONÇALVES, Fernando do Nascimento. Sons da Cidade. IN: FREITAS, Ricardo Ferreira. e NACIF, Rafael. Rio de Janeiro. EdUERJ, 2007. pag 53-77.

GUERRA, Isabel. Modos de vida: novos percursos, novos conceitos. In: Sociologia - problemas e práticas (13), 1993, p. 59-74.

GUERREIRO, Nelson. Estás onde? Reflexões sobre autobiografia e auto-ficção nas práticas artísticas contemporâneas. Cadernos PAR, v. 11, n.4, mar. 2011, p.125-138. Disponível em: https://iconline.ipleiria.pt/bitstream/10400.8/407/1/Par4_art10.pdf Acesso em 15 de outubro de 2023

HAN, Byung-Chul. Sociedade do cansaço. Editora Vozes Limitada, 2015.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. Cadernos pagu, n. 5, p. 7-41, 1995. <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773> Acesso em 17 de abril de 2025

HAUAI, Karime Amaral. A inserção do bastardo na relação Oriente Ocidente. 2012. Disponível em https://btdt.ibict.br/vufind/Record/UFF-2_93296934579150e11c21916196d3daa4. Acesso em 18/04/2025

IBGE 2023. Proposta metodológica para classificação dos espaços do rural, do urbano e da natureza no Brasil / IBGE, Coordenação de Geografia. - Rio de Janeiro : IBGE, 2023. 174 p. : il. color. - (Investigações experimentais. Informações Geocientíficas Experimentais). Disponível em <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102019.pdf> Acesso em 01 de setembro de 2023

IBGE, 2022. Censo Demográfico. Disponível em : <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/saude/22827-censo-demografico-2022.html> Acesso em 8 de maio de 2024

IMB. INSTITUTO MAURO BORGES. Índice Multidimensional da Carência das Famílias (IMCF). Disponível em: https://goias.gov.br/imb/wp-content/uploads/sites/29/2024/09/Estudo_007_2024_indice_multidimensional_de_carencia_das_familias.pdf Acesso em: 30 de abril de 2024

INGOLD, Tim. Caminhando com dragões: em direção ao lado selvagem. Cultura, percepção e ambiente: diálogos com Tim Ingold. São Paulo: Editora Terceiro Nome, p. 15-29, 2012. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5509657/mod_resource/content/2/INGOLD%2C%20Tim.%20Caminhando%20Com%20Drag%C3%B5es.%20Em%20dire%C3%A7%C3%A3o%20ao%20lado%20selvagem.pdf . Acesso em: Fevereiro de 2024

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. Horizontes antropológicos, v. 18, p. 25-44, 2012.

IPCC. Painel Intergovernamental sobre Mudança do Clima, 2023. Relatório Síntese do Sexto Relatório de Avaliação do IPCC. Governo do Brasil - Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação. 2023. Disponível em: https://www.gov.br/mcti/pt-br/acompanhe-o-mcti/sirene/publicacoes/relatorios-do-ipcc/arquivos/pdf/copy_of_IPCC_Longer_Report_2023_Portugues.pdf. Acesso em: 13/05/2024

jardim da vida. Disponível em: <https://apartilhadavida.com.br/>. Acesso: 26 jul. 2024.

KRENAK, Ailton. Desnaturada. In: Desnaturada: cultura e natureza. KRENAK, Ailton. PIÚBA, Fabioano (orgs.) Fortaleza: SeCult Ceará, 2022. Disponível em: <https://www.secult.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/43/2023/01/Livro-Desnaturada-2022.pdf> Acesso em 15 de outubro de 2024

KUSCHNIR, Karina. Antropologia e política. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 22, p. 163-167, 2007.

Latour, B., & Sampaio, T. M. T. (2012). A ECOLOGIA POLÍTICA SEM A NATUREZA?. *Projeto História : Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História, 23*. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10667> . Acesso em: 10 de setembro de 2024.

Leão, Raimundo Matos de, 1950- Orum Ayê: um mito africano da criação / Raimundo Matos de Leão; ilustração Andrés Sandoval. – 1.ed. – São Paulo: Scipione, 2014

Lenclud, Gérard. « 1. L'ethnologie et le paysage ». Paysage au pluriel, édité par Claudie Voisenat, Éditions de la Maison des sciences de l'homme, 1995, Disponível em <https://doi.org/10.4000/books.editionsmsh.654> Acesso em 20 de maio de 2025

LÉVI-STRAUSS, Claude. A ciência do concreto. In: O pensamento selvagem. Campinas: Papyrus, 1989. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3905064/mod_folder/content/0/Pensamento%20Selvagem003.pdf?forcedownload=1. Acesso em 25/10/2023

LÉVI-STRAUSS, Claude. Antropologia estrutural. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991.

LUCIANO, Gersem José dos Santos . As contribuições dos povos indígenas para o desenvolvimento da ciência no Brasil. Ciência e Cultura, v. Set/2022, p. 1-10, 2022.

MAGALHÃES, Nancy Alessio. Terra memória, imagem e raízes da vida. TEXTOS DE HISTÓRIA Revista do Programa de Pós-graduação em História da UnB., v. 12, n. 1-2, p. 191-222, 2004. Disponível em: <https://periodicostestes.bce.unb.br/index.php/textos/article/view/27869> Acesso em 30 de março de 2024

MAPBIOMAS, 2023. <https://brasil.mapbiomas.org/2023/12/13/territorios-quilombolas-estao-entre-as-areas-mais-preservadas-no-brasil/>

MARTINS, José de Souza. A fotografia e a vida cotidiana: ocultações e revelações. In: PAIS, José Machado. CARVALHO, Clara. GUSMÃO, Neusa Mendes de (orgs.). O visual e o cotidiano. Lisboa: ICS, 2008. pp.33-58

MAUSS, Marcel. Esboço de uma teoria geral da magia. In: Antropologia e Sociologia. São Paulo: Cosac e Naify, 2003.

MDHC, 2023. https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/populacao-em-situacao-de-rua/publicacoes/relat_pop_rua_digital.pdf . acesso em 06 de julho de 2024 - gráfico
<https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiY2IyZTI5NTQ0tNWRhZC00ODhhLWlyZTETzjEzZDk2N2E0YzQ2IiwidCI6ImZiYTViMTc4LTNhZjEtNDQyMC05NjZiLWJmNTE2M2U2YjFkYSJ9>

Mendes, J. (2020). O “Antropoceno” por Paul Crutzen & Eugene Stoermer. *Anthropocenica. Revista De Estudos Do Antropoceno E Ecocrítica*, 1. <https://doi.org/10.21814/anthropocenica.3095>

MINNER, Horace. O ritual do corpo entre os Nacirema. *American Anthropologist*, Arlington, v. 58, p. 503-507, 1956.

MMA - <https://www.gov.br/mma/pt-br/assuntos/biodiversidade-e-biomas#:~:text=O%20Brasil%20ocupa%20quase%20metade,e%20tr%C3%AAAs%20grandes%20ecossistemas%20marinhos.>

MONTAGU, Ashley. TOCAR, O Significado Humano da Pele. São Paulo: Summus, 1988. pág. 279-368.

MUMBUCA, Ana. Voo das abelhas da terra. Caderno de Leituras n.117. série intempestiva. 2017. (11p)

NATALINO, Marco Antonio Carvalho. Estimativa da população em situação de rua no Brasil. Texto para discussão, 2016. Disponível em https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/7289/1/td_2246.pdf acesso em 15 de maio de 2024

NEXO JORNAL. 2022. <https://www.nexojornal.com.br/grafico/2022/11/14/populacao-mundial-chega-a-8-bilhoes-segundo-a-onu>

OLIVEIRA, Rafaela. Personagens de montar: fotoetnografias com drag queens. Proa: Revista de Antropologia e Arte, Campinas, SP, v. 14, n. 00, p. e024002, 2024. DOI: 10.20396/proa.v14i00.17903. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/proa/article/view/17903>. Acesso em: 19 mar. 2025.

OYEWUMI, Oyeronke. Conceituando o Gênero: Os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. CODESRIA Gender Series. Dakar, CODESRIA, 2004.

PÃRÕKUMU, Umusi. Antes o mundo não existia. 1995. disponível em <https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/documents/P00184.pdf> Acesso em 21 de março de 2025

PASTORI, Érica Onzi. Companheiras indispensáveis: abelhas em crise, imaginário distópico e antropologia no Antropoceno. Horizontes Antropológicos, v. 29, n. 66, p. e660414, 2023.

PETERS, Gabriel. Pânico da página em branco? Mais dicas do Tio Agonia para desbloquear sua tese. Disponível em: <https://blogdosociofilo.com/2017/11/29/panico-da-pagina-em-branco-um-paragrafo-merda-por-dia-e-outras-dicas-para-desbloquear-sua-tese-por-gabriel-peters/> Acesso em: 20.07.2018.

PINTO, Bernardo de Moraes. Tempo da bestage: poéticas autobiogeográficas de coexistência. 2024. Disponível em <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/2820734c-95cc-4543-afd2-e6c973bb1adc> acesso em 05 de junho de 2025

PIRES, Ema; ESPERANÇA, Eduardo. Imagens em movimento e representações: desembrulhando imaginários coloniais. 2016. Disponível em <https://dSPACE.uevora.pt/rdpc/handle/10174/17632>. Acesso em 7 de abril de 2025.

PRADO, Ana Clara Ribeiro. Como contar as histórias do Antropoceno?: Ou, em busca de uma antropologia da vida. Anais da ReACT-Reunião de Antropologia da Ciência e Tecnologia, v. 5, n. 5, 2022.

QUINTILIANO, Marta. Redes afro-indígenaafetivas: uma autoetnografia sobre trajetórias, relações e tensões entre cotistas da pós-graduação stricto sensu e políticas de ações afirmativas na Universidade Federal de Goiás. 2019. Disponível em <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/e032bf2a-b23f-444b-917f-21c1a3b600e6> Acesso em 21 de março de 2023

RIBEIRO, O. C. Criatividade na pesquisa acadêmica: método-caminho na perspectiva de uma fenomenologia complexa e transdisciplinar. Revista da UFG. v.5, n.1, Jan./Jun., 2015, p. 189-215, Artigo 89 Dossiê ECOTRANS: Ecologia dos saberes e Transdisciplinaridade. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/teri/article/view/36356/18709> Acesso: em 15 de julho de. 2023

RIBEIRO, O. C. Criatividade na pesquisa acadêmica: método-caminho na perspectiva de uma fenomenologia complexa e transdisciplinar. Revista da UFG. v.5, n.1, Jan./Jun., 2015, p. 189-215, Artigo 89 Dossiê ECOTRANS: Ecologia dos saberes e Transdisciplinaridade. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/teri/article/view/36356/18709> Acesso: em jul. 2019.

RIBEIRO, Sidarta. A terra e os Sonhos. In: Desnaturada: cultura e natureza. KRENAK, Ailton. PIÚBA, Fabioano (orgs.) Fortaleza: SeCult Ceará, 2022. <https://www.secult.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/43/2023/01/Livro-Desnaturada-2022.pdf> Acesso em 20 de outubro de 2024

- RINCÓN, Omar. O popular na comunicação: o alfabeto: culturas bastardas+ cidadanias celebrities. Revista Eco-Pós, v. 19, n. 3, p. 27-49, 2016. Disponível em https://ecopos.emnuvens.com.br/eco_pos/article/view/5420 Acesso em 21 de março de 2025
- ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Antropologia das formas sensíveis: entre o visível e o invisível, a floração de símbolos. Horizontes antropológicos. Porto Alegre, RS. Vol. 1, n. 2 (jul. 1995), p. 85-92, 1995. Disponível em <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/247325> Acesso em: 12 de setembro de 2024
- RODRIGUES, M. A. A. AUTOBIOGEOGRAFIA COMO METODOLOGIA DECOLONIAL. Campinas: ANPAP/PUC - Campinas, 2017. v. 26. p. 3148-3163.
- RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso . O espaço autobiográfico em construção. PARALELO 31 , v. 1, p. 138-167, 2021.
- _____. Desde que Partiu: das Ilhas aos Abismos e Horizontes. In: 28o. Encontro Nacional da Anpap - ORIGENS (Comunicação oral de artigo), 2019, Cidade de Goiás. Anais do 28o. ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS. Goiânia: UFG, 2019. p. 1670-1689. Disponível em: https://www.academia.edu/41831847/Programa%C3%A7%C3%A3o_do_28o_Encontro_Nacional_da_Anpap_Cidade_de_Goi%C3%A1s Acesso em 25 de março de 2023
- _____. Pesquisa autobiográfica em Arte: Apontamentos Iniciais, In: Revista Nós - Cultura, Estética & Linguagens, Vol. 06, N. 1 - 1o Semestre 2021. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/revistanos/article/download/11364/8348>
- ROY, Wagner. A invenção da cultura. Cosac Naify, São Paulo, 2010.
- SAMPAIO, Márcia Valéria Faria. Fora do lugar: bastardia e exílio em Dois irmãos, de Milton Hatoum. 2017. Disponível em https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFG-2_b257d5438a82baf471899e50293523f8 Acesso em 21/04/2025
- SANT'ANA, Matheus Vilas Boas de. GONÇALVES, Eliane. Sociologia dos modos de vida: uma revisão de literatura. Relatório Final de Iniciação Científica, UFG. 2018.
- SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, v. 1, 2006. Disponível em <https://sites.usp.br/fabulacoesdafamiliabrasileira/wp-content/uploads/sites/1073/2022/08/A-natureza-do-Espaco.pdf> Acesso em 19 de agosto de 2024
- SENA, Custódia Selma. Em favor da tradição, ou, falar é fácil, fazer é que são elas. Série Antropológica nº63. Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de Antropologia, 1987
- SENA, Custódia Selma. Uma narrativa mítica do sertão. Avá, n. 17, p. 0-0, 2010. Disponível em: http://www.scielo.org.ar/scielo.php?pid=S1851-16942010000200005&script=sci_arttext&tlng=en . Acesso em: Fevereiro de 2024
- SENA, Custódia Selma; LIMA, Nei Clara. Regiões e regionalismos. Cidades: relações de poder e cultura urbana. Goiânia: Editora Vieira, 2005.

SENA, Custódia Selma; LIMA, Nei Clara. Regiões e regionalismos. Cidades: relações de poder e cultura urbana. Goiânia: Editora Vieira, 2005.

SENA, Selma. O SERTÃO COMO Imaginação. Anais da 63 Reunião da SBPC, Goiânia-GO, Julho de 2011. em: http://www.sbpnet.org.br/livro/63ra/resumos/PDFs/arq_1070_209.pdf. Acesso em: 20 de Fevereiro de 2024

SENA, Selma. O SERTÃO COMO Imaginação. Anais da 63 Reunião da SBPC, Goiânia-GO, Julho de 2011. em: http://www.sbpnet.org.br/livro/63ra/resumos/PDFs/arq_1070_209.pdf. Acesso em: 20 de Fevereiro de 2024

[Silva, Ana Claudia Matos da](#). Uma escrita contra- colonialista do quilombo Mumbuca Jalapão – TO. Dissertação (mestrado) — Universidade de Brasília, Centro de Desenvolvimento Sustentável, Departamento de Antropologia, Faculdade de Educação, Faculdade UnB Planaltina, Instituto de Ciências Sociais, 2019.

SILVA JÚNIOR. Amazônia: literaturas, histórias e outras invenções / organização Juciane dos Santos Cavalheiro, Gerson Rodrigues de Albuquerque, Allison Marcos Leão da Silva. – Rio Branco: Nepan Editora; Edufac, 2020. Disponível em <http://www2.ufac.br/editora/livros/AMAZONIAS.pdf> acesso em 17 de agosto de 2024

SILVEIRA - Carlos Eduardo Ribeiro Silveira. Fernanda Silva Freitas. Mendonça de Mattos. DA CARTOGRAFIA AFETIVA À ANÁLISE URBANA: Olhares fenomenológicos sobre a Rua Halfeld. Anais XVIII ENANPUR 2019. Disponível em <http://xviiienanpur.anpur.org.br/anaisadmin/capapdf.php?reqid=1365> Acesso em 25 de junho de 2023

SIMMEL, G. A FILOSOFIA DA PAISAGEM. Política & Trabalho: revista de ciências sociais, [S. l.], v. 12, p. 15–24, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/politicaetrabalho/article/view/6380> . Acesso em: 27 mar. 2024.

SIMMEL, Georg et al. A metrópole e a vida mental. O fenômeno urbano, v. 2, p. 11-25, 1973. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4586067/mod_resource/content/1/SIMMEL%2CGeorg_A%20metropole%20e%20a%20vida%20mental.pdf Acesso em: 07 de agosto de 2023.

SODRÉ, Muniz Pensar nagô / Muniz Sodré. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2017. Edição digital.MUI Disponível em <https://doceru.com/doc/n5cc8s0>, Acesso em maio de 2023

TORRES, Lía Vallejo; DE OLIVEIRA DIAS, Luciene. Corpo-território e urbanidade: performance como proposta dialógica e de cura. Revista Periódicos, v. 1, n. 18, p. 25-40, 2022. Disponível em <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicos/article/view/49924> Acesso em 17 de maio de 2025.

Towards an Anthropology of Affect, the Senses and Materiality Introduction. Disponível em https://www.jstage.jst.go.jp/article/jrca/18/1/18_91/_pdf/-char/en Acesso em 25 de maio de 2024.

TSING, Anna L. Terra perseguida pelo homem. Anna L. Tsing, Viver nas Ruínas: Paisagens Multiespécies no Antropoceno. Brasília: IEV Mil Folhas, p. 203-222, 2016.

TSING, Anna Lowenhaupt. O Antropoceno mais que humano. *Ilha Revista de Antropologia*, v. 23, n. 1, p. 176-191, 2021.

VALVERDE, Monclar. A instituição do sensível. In: SOULAGES, François [et al], organizadores. *O sensível contemporâneo*. Salvador: UFBA, 2010.

VIANA, Cynthia Maria Jorge. A tessitura do ensaio em Theodor W. Adorno. 2015. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFG-2_7ddcab8e46c1c7e83f231a0bfe5a426c Acesso em 21/04/2025

VIANNA, Arnaldo Rosa. Como plagiar sem perder a originalidade. O discurso dialógico de Bakhtin e o estatuto do bastardo-Em memória de Réjean Ducharme. *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso*, v. 14, p. 125-149, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bak/a/PTMWHPSs6cRMFwxPhLyRpFH/> Acesso em: 27 de Abril de 2025

VIEIRA, Suzane de Alencar. O Astro do Tempo e o fim da Era: a crise ecológica e a arte de assuntar entre os quilombolas do Alto Sertão da Bahia, 2015. Disponível em <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/o-astro-do-tempo-e-o-fim-da-era-a-crise-ecologica-e-a-arte-de-assuntar-entre-os-quilombolas-do-alto-sertao-da-bahia-2/> acesso em 23 de fevereiro de 2025

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Desenvolvimento econômico e reenvolvimento cosmopolítico: da necessidade extensiva à suficiência intensiva. *Sopro*, v. 51, p. 3-10, 2011.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo; DANOWSKI, Déborah. *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2014.